

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“FILMES NA ESCOLA:

Uma abordagem sobre o uso de audiovisuais
(vídeo, cinema e programas de TV) nas aulas de
Sociologia do Ensino Médio.”

Autora: MARIA ADÉLIA ALVES

Orientadora: Prof^a Dr^a PATRIZIA PIOZZI

Este exemplar corresponde à redação final da
dissertação de Mestrado defendida por Maria Adélia
Alves e aprovada em Comissão Julgadora.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____
(Orientadora)

Comissão Julgadora:

Campinas, dezembro de 2001

© by Maria Adélia Alves, 2001.

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

AL87f Alves, Maria Adélia
 Filmes na escola: uma abordagem sobre o uso de audiovisuais (vídeo,
 cinema e programas de TV) nas aulas de Sociologia do ensino médio /
 Maria Adélia Alves. - - Campinas, SP : [s.n.], 2001.

 Orientador: Patrizia Piozzi.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
 Faculdade de Educação.

 1. Cinema na educação. 2. Ensino de segundo grau. 3. Educação.
 4. Ciências Sociais. 5. Escolas. 6. Recursos audiovisuais. I. Piozzi, Patrizia.
 II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

01-0171-BFE

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

“FILMES NA ESCOLA:

Uma abordagem sobre o uso de audiovisuais
(vídeo, cinema e programas de TV) nas aulas de
Sociologia do Ensino Médio.”

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre à Banca
Examinadora da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Autora: MARIA ADÉLIA ALVES

Orientadora: Prof^a Dr^a PATRIZIA PIOZZI

Campinas, dezembro de 2001

RESUMO

Este trabalho visa investigar as possibilidades de utilização dos discursos audiovisuais no processo de ensino da Sociologia no Ensino Médio. A investigação foi realizada, com professores dessa disciplina da Rede Pública Estadual de Ensino na cidade de Campinas, a partir de entrevistas abertas sobre a importância dada às imagens em movimento e sua utilização e relevância na escola.

Através da análise dos relatos desses professores sobre seus trabalhos com audiovisuais, principalmente filmes e programas de TV, constatou-se as dificuldades e incertezas defrontadas por estes na escolha, reflexão e análise dos filmes utilizados. Dificuldades encontradas, principalmente, ao lidarem com a linguagem do audiovisual dentro da escola e, também, por não terem noção do alcance, dos limites e das possibilidades desta forma de expressão dentro da sala de aula em seu trabalho. Além disso, foi possível perceber um grande distanciamento da instituição escolar com relação aos discursos audiovisuais, suas possibilidades e limites.

A abordagem feita sobre as experiências desses professores apontou para a necessidade, ao se utilizarem das linguagens audiovisuais em suas aulas, de uma reflexão e abordagem mais criativa, sensível, argumentativa, baseada no diálogo, não se limitando ao uso de filmes como mero recurso auxiliar didático. Mas, o contato com esse discurso áudio-imagético, que traz outros modos de perceber e conhecer de forma prazerosa, apontou também para a necessidade de uma abordagem aberta, a todo momento repensada, preparada para o novo e para o aparecimento de diferentes idéias e opiniões, para que o filme e a reflexão realizada sobre ele extrapolem os limites da escola, sem restrições quando ultrapassarem as expectativas e o conteúdo da disciplina, não determinando ou limitando o pensamento dos alunos, mas estruturando suas subjetividades de forma responsável e reflexiva, tornando o espaço escolar um lugar para o conhecimento, e para o exercício da interdisciplinaridade, da pluralidade e da “reflexão comunicativa”.

ABSTRACT

This work aims to investigate the possibilities of the use of audiovisual means in the process of teaching Sociology in the Secondary School. The research was done with teachers of this discipline of the Public Schools of the State in the city of Campinas, from open interviews about the importance given to the moving images and its use and relevance in the schools.

Through the analysis of the statements given by these teachers about their work with audiovisual means, mainly films and TV shows, we could verify the difficulties and uncertainties faced by them during the process of choice, consideration and analysis of the films. The difficulties were, mainly, in dealing with the language of the audiovisual means inside the school and also the lack of knowledge of the scope, limits and possibilities of this form of expression inside the classroom. Besides, we could see a great distance between the school as an Institution and the audiovisual media and its possibilities and limits.

The approach made on these teacher's experiences pointed to the need, when they use audiovisual means in their classes, of a reflection and a more creative, sensitive, argumentative (based on dialogue) approach, not limiting the use of films as a mere secondary teaching device. On the contrary, when they take advantage of this audiovisual expression it brings other ways of learning in a pleasant manner. It also pointed to the need of a more open approach, always well thought and prepared for the new and for the appearance of different ideas and opinions, so that the film and the reflections resulted from it can go beyond the school limits, without censorship when they overcame the expectations and content of the discipline, not limiting nor determining the students' minds, but ordering their subjectivities in a responsible and reflective way, making the school a place for knowledge, interdisciplinarity, plurality and the reflection of the communications.

*Com muito Amor,
Dedico este trabalho ao Sr. Juvêncio e a Sr^a. Deolinda,
meus pais, que me deram a
“VIDA”.*

*E, em especial,
ao Guilherme,
meu sobrinho, que me lembrou sobre o significado
da “Persistência” e da “Alegria”.*

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. PATRIZIA PIOZZI, que sempre foi solícita, atenta, presente e paciente comigo, em todos os momentos importantes deste trabalho, e com quem pude contar com o apoio para sua realização.

À Prof^a. Dr^a. Cristina Bruzzo, que através de suas idéias, despertou meu interesse para esse tema, iniciando-me nos primeiros passos deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Milton José de Almeida, pelas críticas pertinentes ao trabalho no momento da Qualificação, e ao Grupo OLHO, onde encontrei um campo vivo de reflexão.

Ao Prof. Dr. Wencesláo Machado de Oliveira Jr. por ter, através de seus escritos, ajudado a conduzir esta dissertação.

À Prof^a. Dr^a. Áurea Maria Guimarães e ao Prof. Dr. Reginaldo Carmello Correa de Moraes, pela gentileza de terem aceitado a condição de suplente na Banca Examinadora da defesa.

Aos professores das disciplinas que cursei, pelas boas sugestões e idéias apresentadas, durante o decorrer de meu curso.

A todos os funcionários da Faculdade de Educação, em especial a secretária do DECISAE, funcionários da recepção, da Secretaria da Pós-Graduação e da Biblioteca da Faculdade de Educação pelos auxílios prestados.

Ao CNPq pelo apoio financeiro durante 24 meses.

A todos os meus amigos e colegas com quem pude apresentar e discutir aspectos de minha Dissertação.

À minha família.

Agradeço a minha mãe e a meu pai pelo apoio, amparo e paciência sem limites, em todas as circunstâncias.

E a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

Campinas, dezembro de 2001.

ÍNDICE

	página
APRESENTAÇÃO	1
CAPÍTULO I	9
DO APARATO TÉCNICO NECESSÁRIO	12
DA MOTIVAÇÃO PARA O USO	14
DA IMPORTÂNCIA DO QUESTIONAMENTO DA MÍDIA	16
DA ESCOLHA DO FILME PARA A AULA	30
DA ABORDAGEM DAS IMAGENS EM SALA DE AULA	44
DAS DIFICULDADES ENCONTRADAS	49
DA IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE FILMES EM SALA	59
EM BUSCA DE UMA BREVE PAUSA.....	63
CAPÍTULO II	67
DA ANÁLISE REFLEXIVA BASEADA NA SOCIOLOGIA	71
DA PRESENÇA DE FILMES NA ESCOLA PARA ALÉM DA ABORDAGEM INSTRUMENTAL, COM FINS UTILITÁRIOS E PRAGMÁTICOS	87
DA ESCOLA ENQUANTO O LUGAR DO DIÁLOGO	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137

APRESENTAÇÃO

O surgimento e o desenvolvimento cada vez mais rápido e intenso dos audiovisuais, com suas técnicas, habilidades e funções cada vez maiores e diferentes, em nosso mundo, faz com que a vida das pessoas esteja totalmente envolvida por eles, criando crescentes relações de dependência. No espaço escolar, no entanto, isso não é diferente, o audiovisual entra na escola, interferindo na aula dos professores e influenciando os alunos de forma a envolvê-los, transformando seu modo de conhecer, pensar, agir e estar no mundo.

A educação formal tem por base a língua, a linguagem oral e escrita. As sociedades humanas se utilizam destas linguagens e também da linguagem audiovisual para as suas comunicações habituais e, sobretudo, para a elaboração de ideários políticos, religiosos, sociais e culturais que determinam a “hegemonia” dos grupos dirigentes sobre a massa¹. Essas sociedades também criam objetos e imagens, elaboram e definem modos de condutas, gestos, expressões, sentimentos e atitudes que também participam da legitimação dessas idéias e da pressão sobre todos os indivíduos sociais, colaborando para a produção e instalação de um viver e de uma visão de mundo que penetra e influencia a instituição escolar direta ou indiretamente. A escola, com seus métodos, didáticas e técnicas participa efetivamente do projeto político pedagógico de seu tempo. Embora, enquanto instituição, seja um dos lugares de reprodução do “status quo”, há em seu interior a possibilidade da crítica, da dúvida, da contestação.

A entrada da linguagem do audiovisual na escola trouxe consigo novos modos de ensinar, possibilidades de perceber e compreender. Podemos falar de uma educação por imagens, ou através das imagens, ou com imagens, presente na

¹ Cfr. a esse respeito, FRANCASTEL, Pierre. "Introdução: Sociologia da Arte e problemática do imaginário - pág. 6. in A REALIDADE FIGURATIVA: elementos estruturais de sociologia da arte. Editora Perspectiva, São Paulo, 1973.

formação dos indivíduos e de toda a sociedade, de forma muito próxima e atuante, seja na escola ou em qualquer outro ambiente ou instituição do espaço público. A escola sempre foi vista como o lugar da transmissão “planejada” do conhecimento e da formação do ser humano, para o trabalho e para a vida, e, por isso, a entrada do audiovisual nela colabora para a realização desta “formação integral”.

Os meios de comunicação, principalmente os que envolvem imagens, tem modificado as formas de pensar, agir, sentir e conhecer do ser humano, trazendo o que, a partir de então, vai ser pensado e tratado como realidade. “Constituído de fragmentos captados do mundo real, ele - o filme, o cinema - não mostra a realidade, afinal “as técnicas figurativas” não são apenas meios para criar imagens de um tipo específico, são também meios de perceber e de interpretar o mundo”². O homem foi e é completamente influenciado de acordo com o surgimento de novos meios, cada nova linguagem (por ex. pintura, fotografia, cinema, televisão, vídeo, etc.) gera novos hábitos e práticas, novos tipos de ação e de experiência que transformarão sua postura frente aos condicionamentos do mundo, sua percepção e compreensão da realidade social e histórica, e de si mesmo. “(...) toda modificação dos instrumentos culturais, na história da humanidade, se apresenta como uma profunda colocação em crise do “modelo cultural” precedente; e seu verdadeiro alcance só se manifesta se considerarmos que os novos instrumentos agirão no contexto de uma humanidade profundamente modificada, seja pelas causas que provocaram o aparecimento daqueles instrumentos, seja pelo uso desses mesmos instrumentos. A invenção da escrita, embora reconstituída através

² OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. A CIDADE (TELE)PERCEBIDA: em busca da atual imagem do urbano. Pág. 57. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação - Campinas, S.P., 1994.

do mito platônico, é um exemplo disso; a da imprensa, ou a dos novos instrumentos audio-visuais, outro.”³

Inovações de ordem técnica, tecnológica e física, que geram transformações no meio de produção e nas relações dos homens entre si e com seu trabalho, mudanças nos meios de transporte, transformações no imaginário social, nos valores e crenças, transformações nos modos de produção e nos próprios mecanismos do capitalismo e suas variantes, determinam mudanças no modo de perceber e conhecer o mundo, em grande medida, pelo uso que se faz delas e pelo modo de encontrar soluções e realizar ações para as situações vividas, remodelando, assim, a percepção e transformando os conhecimentos e a consciência humana.⁴

A televisão e o cinema são, ainda hoje, os grandes disseminadores e propagadores de imagens da atualidade, em grande parte responsáveis pelas informações que chegam ao conhecimento da maioria das pessoas numa sociedade.⁵ Ao assistir à TV ou ao ver um filme sentimos estar presentes ao acontecimento visto, muitas vezes chegando a nos pensar como uma “testemunha ocular” do ocorrido. A TV nos dá a impressão de estarmos “ao vivo”, no local mostrado, já o cinema nos envolve num clima de imaginação em que nossa consciência e nosso olhar é também o olhar que a tela mostra. Como nos diz Almeida: "No cinema, você senta, o seu olhar fixa-se na tela e as imagens farão, por

³ ECO, Umberto. APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS. Pág. 34. Editora Perspectiva, coleção debates, nº 19, 5ª edição, São Paulo, 1993.

⁴ Cfr. para as idéias que contribuíram neste parágrafo: ALMEIDA JR., João Baptista de. IMAGEM E CONHECIMENTO: análise das concepções representacionista e fenomenológica e suas implicações na educação. Pág.. 7. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, S.P., 1997.

⁵ OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. A CIDADE (TELE)PERCEBIDA: em busca da atual imagem do urbano. Pág. 8. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação - Campinas, S.P., 1994.

você, os movimentos que seu corpo e seu olhar fariam se você tivesse que realmente movimentar-se para ver tudo o que o filme mostra: voar, penetrar no solo, chegar perto, distanciar-se, e assim por diante. As câmeras filmaram o que o diretor do filme quis, o projetor do cinema joga-as na tela, para você seguir o olhar do filme como se fosse o seu."⁶

As imagens que chegam até nós são constantemente repetidas, criadas e recriadas, montadas e misturadas com ou sem intenções claras e conscientes, gerando efeitos em seus espectadores. Imagens e sons que juntos nos trazem informações, nos sensibilizam e nos emocionam, nos ajudam a conhecer, decifrar, perceber, nos informar, sobreviver e também iludir, enganar, dirigir, dominar e controlar.

Na escola todas essas "imagens fílmicas" são escolhidas, agrupadas e reagrupadas, ordenadas e classificadas dentro de um contexto sob um domínio visando alcançar objetivos, no caso de nossos entrevistados, a transmissão de um conteúdo sociológico pré-estabelecido, a apreensão deste por parte dos alunos de forma mais agradável e "perceptiva", ser geradora de discussões e capaz de aplacar os ânimos mais exaltados dos alunos durante as aulas. "Diferentemente da linguagem escrita, que desenvolve mais o espírito de análise, de rigor e de abstração, (...) a linguagem audiovisual treina múltiplas atitudes perceptivas, constantemente solicita a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo."⁷

⁶ ALMEIDA, Milton José de. CINEMA, ARTE DA MEMÓRIA E DA SOCIEDADE. Pág. 2-3.

⁷ BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN, Marie-France. OS NOVOS MODOS DE COMPREENDER: a geração do audiovisual e do computador. Pág. 107. Edições Paulinas, São Paulo, 1989.

Este trabalho visa investigar as possibilidades de utilização dos discursos audiovisuais no processo de ensino da Sociologia no Ensino Médio. A investigação foi realizada com professores dessa disciplina da Rede Pública Estadual de Ensino na cidade de Campinas, a partir de entrevistas abertas sobre a importância atribuída às imagens em movimento e sua utilização na escola.

Nossa pesquisa abordou filmes e programas de TV, pois, no momento da investigação, eram estes recursos audiovisuais oferecidos pela rede de ensino estadual das escolas estudadas. Uma investigação que implicasse um alargamento da dimensão do audiovisual, que abarcasse outras tecnologias e suas potencialidades não caberia dentro da realidade em que se encontravam e, por que não dizer, em que muitas ainda se encontram.

O estudo abordou a inserção do audiovisual na escola, especificamente nas aulas de Sociologia, observando sobre as transformações que este meio de comunicação gerou na escola e no modo de ensino, e refletindo sobre a influência da cultura imagética numa instituição controlada, direcionada, transmissora de conteúdos de forma linear, repleta de definições e certezas, como a escolar.

Acreditando que a entrada de produtos culturais, no caso aqui filmes e programas de TV, possa “abalar” as formas de ensino e das relações tradicionalmente estabelecidas na escola, procuramos localizar, em nosso trabalho, a influência e o alcance dos audiovisuais na educação e em que medida estes interferem na formação dos indivíduos na escola. Para tanto, este foi dividido em duas partes.

Ao longo do primeiro capítulo apresentamos de forma descritiva as entrevistas abertas realizadas com os professores de Sociologia das Escolas

estaduais de ensino da cidade de Campinas. Neste relato, procuramos abranger os posicionamentos dos entrevistados frente à utilização de filmes e/ou programas de TV em suas aulas, seus objetivos com isso, suas concepções a respeito dos audiovisuais e sua relação com a escola, suas principais dificuldades encontradas e suas análises dos resultados.

No segundo capítulo procuramos, através da reflexão sobre as palavras dos professores, abordar como estes tratavam o audiovisual em sala enquanto objeto da cultura, sua influência e interferência no processo de ensino e suas conseqüências.

CAPÍTULO I

Iniciamos nossa pesquisa entrevistando professores que lecionavam a disciplina de Sociologia em 1998 nas escolas estaduais na cidade de Campinas. Foram entrevistados 10 professores, cobrindo as 14 escolas que possuíam essa disciplina, dentre estes, dois não faziam uso de audiovisuais em suas aulas, sendo que apenas um deles demonstrou interesse em usá-los futuramente em seu trabalho. As entrevistas seguiram roteiro pré-estabelecido, com perguntas abertas possibilitando respostas em forma de depoimentos, sobre suas práticas com imagens em movimento em sala de aula. A partir dos resultados destas entrevistas evidenciou-se a importância dada à imagem, de uma forma geral, e à sua utilização, em quais condições dá-se seu uso e algumas dificuldades encontradas no uso de filmes por esses professores.

Através das entrevistas, buscamos ouvi-los e, por meio de suas falas, conhecer suas experiências e práticas no cotidiano escolar, suas imagens preferidas para serem usadas nas aulas de Sociologia, os caminhos encontrados e imaginados por eles ao se utilizarem de filmes em suas aulas.

Faremos aqui recortes das falas desses professores, na busca de construir um mosaico, procurando dar ou achar um sentido, criar uma história interpretando relatos de vivências, e assim escrever sobre falas, pensadas ou simplesmente expressas sem grandes reflexões, sobre imagens usadas em sala de aula, sobre suas ações.

Escreveremos sobre relatos de experiências em que o olhar do professor direciona o olhar do aluno buscando com isso que o aluno fale mais, questione. Nos deteremos nas opiniões e na prática de professores que ao se utilizarem de imagens em suas aulas esperam que seus alunos, após assistirem determinados filmes, falem, discutam, argumentem mais, se expressem oralmente em sala, ou

escrevam bem e mais em seus trabalhos, demonstrando terem capacidade de reflexão e “análise crítica” .

O texto a seguir diz sobre um certo tipo de olhar. O olhar que o professor de Sociologia tem sobre imagens fílmicas ou programas de TV escolhidos por ele para serem vistos por seus alunos em sala de aula.

O professor, pensado como um autor, que escolhe imagens e as coloca num determinado contexto escolar, e como um espectador privilegiado, com um senso de observação apurado e crítico, balizado na Sociologia, que permite discernir e se utilizar das informações dadas através de imagens e sons, é com sua prática fonte de conhecimento.

O professor é um autor, produtor e diretor de um momento. Dá uma forma para o que está ensinando, e, principalmente, para o "ato de ensinar". Cria e/ou recria imagens para o conteúdo ensinado. Escolhe os filmes que considera mais representativos daquilo que acredita ser a melhor forma, porque não é a única, do conteúdo sociológico e de sua transmissão. Transforma em imagens o tema escolhido, trazido e abordado em sala de aula. Geralmente ligado ao tema que está abordando em aula, é “aparentemente livre” na escolha do filme que utiliza seja para distrair, seja para ilustrar, seja para atrair, seja para completar e/ou complementar, seja para enriquecer seu trabalho de alguma forma.

O professor, autor e espectador, o é por uma escolha pessoal e deliberada. Escolha esta derivada de sua individualidade, de sua particularidade, de sua emoção, de sua história, de seus desejos, das pressões que sente oriundas da instituição escolar, dos pais, dos alunos para quem dá aula, da sociedade, de sua cultura, da posição social em que se encontra.

Quando traz um filme para a sala de aula o introduz num contexto determinado. A escola é uma instituição com história e tradição. É o lugar onde as pessoas aprendem a ler, escrever e fazer contas, a classificar, seleccionar, organizar, como devem pensar, se informam sobre a ordem e o funcionamento das coisas do mundo. Embora a imagem em movimento não seja um elemento totalmente novo na escola, ela é ainda pensada de maneira a provocar um certo estranhamento, algo que incomoda e traz muitas dúvidas. Podemos dizer que a escola ainda não absorveu totalmente e não integrou a linguagem do audiovisual no conjunto das informações que julga ser necessárias para a formação dos indivíduos que a freqüentam. E seus professores ainda encontram muitas dificuldades no tratamento das imagens, na introdução e aceitação desse elemento "moderno", atraente e fascinante que é representado pelos meios de comunicação, e no caso, aqui, pelos filmes e programas de TV.

DO APARATO TÉCNICO NECESSÁRIO

As escolas estudadas, públicas, geralmente oferecem recursos, equipamentos, mas é difícil viabilizar o uso desses. São equipadas com o mínimo necessário, possuindo na maioria dos casos videocassete, TV, biblioteca, sala para assistir vídeo, antena parabólica, videoteca que possui "algumas coisas, não tem muitas coisas não", como se apresenta na fala de uma das entrevistadas.

A instituição escolar se apresenta como moderna, progressista, voltada para o futuro, uma instituição com o olhar "pra frente". Aparentemente a escola é equipada com o básico da moderna tecnologia: TV, vídeo, antena parabólica, videoteca, etc. Mas o que se fazer com isso? Como coloca Bruzzo: "não é possível

desconsiderar as condições concretas de atuação dos educadores e a limitação que se impõe à criatividade e empenho profissional⁸. O equipamento tecnológico, sem o conhecimento mínimo para lidar com ele, sem uma base para seu uso, sem a criatividade do professor, em junção com problemas estruturais e conjunturais que dificultam e até mesmo inviabilizam o uso de audiovisuais em sala de aula, muitas vezes não tem em si muito valor.

São poucas aulas semanais, com curta duração cada uma. Professores dificilmente conseguem trabalhar em conjunto com outros professores. Diretores com metas diferentes impedem e/ou atrapalham o trabalho. Como se apresenta na fala de uma das professoras.

"Tem videoteca?"

Videoteca, até deve ter algumas coisas aí sim, algumas coisas que o Governo manda. Tem antena parabólica, mas esse ano eu tenho poucas aulas. São quatro aulas semanais: 3 de História, na 8ª série, e uma de Sociologia no 1º colegial, e eu não estou interagindo com a escola. E eu não sei exatamente até que ponto eles usam isso, e eu não sei como é essa videoteca. Na escola que eu estava, no ano passado, tinha uma videoteca boa, mas eu só fiquei sabendo, porque um dia eu pedi pelo amor de Deus para me darem as chaves dos armários, porque estava tudo fechado. Nunca ninguém usou aqueles vídeos, usava os vídeos que a gente mesmo tem em casa, eu tenho um monte de coisa em casa que eu já usei. Mas eu queria o tal do "Kaspar Hauser", aquele filme que eu te falei. Porque eu dava aula em duas escolas, no "Coreolano Monteiro", que ainda tem essa disciplina, e dava aula no "Jamil Gadia". No "Coreolano", eu fiz um trabalho com esse filme com a professora de Português. Ela mexeu com a questão da linguagem, e eu mexendo com a questão da cultura. Foi muito legal. Eu tentei fazer isto na outra escola e

⁸ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 134. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

na lista da videoteca tinha o filme, mas não estava ali, na hora de achar a fita... sumiu a fita. E era uma coisa fechada, ninguém usava, é tão complicado. Diretor pensa uma coisa, professor pensa outra... Em geral, eles pensam que estão fazendo um trabalho democrático, mas na verdade não estão coisa nenhuma, enfim, era uma escola meio complicada, muito racha dentro da escola, alguns grupos que pensavam de um jeito, outros pensavam de outro...

Havia muitos professores?

Tem bastante. Enfim, a coisa não rolou muito bem. A gente perdia muito tempo brigando. Várias facções ali dentro, e na hora de acontecer... não acontecia coisa nenhuma."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

Afinal o que dá para fazer com tão poucas aulas?

DA MOTIVAÇÃO PARA O USO

Contudo o gosto pelo cinema e a atração por filmes preservam o desejo e o interesse para trazê-los até seus alunos. Dificuldades de ordem financeira, pouco tempo destinado ao lazer são apontados como principais responsáveis pela dificuldade e impossibilidade de se ir ao cinema. Além disso, o pouco tempo em casa, sendo dividido entre o cuidado com os filhos e/ou destinado ao descanso, onde a TV é assistida como um passatempo, são colocados como fatores responsáveis pelo fato de assistirem poucos filmes pela TV ou em vídeo, e por um comportamento de baixo consumo, e por isso só o gosto pelo cinema, presente em suas vidas, ajuda no interesse e os motiva para que se utilizem de "imagens fílmicas" em suas aulas.

"O que você acha do cinema? Você gosta de assistir filmes?"

Eu acho que... eu gosto de assistir filmes, eu percebo que a força do cinema enquanto... é engraçado, que quando eu vou assistir um filme, eu saio de lá com a impressão de que aquele filme não valeu a pena, e depois, eu me vejo me reportando às imagens do filme, me identifico com alguma coisa que se passou no filme, mesmo que, no momento, eu não tenha valorizado aquilo. Eu acho que das diversões possíveis, a que eu mais gosto é cinema. Eu acho que a linguagem do cinema tem um poder de... se comunica muito fácil com a gente o cinema! É uma coisa muito... te envolve muito o cinema. Pena que eu tenho pouco acesso ao cinema."

"Tem alguma dificuldade para ir ao cinema, qual?"

Falta de dinheiro."

(Entrevista com Prof^a. Marta)

"Então, o que eu acho do cinema? Não gostar de cinema é muito difícil. Eu tenho visto poucos filmes por questões circunstanciais: criança pequena, grana curtíssima. Eu não devo ser a única. Tenho visto pouco mesmo, embora, isso me faça muita falta."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

"Eu adoro cinema. Acho um veículo que te leva a viajar. Você pode ir tanto para o inferno, quanto para o céu, vamos dizer assim, os dois extremos. Cinema eu acho legal. Um veículo fantástico capaz de nos transportar para muito além da imaginação."

"Você gosta de assistir filme?"

Eu gosto. Eu tenho uma dificuldade brutal porque eu morro de sono. Você vai ao cinema à noite, depois de trabalhar o dia inteiro, pode ser o filme mais interessante do mundo... não tem essa. Cochilar é o meu grande problema. Mesmo em casa, tem TV a cabo, mas...(..) Tinha meses que eu não conseguia assistir um filme, porque eu deito na cama, eu durmo. (...) Porque a hora que você vai ter é a noite mesmo, e à noite você já está quebrada. Fica complicado, mas sempre que dá eu curto."

(Entrevista com Prof^a. Ana)

Com isso o professor se depara com outras dificuldades, que o gosto pelo cinema, e os equipamentos na escola não são suficientes para superar.

Mesmo assim os professores em sua maioria se mostraram interessados na introdução de imagens em movimento em suas aulas e as utilizam cada um à sua forma e a seu gosto, um, dois, três, até cinco filmes durante o ano.

DA IMPORTÂNCIA DO QUESTIONAMENTO DA MÍDIA

Sem dúvida os professores estudados não pensam a escola como uma instituição fechada, sem relação com a sociedade e todas as instâncias político-econômicas e culturais que a integram, e sem relação com os meios de comunicação e com quem os domina, sem receber interferência destes meios, ou seja, completamente desvinculada do processo de comunicação social. Colocam assim a escola como um lugar importante para se tratar de assuntos, questões e temas relacionados à mídia e apresentados por ela.

"Qual na sua opinião é o papel da educação, da escola e do professor diante da mídia, dos meios de comunicação, e de seus produtos culturais? Você acha que esse tema, meio de comunicação, deve ser tratado na escola?"

Acho que sim, inclusive porque eles são bombardeados pelos meios de comunicação, e se você não der uma visão crítica, hoje em dia, eu passei da fase de ficar dizendo: eu sou a dona da verdade; eu tive disso, embora não seja muito bom para um sociólogo, mas eu até passei por isso, achando que eu tinha que doutrinar porque eles eram muito fraquinhos. Isso faz muito tempo. O que eu faço hoje é tentar dar subsídios para que eles pensem sozinhos. E tem que pensar sobre essas coisas, porque você é bombardeado, e é uma coisa extremamente antidemocrática. Você está recebendo aquilo, e

se você não tem o mínimo de crítica... é uma coisa extremamente totalitária, que lembra o totalitarismo. Então isso é muito sério. Você tem que tentar dar alguns subsídios, alguns elementos para que eles consigam discernir certas coisas."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

"Qual sua opinião sobre o papel da educação, da escola, ou do professor frente à mídia, os meios de comunicação?"

O papel é usá-los a nosso favor. Eu acho que o papel, eu acho que a gente tem que usar toda essa produção em nosso favor, reverter a coisa para o nosso lado, que é uma coisa meio complicada, mas é a única forma de a gente superar tudo isso, toda essa imagem. Nós estamos lá no século passado em termos de educação, e eu acho que o único jeito é tentar usar isso, reverter esse processo. "Ratinho livre", pega o "Ratinho Livre", traz para a sala de aula e mostra o que é isso, o que é a degradação, porque aquilo ali é uma degradação. Eu assisto "Ratinho Livre" sem preconceito nenhum, mas acho aquilo um horror, aquilo é um circo, parece os Gladiadores, um absurdo, as pessoas se expõem, vão lá expor para o Brasil inteiro o que está acontecendo dentro da sua casa, dá para entender isso? É uma degradação, então, mas ele assiste isso, então, vamos levar para a sala de aula e mostrar para ele. Por que ele gosta, tem prazer em ver a desgraça do outro?"

(Entrevista com Prof^a. Ana)

"Qual na sua opinião é o papel da educação, da escola, até mesmo do professor diante da mídia e dos produtos que ela apresenta?"

Eu acho que nós temos também que, muitas vezes, alertar os alunos para o tipo de produto que está sendo colocado para eles assistirem, até pegar um filme que pode até parecer ruim, péssimo. Mostrar para eles o que está por trás daquele filme ou daquele programa e estar colocando para eles como funciona a mídia. Dependendo da época, no 1º semestre por exemplo, eu coloquei para eles um pouco da questão do futebol, da Copa, porque pára tudo, porque tem que fechar tudo, o comércio tem que fechar, todo mundo tem que ir embora mais cedo para casa. Por que isso? E agora o que eu estou batendo bastante com eles é a questão das eleições. Estou pedindo para eles assistirem os programas eleitorais,

estou com texto em cima disso. O meu vídeo, eu perdi o manual e eu não sei como gravar nele, mas eu queria gravar alguns programas eleitorais e levar para eles, ou se coincidir, se a televisão não estiver conectada com a TV Escola, levar eles no horário eleitoral para assistir um pedacinho do horário e estar comentando com eles sobre isso. Pesquisas, como eles não tinham a mínima idéia de como se fazia uma amostragem para pesquisa, eu trouxe alguns textos para eles. Eu já bato bastante nessa questão. Agora eu estou trabalhando com as eleições, com eles."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

"Qual sua opinião sobre o papel da educação, da escola, e até mesmo do professor diante da mídia, dos meios de comunicação, e os produtos que elas fazem?"

Olha, eu acho sim, que a educação, eu vou pensar assim, os meios de comunicação como um produto social, uma realidade, uma dimensão social, é uma coisa a ser analisada do ponto de vista político, do ponto de vista não estético. É uma coisa a ser analisada (...)."

(Entrevista com Prof. José)

"Qual é o papel da educação, da escola, do professor diante da mídia e dos produtos culturais que a mídia produz? Mídia de um modo geral."

Eu acho que há uma falsa discussão nesse país, a ótica está invertida, quando eu falo que a educação é a saída, você encontrou uma vala, que não é comum, não é chão, é uma discussão séria, tem um significado social muito grande. Mas você não resolve o problema de um país, colocando uma pessoa, só na escola.(...) A escola é um aparato ideológico, nada está fechado e nada está totalmente... tudo é possível. Só que a escola interfere na sociedade e a sociedade interfere na escola. O que nós estamos vendo é que, criaram um modelo para o aparato escolar que não reflete a realidade.(...) Eu acho que tem que mexer com a estrutura econômica, com a estrutura da lei, com a estrutura das relações sociais, para que aí sim, o indivíduo possa atuar depois da escolaridade, porque senão, o cara não reflete nada. Eu acho que na questão da mídia, o papel da escola, ela é uma formadora de opinião. A maneira como eu me visto, como eu falo, como eu

trato a coisa pública, a maneira com que eu trato as pessoas. O professor tem esse papel, eu acho que eu sou uma pessoa que não vou ser um grande educador, não porque eu não queira, mas, é porque eu tenho que lutar muito mais pela sobrevivência por causa do salário, que é indigno para um professor, ao menos a minha função.(...) Então, eu acho que essa questão de educar, a gente é o formador de opinião, sim, a esperança está aqui e a desesperança pode estar aqui também.(...) Na questão da mídia, eu penso que a mídia tem um papel fundamental, eu não sou pela censura, eu acho que tem que ter do "Ratinho" ao "Gugu", como a TV Cultura. E hoje, pelo pouco que eu vejo e leio e tento refletir de uma maneira mais aprofundada, eu acho que hoje você tem uma sociedade televisiva interativa. Depois que surgiu o controle remoto eu não me levanto, é uma vida um pouco mais ociosa, porque gera um grande exercício você levantar para mudar o canal, hoje você está mais sedentário nisso, mas quando você tem o controle eu posso escolher. Eu estou percebendo que a massificação está dando mais espaço para esses programas que, na minha opinião, são piores para a formação da cidadania e da consciência, do que aqueles que, na minha opinião, são... uma televisão que leve a uma reflexão aprofundada, que me traga subsídios mais conseqüentes, que me leve a refletir, que compare as situações. Eu acho que a educação poderia estar por aí também. Alguns dizem que esses programas também educam, eu tenho minhas dúvidas se educam, não tenho nada contra as pessoas que estão lá, ganham muito mais do que eu, sorte deles, azar meu. Como cidadão, os valores podem estar até equivocados, mas a televisão tem um papel fundamental. Por que eu não vou falar do jornal? Porque o jornal pressupõe um outro comportamento disciplinar, quer dizer, você precisa ter um comportamento de leitura. O primeiro comportamento de leitura de uma cidadania é o jornal, o jornal te induz, te prepara, te educa pra você ler um livro, que é um outro patamar. O rádio perdeu muito, apesar de que o rádio é forte ainda, não nos centros urbanos, mas no interior ele ainda é mais forte que a televisão, mas hoje quem define um perfil da cidadania é a televisão, a mídia televisiva. E eu acho que ela teria um papel importante, eu sou muito crítico nessa questão da televisão, meus alunos, muitos gostam desses programas

que eu não gosto, e toda hora eu estou levando eles a refletirem, não estou falando que eles não devam assistir."

(Entrevista com Prof. Pedro)

Esses professores atribuem à mídia um grande poder, pois através dela as pessoas são "bombardeadas" por imagens, idéias, opiniões, pontos de vistas, ideologias, e não tem tempo de pensarem sobre aquilo que vêem. Por isso, acham importante passar para seus alunos alguns elementos para que eles tenham uma "visão crítica" para analisarem a ideologia presente na mídia. Pois a mídia, principalmente a TV, possui um grande poder de dominação, é formadora de opinião, é um lugar perigoso e portanto o papel do professor é "alertar seus alunos", é "tentar dar subsídios para que eles pensem sozinhos".

Fala-se muito hoje da falta de autonomia que se tem diante das imagens, da escravização que estas, através da mídia, nos impõem. E, por isso, trazer imagens para a sala de aula, e/ou criticar e analisar as imagens recebidas através da TV, principalmente, seria uma boa forma de se garantir o direito de escolha e de pensamento diante das imagens.

Podemos dizer que em nossa sociedade "adquire caráter de verdade instantânea aquilo que é mostrado, visto e ouvido"⁹, a semelhança com o real que as imagens em movimento possuem, contribuem para isso. Por isso a mídia, aqui no caso TV e cinema, adquire força, pois as imagens e sons possuem um caráter persuasivo, de coesão e imposição, apresentando-se como um discurso

⁹ ALMEIDA, Milton José de. IMAGENS E SONS: a nova cultura oral. Pág. 46. Coleção questões da nossa época, vol. 32, Editora Cortez, São Paulo, 1994.

momentâneo, real e envolvente. Discurso respaldado pelo poder da imagem¹⁰ que está em convencer e sensibilizar. Convencer, pois toda imagem é tida como uma prova da realidade, quem vê é sempre uma testemunha ocular do fato, daquilo que viu, e por isso é necessário ver para crer. E sensibilizar, pois a imagem tem a capacidade de seduzir e comover, nos atrai e nos toca, nos emociona. Pois tanto com o cinema quanto com a TV, por parte do espectador, "não há esforço mental significativo, há deslumbramento e aceitação. O impacto é emocional, afetivo, global"¹¹, a relação espectador-imagem não passa por uma construção racional, como numa leitura. Não há a possibilidade de uma imediata intervenção do espectador como acontece numa conversa, num diálogo.

Ressalta-se diante disso uma situação "perigosa" em que o espectador pode ser conduzido por um prazer visual, "levado" por imagens sem tempo para refletir sobre elas, pois seu pensamento segue uma forma reflexa, visual, rápida, instantânea. Perigosa pelo fato de não haver forma de dominação mais eficaz do que aquela que direciona o indivíduo dominado sem que ele a perceba, aquela que faz com que este indivíduo acredite estar agindo e pensando de acordo com suas próprias vontades e/ou seus próprios desejos, no entanto age de uma forma mecânica, reflexa, sem grandes mediações.

Mas qual o lugar da imagem na educação? Qual o papel da escola diante do fascínio, do prazer e da aparência de verdade da imagem?

¹⁰ CALADO, Isabel. A utilização educativa das imagens. Série Mundo dos Seres. Editora Porto, Porto, Portugal, 1994.

¹¹ OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. A CIDADE (TELE)PERCEBIDA: em busca da atual imagem do urbano. Pág. 64 Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação - Campinas, S.P., 1994.

A possibilidade de introdução da imagem na escola se apresenta portanto no momento seguinte, momento da apresentação ou visão da própria imagem, do contato com ela, como nos coloca Almeida, "A diferença fundamental, que caracteriza o poder e a persuasão dos meios de comunicação em imagens e sons, é que entre estes e os espectadores não se estabelece nenhum diálogo, nenhum jogo característico da situação de uma conversa, não há possibilidade de divergência nem intervenção no discurso do outro, há somente a possibilidade de uma fala-reflexão, discussão *após* sua exibição, e sem sua presença"¹². O que o professor traz para a escola é a possibilidade de uma fala-reflexão, uma discussão após a exibição do filme ou programa de TV, traz a possibilidade de fazer junto com seus alunos um exercício de pensamento.

Para alguns autores a imagem da mídia de uma forma geral deveria ser tema principal de uma disciplina específica, um curso de comunicação social para o colégio.

Estudiosos da relação entre comunicação e educação colocam como pontos importantes e necessários: a alfabetização para leitura da imagem¹³; a importância de uma efetiva introdução da Comunicação Social no ensino formal em todos os níveis¹⁴, pois o ensino deve se preocupar com as mensagens produzidas pela indústria cultural através de uma "leitura crítica da comunicação"; o papel da imagem no ensino e a apresentação de formas práticas para sua aplicação direta no

¹² ALMEIDA, Milton José de. IMAGENS E SONS: a nova cultura oral. Pág. 46. Coleção questões da nossa época, vol. 32, Editora Cortez, São Paulo, 1994.

¹³ ALMEIDA JR., João Baptista de. IMAGEM E CONHECIMENTO: análise das concepções representacionista e fenomenológica e suas implicações na educação. Pág.. 270. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, S.P., 1997.

¹⁴ SOARES, Ismar de Oliveira. "A Nova LDB e a Formação de Profissionais para a Inter-relação Comunicação/Educação", págs. 21-26. Revista Comunicação e Educação, Ano I, Nº 2, janeiro/abril, São Paulo, 1995.

ensino buscando, principalmente, "tornar a pessoa mais atenta a todo o processo informativo, às mediações conjunturais e do processo de produção da indústria cultural, que interfere nos resultados informativos"¹⁵.

Considerando essa relação entre o homem e os meios de comunicação uma forma perigosa, pois manipula consciências, e persuasiva, pois seduz e impulsiona o indivíduo-espectador para ações sem prévio controle, esses estudiosos colocam como imprescindível ao indivíduo um posicionamento crítico que o auxilie na observação, análise e julgamento daquilo com que entra em contato e que lhe permita decodificar as informações recebidas, discernindo sobre a qualidade e a validade de seu conteúdo. Para tanto, seria necessário a existência de uma disciplina específica que trataria dessa relação, educando as pessoas desde cedo a não serem ingênuas com relação aos meios de comunicação e seus produtos.

Podemos dizer que esses estudiosos, como SOARES e MORÁN, "adotam uma concepção simplista dos efeitos do cinema e da televisão e, concedendo aos meios audiovisuais de comunicação um lugar desmesurado na corrente das causalidades, encontram uma explicação fácil para os males de nossa sociedade"¹⁶ e assim atribuem à escola e à criação de uma disciplina específica a reparação e a resolução dos males sociais, e às imagens do cinema e da televisão, a "culpa", e a responsabilidade por esses males sociais.

De um modo geral, portanto, essas teorias¹⁷ sobre a mídia pensam o telespectador de uma forma passiva, na qual o que lhe cabe é reconhecer,

¹⁵ MORÁN, José Manuel. "O vídeo na sala de aula". Revista Comunicação e Educação, São Paulo, (2): 27-35, janeiro/abril, 1995.

¹⁶ TARDY, Michel. O PROFESSOR E AS IMAGENS. Pág.24. Editora Cultrix. São Paulo, SP, 1976.

¹⁷ ENZENSBERGER, Hans Magnus, em *MEDIOCRIDADE E LOUCURA*, página 69-71, apresenta essas teorias de uma forma crítica como sendo: 1- "A *tese da manipulação* que aponta para a dimensão

aprender, se informar, se educar, se instruir a partir de modelos e produtos culturais (em imagens-sons) construídos para ele. A mídia é pensada como exercendo um incontrolável poder de sedução, persuasão e manipulação sobre seu público e o indivíduo-telespectador é pensado como se fosse uma tábula rasa, algo pronto para ser amoldado e preenchido como for necessário, alguém que não escolhe.

Baseadas na relação afetiva, emocional, sensível e hipnótica que se estabelece entre o espectador e a imagem do vídeo, da televisão ou do cinema, essas teorias, portanto, tem por ideal romper essa relação mágica de participação emotiva, essa hipnose, visando obter um pensamento crítico com relação ao meio e à imagem. O objetivo principal é mostrar o perigo e o poder da imagem. É educar para criticar os meios. É educar para se proteger dos meios.

Apesar de sentirem a dominação e atribuírem um grande poder à mídia e à sua relação com os telespectadores e a sociedade de um modo geral, e aceitando a idéia de que os indivíduos espectadores, para não serem ingênuos e passivos com relação aos produtos da mídia e seus conteúdos, necessitam de uma "visão crítica", os professores entrevistados não vêem necessidade na criação de uma nova disciplina para abordar temas como mídia, TV, meios de comunicação e todas as suas implicações com relação à sociedade e aos indivíduos, e acham que a Sociologia é suficientemente capaz para abordar esses temas.

ideológica imputada aos canais da mídia. O canal da mídia é compreendido como sendo um condutor neutro, que despeja opiniões sobre um público considerado passivo." A mídia portanto conduziria o espectador para uma falsa consciência e ele seria manobrado sem sequer compreender o que está acontecendo com ele. 2 - "A *tese da imitação* que argumenta principalmente em termos morais.(...) Qualquer pessoa exposta a ela (mídia) acaba se habituando à libertinagem, à irresponsabilidade, ao crime e à violência". 3 - A *tese da simulação* onde o espectador torna-se incapaz de distinguir entre a realidade e a ficção. 4 - A *tese da imbecilização* onde "a mídia ataca não apenas a capacidade de criticar e diferenciar e a fibra moral e política de

Nessa relação que se estabelece entre a mídia e os telespectadores, o professor de Sociologia se vê no papel de alertá-los, pois para o professor há algo oculto, dissimulado nos programas televisivos, que permite que o espectador seja enganado ou se envolva sem ter consciência do que está acontecendo com ele. Por exemplo, podendo ser levado a ter opiniões e idéias sem refletir sobre elas, (não tendo assim condições de escolher o que seria o melhor para si) ou então tomando por verdade algo montado e recortado para que o espectador tome determinada posição e não outra, sendo induzido a pensar de uma determinada forma, sendo levado a acreditar em algo que não é verdadeiro.

Mas nem só perigo e dominação encontra o professor de Sociologia na imagem, e por isso não só procura falar de TV e seu conteúdo em sala, mas se utiliza de filmes de ficção em seu trabalho. Utiliza a imagem, portanto, como um recurso que permite não só a crítica dos determinantes políticos e ideológicos dos meios, mas que possibilita uma aproximação afetiva dos alunos com o tema estudado, buscando outras formas de perceber e conhecer que não só através do discurso e da leitura.

Apesar do professor não ver a necessidade da criação de uma disciplina específica para tratar de assuntos relacionados à mídia, e às imagens, ele ao se utilizar de filmes em suas aulas se depara com dificuldades e dúvidas, sentindo que sua formação é falha para eliminá-las e para auxiliá-lo em seu trabalho.

*"Você sente falta de algum treinamento específico ou de alguma coisa que poderia estar lhe auxiliando?
Gostaria muito de..."*

seus usuários, como também sua capacidade básica de percepção, até mesmo sua identidade física".

Eu adoraria, porque a coisa fica meio amadora, percebe no meu discurso como fica amador. Eu tento, mas eu tô dura. Não vou ao cinema. O que eu tenho são umas fitas lá em casa que eu gravo algumas coisas da TV. O que é precário. Se eu tivesse a disponibilidade de fazer um curso, uma coisa sobre isso, seria maravilhoso.

Você acha que qualquer professor pode estar usando isso, não precisaria ser um especialista em filmes para estar usando?

Acho que não.

Mas, estaria faltando esse tipo de...

Acho que falta."

Você acha que o professor deveria ter um treinamento específico ou cursos, você acha que falta isso?

Para o professor atualmente faltam sim, muitos cursos de atualização, cursos nos quais eles possam estar se atualizando na área deles, fora da área deles, acho que falta muito isso. A universidade, geralmente, ela oferece muitos recursos para nós que já estamos trabalhando, mas às vezes a dificuldade é muito grande, trabalha dois períodos, não tem tempo. Então eu não sei se poderia partir da Universidade ou como estão tendo agora esses cursos do PEC, abrir mais propostas de cursos ou até abrir um curso nessa parte para os professores de todas as disciplinas, mas acharia interessante se abrisse."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

Você conhece algum livro ou texto que você considera importante, que poderia estar te auxiliando em como estar usando imagem?

Não conheço nada. Eu lembro de uma conversa que eu tive com uma aluna que faz mestrado, ela tava falando sobre o uso de vídeo histórico nas aulas de História, ela tava falando que ela achava complicado isso porque você não, você precisaria saber muita coisa sobre filme pra poder estar passando filme como recurso didático em História, porque você não sabe a fidelidade, quer dizer, a pesquisa do autor pra fazer aquele filme, e de repente você passa aquilo, como o filme tem um poder de, ele te traz as coisas como verdade, acaba te trazendo as coisas como verdade da época, e ela disse que esse tipo de preocupação os professores deveriam ter, eu achei interessante, foi a primeira vez que eu ouvi uma crítica ao uso de filmes em sala de aula."

(...)

"Eu acho que poderia fazer parte do preparo dos professores, alguma oficina pedagógica para estar discutindo isso, mas eu vejo professores que simplesmente passam o filme e pronto e, às vezes, passam o filme pra poder matar tempo, alguma coisa assim, e aí, eu acho que o uso é errado.

Você acha que falta uma troca de experiência em como estar usando o filme em sala, ou alguma coisa específica, como no caso de sua amiga em estar sabendo como foi feito o filme?

Eu acho que existe uma deficiência tanto na formação acadêmica do professor na Universidade, quando estão se formando para ser professor, e não ter orientação no sentido de uso de recurso audiovisual, a gente na Unicamp eu não me lembro de ter tido algo nesse sentido, acho que a preparação do professor é falha nesse sentido, depois os órgãos, governo de Estado, eu acho que não demonstra preocupação nesse sentido também, simplesmente tem lá a sala de vídeo, mesmo o uso da TV Escola, aquilo é subutilizado eu não me lembro de ter visto alguém falando que usou aquilo.

Você conhece a TV Escola?

Eu vi a programação mas nunca utilizei. Não sei de ninguém que tenha utilizado.

Tem algum programa legal?

Eu só vi, li a programação, nunca assisti. Então eu acho que as coisas ficam muito soltas, os professores não estão preparados para usar."

(Entrevista com Prof^a. Marta)

"Você acha que o uso do vídeo em aula tem sempre que estar integrado com alguma coisa?

Na verdade, eu acho que, mesmo os próprios professores, nós, não sacamos do próprio movimento, dessa própria dinâmica, dessa própria historicidade, daquilo que está sendo produzido no filme, não só da questão da técnica que eu tô falando, mas da especificidade, dos objetivos, das garantias pra se entender que ele não é ilustração, mas que ele pode servir como estopim para reverberar discussões. Eu mesmo não via o cinema ou o filme como ilustração, mas também tinha poucos elementos para ir além.

(...)

Onde você acha que está a falta? O professor deve ser um entendido, deve ter um preparo para esse tipo de coisa?

Eu acho que tem, que a sociedade usa determinados meios, nós usamos determinados meios e aí pelo próprio movimento... esvaziamento da extensidade dessas técnicas, desses meios, a gente vai usando, mas dificilmente no vivido, no comum dos mortais, nós todos, a gente começa a interrogar, "mas espera aí!", "isso tem a ver", "não tem a ver", por que tem a ver?, como é possível ler isso com essas imagens? Como é que é possível? A gente dá, "como um dado natural", porque a gente já vai sendo educado numa sociedade de imagens, não é isso? Mas não é comum a gente produzir uma dimensão de estranhamento. Dizer: - Não, olha, espera aí. É um meio, mas para ser interrogado, a gente tem que sacar quais são as interrogações, sacar e por que a gente não está sacando? Eu acho muito mais também porque vem dessa coisa, porque funciona, por exemplo essa questão do uso de vídeo na televisão, disse bobagem, porque o uso do audiovisual na escola... por onde passa o pensamento do professor e da escola, etc... e tal, de permitir que, porque a escola é um reduto bem fechadão, né, ela filtra determinadas... o que se passar, o que pode entrar dentro dela e o que não pode. Só que entra, mesmo que ela não queira, mesmo que a administração não queira, entra né. E aí, quer dizer, quando se usa isto, o professor usa, a escola usa, olha, todo mundo tem em casa TV, todo mundo assiste TV. Então vamos, muitas vezes você tem 50 neguinhos em sala de aula, vai te dar um fresco, pelo menos eles estão assistindo, o processo não vai importar tanto, se vai detonar aí uma discussão... se o professor vai dar conta ou não vai... vai possibilitar mais ou menos segurar essa onda, se não vai, porque que não vai, como que não vai. Não, tem muito isso. Tinha uma professora de Ciências que era muito assim, olha vou passar meus documentários de Biologia porque eles vão ficar quietos, principalmente agora à noite que eu tenho 5 aulas e que vai me dar um fresco do caramba, eu já dei 10 aulas. 10 aulas é exagero da minha parte, eu já dei trocentas aulas de manhã e agora dou à tarde, e agora vem a noite. Então essa coisa fica meio... não é que seja um conceito, não é, seria um absurdo eu falar que é um conceito de professores, mas aí vem, do tipo assim... Porque a televisão entra, porque

a imagem entra na escola, porque ela não pode mais segurar as comportas de que uma educação está sendo produzida por imagens para além dela. Por que o computador entra na escola? Não é porque é um projeto da escola, porque o projeto da escola, pelo menos de uma escola pública é de esvaziá-la disso, como não pode... não segura as comportas, aí entra. Mas aí existe esses ene usos - mudam de uso, se transforma sem muitas interrogações, sem muito questionamento, pelo menos eu tenho visto assim. Não que não há trabalhos que não vão para uma outra linha, porque a gente tem que situar mesmo a escola como espaço, evidentemente, que não transforma, se defronta ali, se engalfinha ali, uma arena, e que há uma ação e resistência de todos os lados. Mas, eu acho que falta isso, sacar que não é porque a escola não conseguiu segurar as comportas, que esses meios entraram, porque a escola também faz parte do processo social, da sociedade mais ampla, não é uma ilha, que ela não segura, que os alunos não são filtrados quando entram ali. Ela não filtra. Sabe por que eu estou falando isso? Porque como esses meios vão entrando ali dentro da escola, não é em função dos projetos que ocorrem no seu interior, que eu acho que seria legal se fosse assim, se os professores, a direção, todos estivessem em pé de que... olha, é por aí, porque nós queremos ou porque é importante por isso e por isso. Mas não é. (...) eu tô pensando nessa coisa, nesse desvínculo entre um projeto do uso e o uso que se faz (...)"

(Entrevista com Prof. Antônio)

Parece-nos que é específico e primordial para o professor, por um lado, saber como fazer, como conseguir transmitir conhecimento, como ensinar através de imagens, e, por outro, como não ser ingênuo e sim crítico com relação às imagens que a todo momento, em nossa moderna sociedade, nos são impostas pelos meios de comunicação e apresentadas a nós no cotidiano. É um fazer que está ligado a uma Educação com os meios de comunicação, em que o professor se utiliza da mídia como um recurso a mais em sala que lhe permite a introdução de outros elementos no momento da aprendizagem. É um fazer que está ligado a uma

Educação para os meios de comunicação, em que o professor seria responsável por dar uma "visão crítica" ao aluno e também por dar uma preparação para que esse entre em contato com imagens e com os produtos culturais.

DA ESCOLHA DO FILME PARA A AULA

O professor é um espectador especial pois já viu as imagens que utiliza antes de usá-las em suas aulas, antes de mostrá-las e discuti-las com seus alunos.

"O que você leva em consideração quando você escolhe um filme?"

Eu sempre assisto antes, eu nunca peguei filme no escuro para passar para eles, mesmo que alguém indique. Eu vou lá, pego, assisto e vejo do que trata o filme para poder passar para eles antes. Eu sempre procuro ver, dentro daquilo que eu estou trabalhando, o que aquele filme pode contribuir, para eles poderem estar entendendo melhor, o que eu quero passar com aquele filme, e eu procuro deixar isso bem claro para eles antes de eles assistirem o filme: vocês estão assistindo o filme por esses motivos, porque se você leva um filme e não dá uma satisfação, não diz o que quer com aquele filme, geralmente dispersa, se o filme não é interessante para eles, dispersa, se você coloca um objetivo, mesmo que eles estejam achando chato, que eles não tenham gostado, eles ficam atentos até o final."

(Entrevista com Prof^{fa}. Débora)

Através de quais formas você escolhe os filmes que você passa? Sugestões de quem? São idéias suas ou você já pegou sugestão de algum aluno, de algum amigo, algum professor? Como é que você faz para escolher, para selecionar os filmes que você vai passar na aula?

Geralmente é um filme que eu já assisti. Eu não me lembro de ter passado um filme que alguém tenha sugerido, não que eu não possa fazer isso, mas como eu gosto muito de assistir, às vezes eu já tenho alguma coisa mais ou menos em vista,

dependendo do assunto, da coisa, eu já fico imaginando, pôxa seria interessante passar o filme. Porque uma coisa é você ter o conceito, outra coisa é você viver o cinema, a arte, ela trabalha uma outra dimensão "afetiva" ou "perceptiva". Você trabalha com a percepção, então você, através de uma produção fictícia, você vivência uma situação que talvez você não vivenciaria realmente aquela situação. Você pode vivenciar isso através do cinema."

(Entrevista com Prof. José)

"O que você leva em consideração quando vai passar um filme?"

Por exemplo, quando eu dava aula..., não é como ilustração, mas que se sensibilize para o tema. Por exemplo, dando a questão do descobrimento do Brasil, o período e tal, "Cristóvão Colombo, 1492", não é ilustração e eu deixava bem claro isso pra eles: - gente, olha, tem um filme que tenta dar umas imagens, ou uma versão sobre como é que a gente podia se sensibilizar pelas imagens com um tempo que é vivido pela humanidade, que nos pertence, mas que a gente não viveu".

(Entrevista com Prof. Antônio)

"Você tem preferência por algum tipo de filme em especial? É um filme que você assistiu ou escolheu antes?"

Tem que ser um filme que eu tenha visto. De todo jeito eu tenho que ver o filme. Um filme que tenha o tema que eu tô trabalhando. Se são atuais... feitos o ano passado... (...) Dá para pegar qualquer filme, desde que você trabalhe de uma forma interessante, você tem que dar uma motivada na classe."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

É também um produtor, pois escolheu as imagens que deseja mostrar, e sobre as quais pretende refletir com seus alunos.

"Todos os filmes que você escolhe para passar, todos estão diretamente ligados com o tema que você está passando na aula, com

o currículo? Como é que você faz para escolher os filmes? Precisa estar muito ligado com a temática ou com assuntos do momento?

A temática. Eu procuro a temática, no caso, ela ser voltada para se pensar a realidade, então da maneira como eu trabalho Sociologia, esta é uma proposta... assim, que tem bastante sentido. Não é você ficar... A proposta é assim, utilizar o pensamento sociológico das Ciências Sociais de uma maneira geral para estar pensando a realidade, então eu penso que ao estar discutindo o conceito de Cultura, eu não estou fazendo uma teoria desligada, eu estou pensando a realidade a partir de um conceito, a gente não pensa sem conceito, seja ela daquilo que a gente considera natural, nossa fala é permeada de conceitos, conceitos de senso comum, etc.. Então, e o filme vai ser encaixado nisso daí, agora eu não lembro de ter de repente pego um filme, no caso eu vou pegando assuntos que estão rolando para ir encaixando na temática."

(Entrevista com Prof. José)

"E como você escolhe o filme para passar?

Até agora foram os filmes trabalhados, previamente elaborados, porque a gente é obrigado a fazer um planejamento, o que é uma coisa também extremamente questionável. Porque você pode planejar e chegar na sala de aula, a classe tem outra cara, outro perfil, isso na área de humanas, porque Matemática, Química, Física é aquilo e pronto. No começo do ano você é obrigado a fazer planejamento, eu detesto, mas eu tenho que fazer, e a partir desses temas você vai usar alguns recursos de filmes, de programas que batam com o tema que você está trabalhando."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

"Quem escolhe os filmes que você usa? Você já pediu indicação de um outro professor ou coisa que você assistiu, gostou, ou coisas que os alunos sugerem?

Já. Às vezes é o que eles sugerem, converso muito com outros professores, vejo, às vezes até aceito indicação. Tal filme é legal para tal coisa e aí eu vou pegando, eles vão colocando, eu também, às vezes vejo um filme e páro para pensar: esse filme é interessante, dá para trabalhar com tal coisa, então aí

eu anoto o nome, guardo, deixo lá e quando eu tenho oportunidade, eu passo. Falando do "Medidas Extremas", eu troco o nome do filme, que eu assisti o ano passado num curso de especialização e achei realmente que daria para trabalhar em sala de aula, e agora, eu estou levando ele para a sala de aula."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

"Qual seria o critério para você escolher ou selecionar um filme? Você está falando de um tema e pega um filme relativo ao tema, ou então você aproveita os assuntos do momento?"

Geralmente eu estou falando de algum tema e pego o filme de acordo com aquele tema. Se não tiver filme com aquele tema, eu não pego filme, eu não costumo, a qualidade, sei lá."

(Entrevista com Prof^a. Marta)

Aparentemente os limites da escolha do filme usado em sala, além de sua ligação com o tema abordado no momento em sala de aula e o fato do professor já conhecer e ter assistido previamente o filme, são determinados pela forma de aquisição do produto cultural utilizado. Os professores não demonstraram preferência na escolha entre documentário ou ficção, nem entre curtas ou longas-metragens. Esses formatos não apareceram como determinantes durante a escolha, embora, geralmente, usem com mais frequência ficção, longas metragens e filmes "mais comerciais", principalmente pela facilidade de encontra-los e adquiri-los.

Mesmo se utilizando de filmes poucas vezes durante um ano, cerca de uma ou duas vezes, os professores de Sociologia optam geralmente pela utilização de "filmes comerciais", ou seja filmes mais comuns e de fácil aceitação pelos alunos, em suas aulas. A ficção se torna muito mais presente na escola do que a aparente ligação com a "realidade-verdade" dos documentários, assim, trabalham com acontecimentos criados, como numa simulação. Vivenciar um acontecimento sem estar presente, podendo ouvi-lo, vê-lo e senti-lo sem perigo, envolvendo-se sem

riscos (se é que isso é possível). E, a partir daí, interpretar o que se viu, ouviu e sentiu direcionado apenas pelo tema proposto previamente na aula. O aluno, diferente de assistir TV ou um filme no cinema (lugares de diversão e passatempo), faria então uma interpretação temática relacionada ao conteúdo de uma disciplina específica, no caso Sociologia, direcionada pelo professor, onde as suas emoções estivessem presentes com a razão, dada por um "aparente" distanciamento, pois assiste-se um filme, produto cultural de entretenimento, num contexto determinado ("sério", pois é responsável pela formação, para a vida e/ou para o trabalho, do indivíduo, onde se tem um "compromisso" de ser promovido para a próxima série) que é a escola.

Podemos observar que a presença em sala de aula desses filmes mostra uma mistura aparentemente estranha e que não parece ter uma ligação consistente entre indústria de massa e ensino, que parece demonstrar fortemente uma luta contra a evasão escolar e contra o desinteresse cada vez maior por parte dos alunos pela escola e tudo o que ela oferece e representa.

Pois ao mesmo tempo em que a introdução de imagens em movimento na escola trouxe a possibilidade de uma crítica e uma desmistificação da mídia de um modo geral, pois esse era o objetivo principal dessa introdução, com essas imagens, programas de TV e filmes, deu-se a entrada na escola de um elemento novo, lúdico, agradável e de entretenimento que mexe com as emoções, sentimentos, memória, ou seja, o que aparentemente não é controlável, medido e determinado.

Além da facilidade de acesso ao produto cultural, outra variável importante considerada no momento da escolha do filme pelo professor foi a receptividade do aluno com relação ao filme, como mostra a fala de um dos professores: "Eu espero que eles gostem". O aluno aparentemente tem que ser receptivo, aceitar o filme. Ou

seja, o filme tem que prender a atenção do aluno, ou por ser agradável, ou por incomodar de alguma forma.

"Você acha que estar usando filmes facilita alcançar seus objetivos, as coisas que você estava pensando, com mais facilidade? Ou se você não estivesse usando filmes não mudaria muita coisa?"

Eu acho que é uma maneira de chegar até o aluno, hoje em dia você pode estar trabalhando com um grupo super-interessado, mas também pode estar trabalhando com um grupo super apático. Então o filme, a imagem, às vezes, tem uma resposta muito melhor do que o que é escrito, para estimular, para chamar a atenção, trazer aquele aluno até você, despertar o interesse dele para aquilo que você está trabalhando. Às vezes, a imagem tem mais resultado do que um texto, por mais interessante que o texto seja."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

"Eu já usei filme de longa metragem, curtas, já usei alguns programas de TV gravados. Depende daquilo que eu consigo encontrar, que seja ou um contraponto àquilo que eu estou discutindo, ou que leve eles mais à frente na reflexão, ou que seja simplesmente uma constatação, porque nem sempre aquilo que a gente pressupõe que o adolescente esteja sabendo, que a realidade está aí, tem coisas que ele nunca viu. Eu vou dar um exemplo pra você objetivamente: tem um curta que ganhou o Festival de Gramado em 89, chamado "Ilha das Flores", a primeira reação foi a seguinte, eles não imaginavam que aquilo existisse, o primeiro impacto que dá, então pra te demonstrar que você precisa escolher, não importa que seja um longa, um documentário, ou um estritamente educacional, institucional ou alguma coisa da televisão pra você perceber até a própria reação deles."

(Entrevista com Prof. Pedro)

E após prender a atenção deve suscitar questionamentos, opiniões e deve mexer com o aluno. Transformações internas e discussões, falas, palavras por parte do aluno são esperadas e valorizadas pelo professor após assistirem ao filme.

"Você acha que o uso da imagem provoca uma transformação na análise ou reflexão que a pessoa vai fazer sobre outros assuntos? Você quer passar um tema, você usa tal filme, você acha que o filme vai estar ajudando, não só a ficar dentro daquele tema, mas pensar outras coisas, você acaba refletindo sobre outras coisas também?"

Eu acho que sim, que leva sim. Porque ele pode estar se questionando, mudar questionamentos próprios, ou mudar a maneira de ver determinado assunto, de repente um assunto que para ele, no livro, no texto é chato... Você passa um filme sobre aquele assunto, a imagem vai estar falando aquele mesmo fato de uma outra forma de linguagem e, aquilo vai prender mais a atenção dele e, vai levar como já levou alunos a questionarem mais, a procurarem saber mais sobre determinado assunto, desperta ou pode despertar o interesse dele para outras coisas."

"Você acha que facilita a pessoa a pensar sobre outras coisas?"

Facilita."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

"Quando você bota um tema lá, aí a coisa pipoca, eles trazem na bagagem deles aquilo que eles vêem."

(Entrevista com Prof^a. Ana)

"(...) agora, eu tentei estabelecer uma outra experiência, uma outra relação que é mais de que servisse como estopim para uma discussão, etc... - Quero que vocês me contem o que passou e o que não passou. O que essas imagens nos possibilitam diante de nossas inquietações, tem essa lógica própria?(...)"

(Entrevista com Prof. Antônio)

Além disso, para não parecer que o professor está "matando aula" ou como uma forma de perceber se os alunos "entenderam" o filme ou se ocorreu alguma mudança (interna ou não, aparente ou disfarçada, sutil ou evidente) neles ou como "eles perceberam esse tipo de informação", espera-se geralmente que o aluno faça

uma atividade após assistir ao filme. Ou seja "Sempre tem um trabalho depois"
(Entrevista com Prof. José).

"Fale um pouco sobre como você trabalha com os alunos quando você está usando filme dentro da aula, como você faz, a prática mesmo?"

Se é um documentário dá até para ir parando, mas filme eles não gostam que pare, congele, para comentar alguma coisa. Às vezes, eu falo para eles: gente, preste atenção em tal coisa! Em determinada parte do filme que vai acontecer uma situação, daí na hora eu só falo para eles: atenção! Aí eles já se ligam de que é aquela parte do filme e depois sempre um comentário ou uma discussão aberta ou, às vezes, não dá tempo de fazer essa discussão logo em seguida. Então, eu peço para eles fazerem um comentário individual em casa para entregar, e na outra aula... Eu peço para eles fazerem individual em casa para entregar, porque aí eles vão sentar e vão relatar mesmo as impressões deles, porque às vezes, de uma semana para outra, esquece muita coisa. Muitos alunos são dispersivos e eles simplesmente fogem. Daí eu comento com eles, leio os comentários e depois que eu leio os comentários eu também volto a comentar. Eu procuro ler bem rápido para devolver para eles, para não comentar dois meses depois do filme, não adianta, fica ruim, eu procuro ler bem rapidinho e entregar para eles para comentar rápido."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

"Não, tem alguns que tem, mas aí você tem que fazer: quem tem vídeo, para gravar o programa, para depois assistir. Porque uma coisa assim, que eu tenho notado assim, não ficar na opinião, uma briga que às vezes eu tenho com o aluno. Uma coisa é você dar a sua opinião, mas é preciso sair da opinião também, porque se não você fica só no "achismo", eu acho isso, sou a favor, sou contra, e (...), os alunos falam: - Professor, vamos conversar um pouco. Vamos! Aula de Sociologia para mim, para determinada escola, só ficam conversando sobre aborto, sobre isso, sobre aquilo, eu falei, legal, mas acho que seria mais fácil para mim fazer isso, vocês vão ficar muito mais... e eles estavam acostumados também a este tipo de experiência que é aula de Sociologia, aula de

Filosofia, você dar sua opinião, aí você escreve qualquer coisa, aí na realidade você reproduz, você acaba reproduzindo a mesma coisa, você não altera a sua percepção, você não altera a sua compreensão, então eu acho que tem que ter essa... tem que haver um acréscimo, uma mudança se não houver não adianta nada, você simplesmente ficou matando tempo ali, e aí a aula, o filme que você vê, você fica como curiosidade, ou o texto que você lê. Ah! Que curioso, mas e aí, para que serve isso, que importância tem isso, que importância tem você compreender, por exemplo um conceito de Cultura do ponto de vista antropológico, por exemplo, o que isso tem a ver, o que isso vai alterar na minha vida, então acho que nesse trabalho, eu tinha que explicar para eles isso daí, a importância disso daí, não que eles não tenham espaço para conversar, dar opinião, só que agora vamos sair da opinião, você vai escrever um texto, se você vai falar para uma outra pessoa, e aí? Então, é uma dificuldade, você dizer, você descrever uma situação, então, precisa aprender, porque se eles não fazem isso, eu acho que também não estaria auxiliando eles a lerem a realidade. Por exemplo, os meios de comunicação, ler um filme, eu acho que...

Eles estariam lendo do mesmo jeito?

É. Eu acho que é uma questão, é trágico isso, se a gente fosse cair naquele relativismo, você vai ter a sua leitura, não, eu vou falar, escrever se eles quiserem dar a opinião, ser contra ou a favor eles dão, mas eles precisam ter um espaço na avaliação para eles concluírem, dar opinião deles."

(Entrevista com Prof. José)

Mas, "não é raro que haja um descompasso entre o filme visto pelo professor e aquele que impressiona seus alunos."¹⁸ Nada garante que o filme que o professor assiste é o mesmo filme que o aluno também assiste. Embora direcionado por um tema comum, possivelmente o espectador não dominará todas as informações e nem recebe da mesma forma a(s) mesma(s) mensagem(s). Esse ideal de

direcionamento, e condicionamento que o professor busca, demonstra direta ou indiretamente que ele acredita na existência de uma forma sociológica de ver o filme, que não permite múltiplas interpretações, e portanto, esse ato de ver e analisar o filme em sala de aula não é tão aberto assim, e nem "tão democrático". O ponto de vista dos professores entrevistados é de que em seu trabalho, ao se utilizar de filmes, estejam dando uma "visão crítica" a seus alunos, mas na prática impõem uma forma de análise que acaba sendo induzida aos alunos na prática.

"Você acha que existe uma forma Sociológica de se ver e analisar filmes?"

Você pode pegar por exemplo a questão da massificação, de estar passando valores massificados e fazer uma análise dos programas em cima disso, da televisão em geral, dos filmes. Tem sim, dá para fazer.

Em que as Ciências Sociais podem contribuir para estar analisando filmes? Tem alguma coisa específica que só as Ciências Sociais pode ler o filme dessa forma ou analisar um filme de determinada forma?

Não. Eu acho que outras áreas de conhecimento também podem estar levantando aspectos do filme. As Ciências Sociais, ela vai levar mais para a questão dos mecanismos sociais. Na Filosofia, pode estar questionando uma série de outras coisas. História também, um momento contemporâneo. A Língua Portuguesa, os usos, os costumes, a linguagem pode estar comparando. Dá para várias disciplinas usarem."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

"Existe uma forma sociológica de se ver e analisar filmes?"

Eu acho que para quem se formou em Sociologia, automaticamente você tem uma forma sociológica de ver as coisas todas, isso é intrínseco."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

¹⁸ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 131. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

"Você acha que existe uma forma sociológica de se ver e analisar filmes?"

Eu acho que tem. Tem uma história, tem uma leitura sociológica no cinema. Por exemplo, seria você analisar o cinema, a partir das condições sociais que ele foi produzido, um tipo de estética que você pode... ou então pegar o filme e ler apenas o aspecto sociológico, é possível."

(Entrevista com Prof. José)

"Você acha que existe uma forma sociológica de se ver e analisar filmes? A Sociologia contribui em que?"

Acho que sim, porque por exemplo quando a minha aluna perguntou se comunista come criancinha, aí eu falei, não, aí é completamente ideológico, comecei a explicar para ela a situação da Guerra Fria, fui citando filmes onde aparece o alemão oriental, aquela pessoa dura, insensível, o russo insensível, aí falei do "Rock 4" que aparece também umas coisas assim, quer dizer, eu acho que essa aluna, esses alunos que absorveram esse tipo de coisa eles passam a olhar para a coisa de uma forma diferente.

Você acha que ela vai começar a assistir essas obras todas de outra forma?"

Eu tenho impressão que sim, claro que isso é algo muito pequeno diante do que a gente sonha que poderia ser. Mas eu acho que acontece isso sim, e eu lembro disso em mim no 2º grau, influência que teve essas coisas para mim no 2º grau foi muito forte, tanto que tem a ver com minha opção de estudar Sociologia."

(Entrevista com Prof^a. Marta)

"Existe uma forma sociológica de se ver e analisar filmes?"

Eu acho que existe. É possível. A cinematografia é a área do conhecimento que é a comunicação, a televisão, rádio, cinema, jornal, tudo. Agora, eu posso fazer um olhar sociológico sobre a mídia, sobre a comunicação, por exemplo: em que mão está, a quem interessa, que momento histórico vive, quais conflitos são subjacentes, o que se revela, o que não se revela. Eu acho que as Ciências Sociais... porque não podemos esquecer o seguinte: a comunicação é um produto de uma relação de construção, é produto de relações de

trabalho, é baseada na minha área de conhecimento que é Ciências Sociais, também. O produto desse trabalho tem que ser discutido, como eu não meço a história da humanidade por aquilo que ela produz, mas pela maneira como ela produz. Essa é a visão que eu tenho, isso quer dizer o seguinte: que as relações que se dão no interior de uma televisão, no interior de um jornal, ou de uma gráfica, dentro de uma editora, vão refletir no produto de um trabalho, porque eu era exímio crítico no período da ditadura, os períodos de recessão da história da humanidade, e agora que eu vivo um processo de construção da democracia, eu perdi minha seara.(...)"

(Entrevista com Prof. Pedro)

"Você acha que existe uma forma sociológica de se assistir TV, de ver vídeo, de estar analisando imagens?"

De uma forma sociológica?

É. Mais crítica ou não. Existe alguma coisa específica na Sociologia que dá uma bagagem maior para você fazer esse tipo de análise?"

Não sei se necessariamente. Eu acho que sim, porque quem tem a visão da Sociologia, assiste TV com outros olhos, mas acho que isso não é regra, não necessariamente só o cara que faz Sociologia, outra pessoa que tenha uma...sei lá, um jornalista, uma pessoa que esteja ligada, que tenha consciência das coisas, que tenha uma certa, um senso crítico, acho que você não precisa ter feito Sociologia para você poder discernir algumas coisas."

"Em que você acha que as Ciências Sociais podem contribuir para analisar, para a gente não ser tão ingênuo na hora de se estar assistindo algum filme ou programa de TV?"

Como é que ela pode contribuir? Ela pode contribuir a partir do momento que você trabalha com os alunos esse senso crítico, esse olhar crítico, de ver as coisas um pouco além do que está aí na cara, você tem que mostrar, tem que dar direção."

(Entrevista com Prof^a. Ana)

O professor busca um certo direcionamento ao assistir o filme e constrói toda uma situação para realiza-lo (o direcionamento) e apresentá-lo (o filme).

"Por exemplo, eu falo: vou passar um filme: "Brincando nos Campos do Senhor". Falo mais ou menos o que é a história. A história é de uma tribo indígena na Amazônia, que eles nunca tinham tido contato com os brancos e aí depois vão ter contato com alguns pastores, vão lá. Eu faço uma sinopse, mais ou menos para eles saberem o que eles vão assistir, que tipo de filme para não chegar lá, então, dou mais ou menos uma preparada, não que eu dirija já, isso não, então é isso, aí durante o filme..."

"Você fala alguma coisa assim: Preste atenção naquilo. Comenta alguma coisa ou só assiste mesmo?"

Não. Comento algumas coisas. Seria interessante vocês prestarem atenção..., mas eu procuro não dirigir muito, só algumas coisas. Às vezes você acaba falando, como tópicos."

(Entrevista com Prof. José)

" Mas você falou que sempre dá uma prévia no... quando você introduz um filme, você faz como? Sugere, eles aceitam ou não, e depois?"

Dou. Se eu peço para eles assistirem eu sempre estou colocando, por exemplo "Contato", eu falei, coloca uma discussão assim no filme, vai assistir, é interessante, preste atenção no que o filme está colocando, alguns vão assistir, alguns prestam atenção, alguns vão por entretenimento mesmo. Mas geralmente se você sugere alguma coisa tem porquê para estar sugerindo, não é só entretenimento, porque o ator é bonitinho, você fala: olhe tal coisa no filme, sempre procuro fazer isso com os filmes que eu já assisti, eles vem perguntar, sugestões. Com este grupo que eu tenho no "Mário Natividade", sempre parte das alunas: - Dá uma listinha de sugestões de filmes para mim assistir. Então eles vem pedir, aí eu vou falando o que eu achei interessante, porque eles comentam filmes que eles assistiram também, porque eles acharam interessante, o que eles viram no filme que eles gostaram, dá sempre para questionar um pouquinho."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

"Eu quero que você tente pegar uma parte mais específica de seu trabalho com relação a estar usando filme. Como você trabalhou com seu alunos?"

O caso, por exemplo, a experiência com vídeo foi o documentário "Muito além de Cidadão Kane". (...) as classes assistiram ao filme e aí em cima dessa, primeiro, antes de assistir ao filme eu tentei preparar um pouco o terreno, porque como eu já conhecia o documentário, etc... e tal, pode até chamar isso de diretivismo, não sei, pode até ter sido mesmo, alguns chamam, eu tentei situar o documentário na história do país, quando vai aparecendo um monte de fatos históricos, de dados do movimento histórico, etc.. e tal. Eu tentei preparar, expositivamente falando: gente, olha, vamos juntar com outras disciplinas que vocês já viram, História do Brasil, e pegar exatamente a questão do Pós-64, o que vocês acham, vou tentar abrir um pouco mais. E foi assim, um impacto, para eu ver que aquele momento, que aquele processo histórico para eles não estava nada claro. E aí eu tentei situar: olha gente, acho que vai ficar uma coisa meio... como vocês assistem televisão, que é aquela coisa assim... vai passando as imagens e não é bem assim. Pelo menos eu vejo que não é bem assim, para depois ir passando o filme, e em alguns momentos eu parava, eles ficavam fodidos com isso, aí eu falava: tá vendo gente aqui, eu acho que tem algumas coisas aí. Pelo menos da maneira como eu via, e aí vai. E depois eles, depois no final, abrindo, né, que eles achavam, se gostaram, entenderam, não entenderam, qual é a do documentário? O que é um documentário? O que significa? Se é verdade, a imagem é verdade, ou não é? É uma das visões, é? Fazendo esse trabalho de relativização, e no caso do "Vítor", pelo menos no período da tarde, deu resultado. Deu resultado no sentido de que possibilitou o debate, possibilitou conversas, porque eu acho que o "Vítor" ainda é uma escola diferenciada".

(Entrevista com Prof. Antônio)

Prevalecendo assim a sua interpretação, o professor mostra um sentido, direciona a análise. Resta saber se esse direcionamento é radical, opressivo, único,

ou até que ponto é uma atitude de esforço que busca sentidos para o que analisa, visando desencadear reflexões que reconheçam os determinantes na imagem, que colaborem para que os alunos se situem no contexto histórico-social e que tragam novos sentidos, novas perspectivas e propostas.

DA ABORDAGEM DAS IMAGENS EM SALA DE AULA

Para facilitar a análise geralmente o filme é abordado juntamente com outros recursos. Uma mistura de linguagem onde uma complementa a outra.

"Você aborda o filme sozinho ou com algum outro recurso? Você usa texto?"

Por exemplo, esse filme que eu passei, "Brincando nos Campos do Senhor", eu usei uma entrevista com Aírton Krenak, mas não que necessariamente, eu vou passar um filme e depois vai ter um texto específico. Em geral, a gente, por exemplo, eu passei o filme, e o que a gente fez: um comentário sobre o filme, uma reconstituição do que aconteceu na história, a leitura que eles fizeram do filme, algumas dúvidas que eu poderia estar tirando, uma compreensão, a gente teve uma conversa sobre o filme, e aí eles vão escrever alguma coisa sobre isso, sobre o que eles viram. Mas eu dou uma certa orientada sobre algumas coisas que seriam interessantes, por exemplo...

Antes ou depois do filme?"

Depois. Por exemplo, conflito que houve num encontro entre uma determinada tribo indígena e os pastores, eles foram lá para civilizá-los, domesticá-los, fazer... Então aí, eu já oriento algumas questões para eles tentarem escrever um pouco sobre isso daí."

"Você faz uso de algum outro tipo de recurso na sua aula, tipo jornal, livro?"

É, às vezes eu uso, dependendo do assunto eu trago uma reportagem, ou então tiro xerox, ou revista, uma entrevista, por exemplo, no caso desse filme, eu peguei uma entrevista

com o Aírton Krenak, eu selecionei algumas perguntas, e aí eu tiro xerox pro pessoal. Fiz uma apostila, usei uma história em quadrinhos com eles este ano, do Maurício de Souza. (...) Então, na medida do possível, o que der para encaixar, eu vou usando."

(Entrevista com Prof. José)

Ou então usam o texto só no fim, como um complemento, onde um acrescenta-se ao outro.

"Você passa o filme primeiro ou depois? Você falou que está sempre ligado com alguma coisa. Você passa ele antes como algo introdutória dentro do assunto que você quer tratar, ou você fala do assunto e depois entra no filme?"

Às vezes no meio. Eu dou uma introdução, falo do filme, passo o filme, depois eu termino, resalto, aí sim, o texto é usado como apoio. Aí ressaltando algumas coisas que o filme coloca com o texto."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

"Eu escolhi esse livro, "Cidadão de Papel", do Gilberto Dimenstein. Na verdade não é um livro propriamente para um 3º colegial, tem uma linguagem super fácil, dá para você trabalhar até na 5ª série se quiser, mas os temas são para todo mundo e como tinha 20 unidades desse livro na escola, para eu não ter que ficar pedindo xerox, todas as escolas tem 20 unidades desse livro. Para você pedir dinheiro para xerox é aquele drama, eles não tem, se tem gastam na cantina, com razão, era à noite as aulas, vieram do serviço, estão com fome, então é um drama para xerocar as coisas. A escola, a diretora não achava que tinha que fazer pizza, cachorro quente para vender, para conseguir dinheiro para o xerox, não achava que era legal, acha que o aluno tem que ter responsabilidade de separar dinheiro para o xerox. Mas a coisa não é bem assim, muitas vezes não é só uma questão de responsabilidade, em muitos alunos é sim, tem sempre os malandrinhos que não estão afim mesmo, mas tem uma questão social. Se eu às vezes não tenho dinheiro para ir no cinema assistir um filme

legal que eu quero ver, porque quanto mais eles que dão um ralo danado. Era um curso noturno, num bairro, não era um bairro super bom, não é aquela escola do Cambuí, enfim, eu para evitar esse transtorno de ficar pedindo dinheiro pro xerox, eu resolvi usar o que tinha lá dentro daquela escola e usei esse livro, e ele trabalha a questão da cidadania, a questão da violência, e a gente passou o "Pixote", acho que para eles foi o único filme que eu passei. Acabei ficando um pouco receosa de passar esse filme porque tem umas cenas sexuais ali, mas a classe tinha cabeça boa, mas de repente passa um na porta da sala de vídeo e vê, eu fiquei meio esperta, mas acabou dando tudo certo, eles gostaram e deu para discutir bem isso com eles, inclusive porque neste livro ele fala do "Pixote" especificamente, foi interessante."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

Essa mistura de linguagens parece colaborar para aumentar a bagagem cultural dos alunos, melhorando o nível de discussão, pois trazem para os "debates" em classe referências guardadas, esquecidas, outras imagens, outros acontecimentos vivenciados ou dos quais apenas ouviram falar.

O trabalho com filmes, aparentemente, como podemos observar nas falas dos professores, não segue uma regra específica, um formato rígido. Procura ser algo aberto, aparentemente espontâneo.

"Você usa algum texto em conjunto ou só passa o filme? Você está trabalhando um tema, antes você faz uma preparação com os alunos ou não tem esse tipo de preparação?"

Se está dentro do tema, em qual você já está trabalhando, isto é automático, nunca pára para pensar. Vou fazer uma preliminar. As coisas acontecem. No momento em que eu acho que é legal eles assistirem, eu passo. Já aconteceu de dependendo da classe eu passar primeiro o filme e depois falar, um assunto que eu nunca tinha passado, inclusive porque às vezes é só aquela semana que o vídeo está

disponível, não deu tempo de fazer nada antes. Aqui não tem o tal do quadrinho, mas em todas as outras escolas que eu dei aula tinha uma cartolina na sala de vídeo, então no dia tal você marcava seu nome. Então não é assim tão rígido, a hora que tem a sala de vídeo você vai lá e passa, e em geral como está dentro do tema, existe uma discussão, ou anterior ou posterior ao filme."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

Os entrevistados usam o vídeo como uma forma de estar se comunicando com seus alunos de uma forma mais agradável, que eles gostem mais, e entendam melhor. Usam o vídeo com interesse de envolver mais seus alunos, para que eles se interessem pelo conteúdo transmitido, para atrair mais a atenção deles para a aula, para mobilizar afetivamente os alunos, para que eles memorizem melhor o conteúdo abordado, para durante a aula obterem uma comunicação mais tranqüila, fácil e agradável.

"O que o uso da imagem traz que outras linguagens não trariam?

Tem essa eficácia da imagem, da memória que eu acho que ela é a melhor do que qualquer outro recurso, porque eles tem muita dificuldade de concentração. Se você vai recitar uma poesia, você vai, pede alguma coisa para ser lida e a imagem tem aquela coisa de, quer dizer, é ilusório isso, mas a gente tende a achar que a fotografia, o filme, ele tende a ser mais fiel à realidade, eu acho que isso é muito presente na cabeça das pessoas, que a verdade está ali, ele mostrou. Tanto que as pessoas tendem a achar o telejornalismo, se você for ver o senso comum achar o telejornalismo não ideológico. Mostrou, olha lá. Diferente da coisa escrita, falada. Eu acho que a imagem tem esse poder, e adolescente, eles se prendem muito mais a isso."

"A imagem é muito mais..."

Mais fiel à realidade do que qualquer outra coisa, consegue mostrar situações acontecendo, tem ação. O cinema tem ação. Não se compara você contando alguma história, lendo e

mostrando ali na tela. Acho que o poder de absorção da imagem é muito..."

(Entrevista com Prof^a. Marta)

"O que o estudo da imagem traz que usar livro, por exemplo, não traria?"

O que preza é o prazer, os alunos preferem ver a imagem pronta ali no vídeo do que ler, inclusive eu já fiz esta pesquisa entre eles. Quem daqui gosta de ler? Um ou outro. Quem daqui gosta de ver TV? Todo mundo. Assistir filme, ver TV, eles preferem, tem mais a ver com eles. Nesse ponto é legal porque tem mais a ver com eles. Uma poesia, um texto bem trabalhado, é possível você ter retorno da mesma forma, mas o que facilita no recurso audiovisual é o prazer que eles tem. Deu para entender?"

(Entrevista com Prof^a. Maria)

"Quais seriam os requisitos para um filme ser considerado um bom filme para a escola, ou até mesmo bom para as aulas de sociologia?"

O que eu procuro nos filmes eu já te disse mais ou menos. Um filme que leve eles a pensarem no sentido de sentir, que mexa com o sentimento deles, que mexa com a percepção deles. É isso que eu procuro."

"O que um filme tem, o que ele traz, que você acha que é interessante? O que é interessante no filme para aula de sociologia, para se usar na escola, o que ele tem?"

Acho que eu já falei mais ou menos pra você, eu trabalho com outro plano, não plano é... plano da percepção, plano afetivo mesmo, uma coisa afetiva e percepção. Eu trabalho com essas duas dimensões, a base dele em si é a percepção, a imagem, imagem e percepção, também, e eu acho que essa é uma questão importante, você vivenciar certas coisas, experiências. Por exemplo, o que a obra de arte pode trazer para você, mexer com você. Então ela pode desvelar algumas coisas que você não, apenas no nível conceitual não era suficiente. Então eu acho que pode contribuir nesse sentido."

(Entrevista com Prof. José)

DAS DIFICULDADES ENCONTRADAS

Através dos modos usados de abordagem dos filmes, e da motivação demonstrada, os professores também encontram muitas dificuldades, que se apresentam das formas mais diversificadas, como, por exemplo:

"Você já falou que sua escola tem TV, parabólica, o pessoal usa muito?"

Usa bastante. Nas duas escolas tem que agendar porque senão corre o risco de não conseguir usar. (...) o que acontece muitas vezes é que você vai usar e está conectada na TV Escola, e não pode, e a outra televisão há um tempo atrás ela estava quebrada, mas parece que mandou arrumar, então está dando para usar. Não está dando para sair da biblioteca porque o rack está quebrado, mas dá para levar os alunos lá e assistir tranqüilo."

"O pessoal usa bastante então.?"

Às vezes eu falo, eu vou trazer tal filme para vocês assistirem. Ah! Nós já assistimos, então vamos comentar, quando a maioria já assistiu eu não levo, porque você não consegue segurar na sala, eles começam a fazer bagunça.

O pessoal perde o interesse?"

Perde o interesse."

"Qual a maior dificuldade que você encontra ou encontrou para estar usando filmes na sua aula?"

Tem inúmeras: o vídeo não está disponível, não pode usar sala de vídeo determinado dia. Ou o questionamento, se você começa a passar muito filme, a direção, coordenação vem te questionar porque você só está passando filme, tem muito disso também. Porque às vezes levar, por exemplo, para a escola se eu quiser levar um filme tipo daqueles do Vam Dame para trabalhar alguma coisa dentro do filme eles vão achar absurdo, vão achar que aquele tipo de filme não tem nada para ser trabalhado."

"Que aquele tipo não é um filme para se usar na escola?"

É. A dificuldade que você encontra, aí mais com relação a alunos e comunidade tem que pensar, trabalhar muito bem o filme antes, principalmente se ele vai ter cena de nudez, ou se

vai ter umas cenas mais pesadas, eles vêem coisas pior na rua, no cinema, na casa deles, mas se levar para a escola muda completamente de figura."

"Proibido.

É. Tem um controle realmente, em se estar levando determinados filmes porque aparecem determinadas cenas, aí tem que trabalhar muito bem com eles antes, o que eles vão ver."

"Você já entrou em alguma situação difícil por causa disso?

Já, eu queria passar "Kids", a escola não deixou, a diretora bateu o pé e eu não passei."

"E você já passou alguma coisa que incomodou, seja os alunos, ou...?"

Já. Os alunos não, porque eu trabalhei com eles antes. Eu falei: vai ter algumas cenas do filme que vai acontecer isso, isso e isso, o que eu quero que vocês vejam nesse filme é o mocinho e mocinha pelados, não, mas isso faz parte. Realmente, questão de tomar cuidado tem que tomar, tem que trabalhar muito bem com os alunos antes."

"Você já entrou em alguma situação difícil?"

Não, nunca. Mas conheço gente que já entrou e deu muita confusão."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

"A maior dificuldade é você ter que, por exemplo, nesta escola a pessoa esquece a chave da sala de vídeo, dificuldades de infra-estrutura. Às vezes aluno que falta, perde o filme aí depois "ôh professor, eu queria assistir!", "não tenho fita". Então é uma pena. A dificuldade, às vezes não dá para assistir em duas aulas, ou você tem só uma aula e aí você tem que pedir tempo para outro professor, então isso acaba criando uma série de dificuldades, mas superáveis, só isso." (...)"Ah, isso tem. A molecada... às vezes uma cena que... antes uma classe assim, que a hora em que apareceu homens pelados aí, índios pelados, as meninas fizeram uh! Uh! Aí eu falei, gente parece que vocês nunca viram homem pelado, aí elas: - Professor, você deu uma dura na gente, foi para arrasar agulha. E assim, aí falei gente pára com isso daí, já que vocês nunca viram homem pelado...falei isso para elas, fiquei puto da vida. Mas eu acho que a relação é assim mesmo, você dá umas duras aqui, outras ali, depois o pessoal vem, tira sarro,

you became angry, in a way, I think that is normal. Sometimes there is a scene, the staff stays... there is a student reading a newspaper in the film, waiting here, you will watch or not. Now, you watch, always watch, sometimes you sleep as a student..."

"Seus alunos gostam de assistir filmes?"

Gostam.

Você já se deparou com algum aluno que não gosta?"

Não me lembro.

Geralmente você faz uma prévia para saber se eles gostam ou não?"

É. Eu já deparei com um aluno que era proibido pela religião dele assistir filmes. Ele falou: - A minha religião não permite.

Eu falei: - Olha, sinto muito, mas você vai ter que assistir.

Teve algum certo incômodo com os pais principalmente?"

Não. Não, porque ele assistiu, mas a religião dele não permitia, tanto que ele saiu de casa depois e foi morar sozinho."

(Entrevista com Prof. José)

"É o tempo hábil, é a organização da escola, é o ter que ir à locadora, porque às vezes não dá nem tempo, ficar procurando o filme que eu quero, esse filme que eu gostei muito de ter mexido com ele, "O Enigma de Kaspar Hauser", foi super difícil de achar. Achei na 100% vídeo lá do Cambuí, isso é complicado. Eu queria esse filme, não queria outro. Eu até tenho algumas coisas em casa, mas naquele momento, era esse o filme que eu queria passar. Achei difícil ter que ir procurar de locadora em locadora e, acho difícil também essa questão de não ter tempo, ainda mais esse ano que é uma aula só. Se tivesse uma videoteca boa na escola, já facilitaria."

"Você trata especificamente assim, por exemplo: hoje vamos falar de TV?"

As coisas variam muito de classe para classe, de escola para escola. Nessa escola, as classes que eu tenho dá para fazer a coisa fluir normalmente, e um pouco, vamos e venhamos, dos dez anos que eu tenho de magistério dá perfeitamente para aquilo que eles trazem. A partir daí você fazer uma análise, é um papo até meio construtivista, que está meio na moda, mas eu faço isso naturalmente, mas não acho que seja uma coisa fácil de se fazer. É que eu estou muito acostumada e porque essas classes que eu estou hoje, elas são legais, eles querem saber. Tem classe apática, que não está a fim, que está ali para

passar de ano. Quando você dá 36 aulas semanais tem sempre aquela classe que não quer saber de nada, principalmente esse 1º colegial, ele é muito interessado, eles estão naquela fase hormonal, eles vem e perguntam as coisas. Um menino veio perguntar de drogas esses dias. Porque a droga viciava, mas isso foi paralelo, enquanto o pessoal fazia alguma coisa ele veio perguntar: Ah! Por que o jogo vicia? Então você vê que eles tem algumas angústias e essa é a hora de a gente entrar."

(...)

"Eu falei com uma outra professora e ela falou que entre filme e TV ela está preferindo usar a TV, porque TV ela pode fazer cortes, ela não vai pegar e passar o programa inteiro. Ela vai fazendo cortes justamente pelo problema do tempo de aula, que é curtíssimo, não dá para fazer quase nada. Passar um filme é impossível. Conversar com o outro professor mais ainda, porque tem que combinar, fazer em conjunto, aí cada um pega metade de uma aula e passa um filme inteiro."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

"Qual a maior dificuldade que você encontra por estar usando filmes em aula?"

A 1ª coisa objetiva é o seguinte: eu precisava ter um tempo na escola como profissional, como professor para poder assistir antes, porque não é todos que eu assisto, isso precisa ficar claro."

"Mas você não pega um filme e assiste junto, geralmente você já assistiu antes o filme?"

Alguns sim, outros não. Ou alguma coisa que eu já assisti faz muito tempo e aí eu penso, tem a ver. Essa é a 1ª coisa: ter um tempo para cuidar desse tipo de instrumental, por ex.: ter vídeo seria uma coisa importante, ter o recurso, independente do tempo para poder assistir com mais cuidado, por ex.: a Delegacia de Ensino tem, eu chego lá, está sendo usado, ou se não, eu quero alguma coisa sobre determinado assunto. As pessoas não tem muito claro, Ah! Eu acho que esse aqui tem a ver! E de repente quando tem, você vai passar está tão ruim que não compensa. Eu acho que uma 4ª coisa era se criar na escola o hábito entre os professores de discutir um pouco mais o recurso do vídeo, porque você pode comprar coleção didática, tudo bem, eu acho que é um instrumental, mas esse

é fácil, tá aí, você pega lá e está pronto. Essa questão de discutir com os colegas seria uma coisa muito legal, você poder, 3 ou 4 assistirem, então nós vamos trabalhar juntos. Então, olha, eu acho que dá para olhar isso, dá para olhar aquilo, porque são só dois olhos, se você tiver seis olhos olhando a mesma coisa, talvez você olhasse muito mais coisa do que você está vendo."

"A escola tem alguma dificuldade de colocar horário?"

Não. O problema é o seguinte: como só tem uma sala com essa televisão grande, nem sempre está sendo usada, tem meses que ela fica ociosa e tem meses que é cheio de gente, e as 4 que eu te falei que tem 4 TVs e 4 vídeos são televisores de 20", são pequenas e aí você leva, testa, vai tudo legal, no outro dia você vai passar, dá um furo, pronto. Essa questão operacional da manutenção, tomada funciona, a luz apaga. E a 5ª coisa é a questão do horário. O professor tinha que abrir mão. Quando eles passam os deles, aquele mais entretenimento, passou duas fitas de vídeo desse que eu falei, do navio que caiu, "Titanic", foi a glória, mas a maioria fica aqui em baixo e os alunos em cima."

(Entrevista com Prof. Pedro)

Atitudes consideradas erradas pelo professor no uso de vídeo geralmente são aquelas que eles acham que não envolvem os alunos, ou não fazem os alunos voltarem sua atenção para o ponto desejado pelo professor.

"(...) Tem até um episódio muito interessante, eu fui passar, eu estava dando o tema de Exploração, eu não lembro exatamente o que era, mas era um tema marxista, isso foi em 96, aí eu fui passar, é isso aí, foi uma burrada mesmo, porque o filme é pesadíssimo para eles, eu fui passar "Classe Operária", porque eu lembro que quando eu assisti eu gostei. Aí eu fui passar para eles, eu falei: -Meu Deus, o que eu tô fazendo?! Quer dizer, é pesado mas tem conteúdo. Era para o 1º colegial. Pesado assim, eles não se interessaram, não conquistou o pessoal de jeito nenhum, a única coisa que eles prestaram atenção foi na transa do operário."

"Você acha que tem determinados filmes que dão resultado, determinados filmes que não dão resultado para os alunos ou você poderia estar passando qualquer coisa, depende do jeito que você está abordando?"

Eu acho que tem muito a ver com o jeito que você trabalha antes. Você prepara a sala para ver o filme, você já está falando do tema há algum tempo. Quando o filme exige mais atenção, eu acho que tem melhor resultado, mas independente disso, eu acho que tem filme que não colaria de jeito nenhum. Eu acho que "Classe Operária", esse é o caso, pela forma do filme, e ele pega um momento histórico que tá distante dos alunos, década de 60, não sei se é por isso, por ex.: eu gostaria de passar para os meus alunos "Faça a Coisa Certa", eu acho que seria legal, até tentei pegar o ano passado, eu não sei se surtiria tanto efeito mas eu gostaria de passar o "Brincando nos Campos do Senhor", eu gosto muito de lidar com essa questão, eu tô fazendo Ciências Políticas, mas eu gosto muito das questões da Antropologia, e essa coisa da aceitação da diferença, etnocentria, gosto muito de lidar com isso da diversidade cultural, e isso atrai a atenção deles, até hoje eu consegui trabalhar com esse tema só com textos, em grupo, porque o texto era grande e fica caro tirar xerox."

"Você achou muito pesado? Para que série que era?"

Era para o 1º colegial. Pesado assim, eles não se interessaram, não conquistou o pessoal de jeito nenhum, a única coisa que eles prestaram atenção foi na transa do operário. E a professora de educação artística achou que eu estava passando uma visão muito negativa, ela não veio discutir comigo, eu percebi isso pelos bochichos dos alunos, eles devem ter comentado que viram o filme comigo e comentavam o filme, ela passou um outro filme da pessoa conquistando as coisas através do trabalho, através do esforço, e foi muito engraçado porque aí houve um dia que ela estava passando para uma determinada sala e a minha aula era a seguinte, aí ela pediu para ver se não dava para eles continuarem lá na sala e eu ficar lá com eles. Eu vi o fim do filme, quase que eu chorei junto, e eles adoraram o filme da professora. Então eles gostam dessa coisa, dessa apelação emocional."

"Você lembra que filme era?"

Eu não lembro. Era um rapaz que corria, não é um filme famoso, eu nunca vi, mas essas coisas do Walt Disney, que tem sempre aquela mensagem: você vai, se esforça que você consegue, que você vai se dar bem. Aquela coisa norte-americana, e eles gostam. Eu percebi que eles gostam muito desse tipo de coisa, porque eu acho que eles vislumbram, quer dizer, se colocam no lugar do rapaz, e é alguma luz para eles de estar dizendo vocês tem alguma chance. E eu fico lá passando exploração do trabalho, luta de classe, aí fica complicado."

"Quais seriam os requisitos para um filme ser considerado bom para a escola? Ou bom para a aula de Sociologia?"

Eu gosto de um filme quando ele consegue mostrar situações cotidianas sobre o tema que eu estou falando. Eu achei que "A Classe Operária" fazia isso e faz, mas é muito longo, ficou pesado, escuro demais também."

"Cite algum filme que você acha que seria legal para estar usando, ou que você já usou, ou os filmes que você gostaria de usar, ou por exemplo: eu gostaria muito de estar usando aquele filme e não usei ainda!"

Eu percebo que eu tenho muita dificuldade de lidar com isso, saber o que vai ser bom para meu aluno, por exemplo: outro dia eu estava assistindo a "A Noite dos Desesperados", é um filme belíssimo sobre desemprego, eu achei. Na crise de 29 as pessoas resolvem dançar até a exaustão, num concurso, e quem ganhasse ia.. ganhava uma quantidade de dinheiro, aí vai passando o concurso, as pessoas dançando até a exaustão, uma grávida com o marido dela, e vai passando as pessoas contando um pouco da história de vida delas, não contando na narrativa, mas diálogos. Eu achei aquilo o máximo, depois tem um suicídio no final, e aí eu falei, seria legal passar para os meus alunos, eu adoraria passar aquilo para falar sobre desemprego, mas eu percebo que gente como eu queria assistir aquele filme, agora, os alunos acho que não queriam assistir, e aí eu tenho muita dificuldade de saber o que eles gostariam de ver. Eu acho que esse filme "Tempos Modernos" teve algum resultado com eles, foi legal."

(...)

"Uma é a estrutura da própria escola. Tem uma sala de vídeo para todos os professores e existe também um certo preconceito, se você começa a levar muito o aluno para ver

vídeo, começam a achar que você não está querendo dar aula. Eu acho muito engraçado, como se você usasse o vídeo como fuga dentro da sala de aula, tem a minha inexperiência, minha falta de saber, ter conhecimento dos vídeos que podem ser usados. Eu percebo que, esse ano por exemplo eu já teria usado 3 em 6 meses porque eu já estou dando aula há mais tempo, tenho mais experiência com a coisa. Então se eu tivesse um catálogo explicativo sobre tema de cada filme, mesmo a Delegacia de Ensino não tem isso, fica mais difícil para você estar lidando. Acho que a maior dificuldade é essa de evitar esses erros, de estar pegando um filme tipo esse "Classe Operária".

(Entrevista com Prof^a. Marta)

"(...) e é claro, aquele clássico que eu assisti umas "trocentas" vezes (...) que é "A Classe Operária vai ao Paraíso", que eu passei.

Funcionou?

Eu já avisei de antemão: - gente, não é aquele filme estilo "Rambo" que vocês estão acostumados, cinema americano, aquela coisa, é cinema europeu, que é um outro papo. Que foi com a turma do "Barão Geraldo de Rezende", com o 3º colegial. E eu não sei se eu não tinha simpatia ou não sei o que, mas olha, não foi muito fácil, não.

"(...) Não sei, "Aguirre, a cólera dos deuses", por exemplo, e eles não gostavam, eles não entendiam. Tipo assim: é aquela coisa da ação, destroça, arrebenta, acaba, que é o próprio movimento do filme americano, a ação. "Aguirre" tem ação, mas passa por um outro lado, mas o filme pra mim, eu não vejo como ilustração".

(Entrevista com Prof. Antônio)

Dificuldades que não deveriam emperrar ou impossibilitar o trabalho, pois, como diz Bruzzo: ""Se o "bom" professor nem sempre é aquele que tem grande conhecimento em sua disciplina, também não é aquele que não comete erros.

Porque quem introduz novos elementos em suas aulas está sujeito a erros e circunstâncias inesperadas. Importa é saber avaliá-las¹⁹.

De certa forma deparar-se com dificuldades é comum no trabalho do professor, já que ele está se utilizando de algo "novo", mas o que é mais importante e o que pode diferenciar um professor do outro são as "saídas" encontradas por cada um: alguns passam pelo perigo da desistência do trabalho com imagens; outros se estimulam e vão em busca de cursos e livros que o auxiliem para "consertar seus erros" no futuro, ou ainda para trazer novidades.

"O significado destas experiências que o professor considera fracassadas é dado pelo modo como ele reformula sua prática em função delas: recua para atividades mais convencionais ou busca alternativas?²⁰

"Como a escola não fornece parâmetros para lidar com filmes, os professores buscam caminhos próprios. Em muitos casos adaptações simplistas de metodologias conhecidas, outras vezes consegue-se mergulhar nos elementos presentes no filme para, com um pé na especificidade da disciplina, apontar para a construção da narrativa ficcional."²¹

"Quando você passa um filme você tem uma idéia formada, vai se preparando para o que os alunos vão esperar dele, ou qual vai ser a resposta dos alunos? Você tem uma idéia formada para ver como vai

¹⁹ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 127. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

²⁰ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 128. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

²¹ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 137. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

se dar essa relação entre o aluno e a imagem que você está passando? Chega a se preocupar com isso?

Chego sim, me preocupo, às vezes eu coloco os objetivos que eu quero que eles percebam com aquele filme, às vezes eles levantam um aspecto que passou por mim o filme todo que eu não percebi, e eles levantam ali na hora, então é mais caixinha de surpresa, às vezes você coloca: Ah! Eu acho que essa cena vai ser interessante por causa disso, esse trecho do filme ou esse valor que o filme vai estar trabalhando, vai ser interessante por causa disso. E de repente, o aluno chega e fala: não, mas e isso, e essa outra coisa que ficou ali esquecida? E ele vem com uma interpretação, ou que não tinha passado pela sua cabeça trabalhar aquele aspecto do filme, acontece."

"Você acha que existe uma forma ideal para estar usando filme, tem uma formulinha mágica para garantir o interesse?"

Não tem, é uma caixinha de surpresas, de repente você leva um filme achando que vai ser o máximo e eles simplesmente detonam o filme, detonam você, aquilo que você queria que eles percebessem eles criticam: não achei, não era isso. Às vezes acontece."

"Mesmo você dando um preparo antes para os seus alunos? Você falou que dá uma preparada antes de estar passando o filme."

Mesmo dando o preparo.

Sempre acontece uma surpresa?!

Acontece, muitas. Nessa história do "Kids", foi dentro de uma proposta da Feira de Ciências que eu queria passar porque eles estavam trabalhando na minha matéria e em outra matéria com DSTs e eu queria passar para eles. Mas eu queria passar para chocar mesmo, para chacoalhar. Aí falaram: não, porque o filme é horrível. Aí eu falei: mas é exatamente por isso que eu quero passar. Aí eu acabei não passando, achei melhor não entrar em atrito naquele momento com a escola e insistir. Eu perguntei também para eles se eles gostariam de assistir e eles não demonstraram muito interesse, então eu deixei quieto. Mas acontece. No "Em Nome de Deus" eu falei que numa determinada cena ele tirava a batina e aparecia um nu frontal. - mas vai passar isso? Eu falei, gente, é uma cena de segundos, mas eu falei para eles que tinha a cena, aí eles: tudo bem. É que às vezes você pensa em trabalhar isso e aquilo, o tempo limita, são 50 minutos de aula, depende a

época que você programa para passar os filmes, depende de quando dá para você agendar. São algumas coisas burocráticas, às vezes o professor da outra aula vai dar uma prova, ou um conteúdo importante, não pode ceder aula, antes você tem que ver uma série de coisas, mas na medida do possível se não dá para passar lá eu estou sempre pedindo para eles assistirem em casa, assistirem fora, sempre com programas de TV, sempre procurando falar com eles: assiste tal programa, vocês vão ver é interessante, é legal, fala de tais assuntos."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

DA IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE FILMES EM SALA DE AULA

Fonte de conteúdo, pois rico em temas, e fonte de formas, pois belo e atraente com suas imagens e sons, o filme é visto como um recurso importante em sala de aula. A importância é percebida ao se ressaltar as possibilidades do filme na relação aluno-imagem, que permite a aproximação afetiva dos alunos para com o tema estudado²², a possibilidade de um exercício de observação e o desenvolvimento de interpretação e análise de um produto cultural, a possibilidade de ser uma espécie de laboratório psicológico que cria situações experimentais²³, um elemento que mexe com a racionalidade, a percepção, memória, sentimentos, desejos, faz refletir, "extrapolar", permitindo conhecer e pensar.

²² BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 123. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

²³ TARDY, Michel. O PROFESSOR E AS IMAGENS. Pág.97. Editora Cultrix. São Paulo, SP, 1976. Como o autor escreve: "O cinema é uma espécie de laboratório psicológico que cria situações experimentais: é um meio de proporcionar à existência experiências imaginárias que a realidade recusa ou torna improváveis."

Usam o vídeo como uma forma de estar se comunicando com seus alunos de uma forma mais agradável, que faça com que eles gostem mais e entendam melhor o conteúdo da disciplina estudado em classe. Usam o vídeo com interesse de envolver mais seus alunos, para fazer com que eles memorizem melhor o conteúdo abordado, para atrair mais a atenção deles para a aula, para mobiliza-los afetivamente fazendo-os conhecer e estudar se utilizando de outras formas que não só a razão, para a aula "rolar" melhor e a comunicação entre aluno e professor ser mais espontânea, agradável, "tranqüila".

"O que você acha importante ressaltar no filme? Você trata do tema geralmente? Assiste o filme de qual forma? Você tem alguma... passa o filme e você pega alguma coisa específica?"

Acho que as duas coisas. Existe o lado da temática do filme que você trata de forma geral, mas tem algumas cenas, em geral em alguns filmes que são fortes, e que retratam exatamente aquilo que você queria, que você chama a atenção e discute com os alunos sobre elas."

"O que um filme tem que você acha que é interessante? Porque estar usando filme e não usando outra coisa?"

Porque ilustra, porque eles gostam, porque chama a atenção deles e eu percebo o fruto disso em sala de aula. Os temas que eu tratei e que teve esse tipo de recurso eles assimilam melhor, isso é visível. O tema do "Cristóvão Colombo" que eu te falei que eu passei, o descobrimento ficou selado neles depois que eu passei o filme."

"Você acha que usar filme ajuda muito em seu trabalho?"

Acho fundamental."

"Em que você acha que ele ajuda? Apenas como se fosse uma ilustração, embora você falou... fala um pouco dessa experiência de ter ajudado demais os alunos no caso dos filmes?"

Era uma 8ª série, era aula de História, até então eles tinham ouvido falar muito em Descobrimento da América, desde a 1ª série, então é um saco, de novo isso quem descobriu o Brasil. Então na hora em que você vê um filme belíssimo, de paisagens bonitas e que mostra o índio com aquela ternura toda, que eles eram felizes aqui, que tinham uma civilização aqui, na verdade. Não é aquela coisa distante como eles

pensam, chegou, colonizou, tinha todo um processo histórico aqui também, isso ficou claro para eles no filme, eles viram com outros olhos, aliás, viram com os olhos, diferente de você ficar na sala de aula, na frente da lousa e ficar falando, falando. Você está visualizando, está formando um imaginário diferente do que até então você tinha. Era diurno, você percebe que eles conseguiram elaborar melhor o tema a partir do recurso audiovisual. Não sei se deu para entender."

(Entrevista com Prof^a. Maria)

"Às vezes o cotidiano, costumes diferentes, às vezes mexe com o valor moral desses alunos, aquilo que eles tem como valor e mexe fundamentalmente com as emoções deles. Às vezes, você traz um filme que mexe com princípios, convicções, às vezes é interessante dar umas mexidas, dar uma balançada neles, às vezes um determinado filme pode despertar um interesse para ler um livro, para sair dessa coisa consumista de assistir o "Máquina Mortífera", que seja, ou "Godzilla" e ir procurar um filme que seja mais de crítica, um filme que traga alguma coisa a mais não só entretenimento."

(...)

"O filme é mais interessante para eles, mesmo para atenção, às vezes desenrolar da atenção. O desenrolar de uma cena prende muito mais a atenção do que um documentário só falado, ou só com imagens. E eu acho que a importância do filme depende muito do que você quer trabalhar no filme. Se é... às vezes tem filmes que mostram uma forma de manipulação, às vezes tem filme mesmo que só é violência pura. Você pode estar trabalhando algumas coisas com aquele filme, mesmo que aparentemente ele não tenha nenhuma proposta. Você pode estar vendo mais atentamente, pode estar trabalhando alguns porquês. Acho que tem que assistir um filme antes para você estar trabalhando. Eu acho que o desenrolar das ações é que são interessantes e também muito das épocas. Às vezes falam, eles comentam: antes só tinha filme assim, desse tipo, agora só tem filme assim. Antes tinha filme só de russo, de espionagem, agora não tem mais filme assim, aí eu falei: mas gente, eles vão espionar quem agora? Então eles comentam isso, então às vezes você pegar um filme, que seja "007" e trabalhar, olha, como eles falavam, a visão ou pegar "O Sol da Meia Noite" e colocar para eles a

visão que o cinema norte-americano passa da Rússia, olha, que tipo de país que eles imaginam que é, será que é assim mesmo? Então tem algumas coisas que você pode estar trabalhando e sempre procurando levar para o aluno o questionamento. Eu procuro sempre ver num filme que eu levo para eles isso também, o que aquele filme pode contribuir para que esse aluno esteja questionando mais as coisas, porque às vezes passa. O que eu falo muito para eles, já falei com relação à moda, nunca levei um vídeo de desfile de moda para passar para eles, mas sempre falo da questão da moda, entra em Cultura dá para trabalhar um monte de coisas. A moda, música também, às vezes até um filme mais antigo, a maneira como as pessoas se vestiam, como as pessoas se colocavam, se comportavam, também dá para trabalhar."

(Entrevista com Prof^a. Débora)

A importância de se estudar imagens reside no fato de que a imagem possibilita novas formas de pensar e conhecer. "A participação é tão essencial ao espetáculo cinematográfico que provoca novas atividades de compreensão. Enquanto a informação verbal não diz respeito senão à parte intelectual de nosso ser, a informação visual mobiliza-nos por inteiro: corporalmente, afetivamente, intelectualmente. Os mecanismos de aprovação das mensagens tornam-se outros. O cinema ensina-nos que não há apenas uma compreensão geral, que funciona de forma idêntica em todas as situações, mas tipos de compreensão, comportamentos diversos de compreensão. É preciso, portanto, rejeitar o modelo falsamente universal de uma compreensão de tipo intelectualista, que consiste num encadeamento de conceitos e que passa pelo filtro da linguagem, e introduzir a idéia de uma compreensão corporal e afetiva, fundadas sobre analogias pessoalmente sentidas. Compreender com o próprio corpo tanto quanto com o

espírito, eis uma situação original, que coloca problemas novos para a pedagogia."²⁴.

EM BUSCA DE UMA BREVE PAUSA

Através de nossa pesquisa empírica pudemos verificar que os professores, percebem uma certa potencialidade e uma ambigüidade da imagem, reconhecem a existência de uma educação por imagens, ou através das imagens, ou com imagens, presente desde muito tempo, no cotidiano de forma intensa e muitas vezes sutil e camuflada, atuando na formação dos indivíduos e de toda a sociedade.

Com a visão de que a imagem é ambígua, vêem "perigo", principalmente nas imagens transmitidas pela TV, e, ao mesmo tempo, vêem também na imagem um potencial, onde se apresentam, a capacidade e a possibilidade de análise, de reflexão e de pensamento. Além disso, a imagem traz consigo a possibilidade de "tocar" o sentimento, a emoção e a afetividade do espectador, que se utiliza da percepção no momento do contato para o aprendizado, e para o conhecimento.

O ato de ver filmes permite se fazer um retrospecto, reviver momentos e sensações, memorizar. O ato de ver filmes e discuti-los em seguida ajudaria a reelaborar, repensar, algo que já foi vivido, pela pessoa ou pela humanidade. Além disso é uma outra forma de percepção do mundo que pode alargar o conhecimento. "O cinema transformou de modo profundo a maneira humana de perceber a realidade. Criou novos meios de ver ou estabelecer relações entre as

²⁴ TARDY, Michel. O PROFESSOR E AS IMAGENS. Pág.93-94. Editora Cultrix. São Paulo, SP, 1976.

impressões dos sentidos e as idéias"²⁵. Tudo isso de certa forma os entrevistados demonstraram perceber ao se utilizarem de imagens em suas aulas, embora não tenham bem ao certo se a forma que utilizam é "a melhor" e por isso ainda muitas vezes possuem dúvidas em seu trabalho.

O professor busca produzir uma outra relação com a imagem que não essa da distração, do descanso, do entretenimento. O professor segue a necessidade de explorar um assunto, o tema estudado, e o desejo de expô-lo utilizando-se de filmes - uma produção complexa, da indústria, da cultura e de entretenimento - da forma que lhe for possível, como for capaz, de acordo com suas habilidades e conhecimentos, como sua criatividade o ajudar.

Os professores entrevistados nos mostram que, ao se utilizar de imagens com a finalidade de transmitir conhecimento, pensam a educação como devendo resultar num equilíbrio entre participação (pois quem assiste se envolve com a imagem afetivamente) e crítica (pois, procuram ser "críticos" de sua cultura e visam instigar isso em seus alunos), ou seja, numa tensão e/ou união entre a fruição e a reflexão. Essa idéia nos remete à Tardy que nos apresenta qual deveria ser a posição do espectador frente às imagens: "A atitude ideal do espectador não é monolítica: ela consiste num processo incessante de engajamento-desengajamento no tocante ao filme. Nem hiper-crítico, nem hiperingênuo (...)"²⁶.

As entrevistas revelaram dois pontos importantes que nos suscitam o interesse em aprofundar melhor determinados temas que colocaremos a seguir e que pretendemos elaborar no próximo capítulo da tese.

²⁵ HOBBSAWN, Eric. ERA DOS EXTREMOS: O breve século XX, 1914-1991. Pág.194. Editora Companhia das Letras, SÃO Paulo, S.P., 1998.

²⁶ TARDY, Michel. O PROFESSOR E AS IMAGENS. Pág.94. Editora Cultrix. São Paulo, SP, 1976.

O primeiro ponto a ser ressaltado diz respeito a uma certa ambigüidade com relação às idéias que os professores entrevistados nos apresentaram, explicitando que por um lado a imagem, principalmente a imagem televisiva, deve ser alvo de uma análise e reflexão capaz de por em xeque sua possibilidade de controlar, conduzir, influenciar e até mesmo dominar o indivíduo que entra em contato com ela tornando-o frágil, sem autonomia, sem liberdade e até mesmo sem identidade ou auto-afirmação. Por outro lado, esse mesmo professor ressaltou uma outra potencialidade vinda da imagem, que é sua capacidade de ser um elemento que auxilia o indivíduo a entrar em contato com o conhecimento de uma forma agradável até mesmo lúdica que permita ao aluno "aprender se divertindo". Assim, os professores parecem perceber, ao se utilizar de imagens para auxiliá-los em sua disciplina, outra forma de percepção do mundo, que pode alargar o conhecimento do aluno, e procuram utilizá-la em seu trabalho.

Podemos ressaltar, também, outro ponto que consideramos relevante nas entrevistas: os professores demonstram acreditar na existência de um distanciamento no ato de assistir um filme ou programa de TV em sala de aula que permite que o espectador analise o produto escolhido e tenha uma relação diferente, "perceptiva", com o que está sendo conhecido. Acreditam na existência de uma diferença entre a imagem assistida pela TV - imagens lançadas bombardeando os espectadores e vistas sem muito controle -, e/ou no cinema e as imagens escolhidas pelo próprio professor e assistidas dentro de um contexto escolar, pois esse permite o distanciamento esperado e necessário para uma "análise crítica". Colocaremos como ponto de discussão e análise para a continuação do trabalho a introdução desse elemento "novo" na escola (que é o uso de imagens em movimento em sala de aula) que nos mostra uma tensão entre o discurso tradicional usado na escola e esse "novo" discurso que nos traz outras

formas de perceber e conhecer. E portanto nos deparamos com o encontro de duas linguagens diferentes que aparecem na escola, com o qual os professores nem sempre sabem bem como lidar, e que na visão desses entrevistados se completam.

CAPÍTULO II

Toda nossa vida social, política e ideológica é expressa através da cultura e de suas diversas formas. Dizemos assim que forma e conteúdo estão entrelaçados, e que a partir de um podemos perceber e conhecer o outro. Tanto forma como conteúdo são partes do conhecimento a ser estudado. Isto posto, ao olharmos para os objetos da cultura podemos conhecer as idéias presentes nessa sociedade e para onde ela estaria nos levando. “(...) toda obra de arte contemporânea – seja da alta cultura e do modernismo, ou da cultura de massa e comercial – contém como impulso subjacente, embora na forma inconsciente amiúde distorcida e recalçada, nosso imaginário mais profundo sobre a natureza da vida social, tanto no modo como a vivemos agora como naquele que – sentimos em nosso íntimo – deveria ser.”²⁷

Dizemos que as obras da cultura trazem consigo a ideologia que transmitem e uma utopia como projeção, e portanto podem trazer e possibilitar uma consciência do presente e perspectivas para o futuro. E por isso, através da observação e análise da cultura e de seus produtos poderíamos conhecer o social, aquilo que é histórico, o presente em que vivemos e visualizar, levantar apontamentos sobre o futuro. Como nos escreve Jameson: “(...) as obras de cultura de massa não podem ser ideológicas sem serem, em certo ponto e ao mesmo tempo, implícita ou explicitamente utópicas: não podem manipular ao menos que ofereçam um grão genuíno de conteúdo, como paga ao público prestes a ser tão manipulado. Mesmo a “falsa consciência” de um fenômeno tão monstruoso como o nazismo nutriu-se de imaginários coletivos do tipo utópico, sob roupagem tanto socialista como nacionalista. (...) tais obras são incapazes de administrar angústias sobre a ordem social, a menos que primeiro as hajam revivido e lhes tenham conferido alguma expressão rudimentar; (...) angústia e esperança são duas faces

²⁷ JAMESON, Fredric. AS MARCAS DO VISÍVEL. Pág. 34-35. Editora Graal. Rio de Janeiro. 1995.

da mesma consciência coletiva, de tal modo que as obras de cultura de massa, mesmo que sua função se encontre na legitimação da ordem existente – ou de outra ainda pior – não podem cumprir sua tarefa sem desviar a favor dessa última as mais profundas e fundamentais esperanças e fantasias da coletividade, às quais devemos reconhecer que deram voz, não importa se de forma distorcida.”²⁸

Mas se a cultura e seus elementos (suas obras), segundo Jameson, possuem em si uma função ideológica imanente e uma função mais positiva que é utópica ou transcendente, qual seria então um método capaz de apresentar, esclarecer e discutir sobre essas duas funções e assim obter um conhecimento ou uma consciência sobre a sociedade em que se vive, o social, o político e porque não dizer os caminhos possíveis, prováveis do futuro?

Podemos ressaltar que as entrevistas revelaram, como consenso geral, aceito e colocado pelos professores, algumas certezas que servem como ponto de partida e respaldo para seus trabalhos com filmes em suas aulas: 1- O conhecimento sociológico e a obtenção de uma consciência “crítica” dos conteúdos dos meios de comunicação podem ser obtidos através da análise e da crítica dos produtos da cultura realizados em aula pelo professor; 2- O professor é um profissional que lida com o conhecimento (idéias, conceitos, fatos, informações, etc.) a ser transmitido a seus alunos e lida também com pessoas dentro de uma instituição; 3- As diretrizes que norteiam o ensino de Sociologia tem o compromisso com a formação da cidadania dos alunos. A disciplina Sociologia contribui para a formação do aluno quando o professor coloca ao seu alcance o instrumental teórico por ela constituído em sua história, no longo caminho de investigação da realidade social e de tentativas de compreendê-la e ainda garante um espaço para possíveis discussões e

²⁸ JAMESON, Fredric. AS MARCAS DO VISÍVEL. Pág. 30. Editora Graal. Rio de Janeiro. 1995.

reflexões em aula que apontem para a construção do conhecimento dando uma bagagem para futuras análises do social; 4- A escola é uma instituição controlada com regras e leis específicas, mas entendida como o lugar da formação do indivíduo enquanto ser social e para o trabalho, e também da aprendizagem, da apreensão de um conhecimento produzido por outros e acumulado durante anos pela humanidade.

“Você usa livro didático?”

Não. O meu trabalho, meu curso é montado sob duas óticas, isso faz tempo que eu faço e eu acho que tem dado resultado. No primeiro momento, em Sociologia, eu trabalho mais com o teórico, fazendo com que o jovem possa se apropriar de uma maneira de compreender a realidade, que é a maneira científica, que é a parte teórica, o que é a metodologia científica, porque a Sociologia é uma ciência, como ela surgiu. Trabalho sempre com os clássicos básicos porque independentemente do marxismo não ter uma experiência real, mas é uma corrente de pensamento que eu acho que é o grande nó do capitalismo, tem que ser refletido, a ditadura e o proletariado está superado, mas como método de análise, de realidade capitalista, é o grande contraponto. Eu acho que a concepção weberiana do indivíduo é uma coisa significativa na sociedade contemporânea, o próprio neoliberalismo tem uma base significativa em cima de Weber, e você, tem depois mais para trás, o Durkheim, que ainda não reflete muito o papel da organização e, acima de qualquer coisa, eu acho que essas correntes que necessariamente as pessoas, a sociedade em geral ou elite não tem conhecimento ou tem, ela se utiliza muito disso, os discursos da organização weberiana, da consciência coletiva, ou é o indivíduo weberiano, ou é luta de classes do Marx, guardada a proporção, você tem esses confrontos ainda e que se manifestam na elite política, econômica, intelectual. Na medida em que meus alunos vão se aprimorando disso aí, eu me utilizo de um recurso que é o livro didático, que na verdade, não é um livro didático, mas eu tento encontrar um livro que pudesse me dar elementos do real, partindo do hoje para qualquer parte, para o passado ou projeções para o futuro. Desses últimos dois anos, eu

tenho usado esse livro do Gilberto, que é o “Cidadão de Papel”, e o efeito tem sido legal, legal assim... eles não gostam porque 7 horas da manhã, você dar uma aula sobre problema social, não há ninguém que goste, mas com o tempo eles foram se apropriando de que a realidade vai ter que ser enfrentada e não tem como fugir disso, pode mudar de escola, mudar de professor, mudar de tudo, mas que eles vão ter que enfrentar, eles vão, então, o adolescente se ressentem um pouco disso. É meio cacete no sentido de ter que enfrentar porque mesmo sendo uma escola do Estado, eu acho que eles são uma elite porque estudar de manhã numa escola do Estado e, não fazer mais nada, nem de tarde, nem de noite, é meio exceção, estudar à tarde numa escola do Estado e não fazer nada de manhã nem de noite é uma elite nesse país, a única coisa que eles não pagam diretamente é a escola, eles pagam em forma de impostos, mas é uma elite. Eles não gostam muito, a discussão para eles poderia ser outra, mas o livro didático tem esse papel, num segundo momento, ou um livro didático em geral que possa a gente fazer a aplicação daquilo que a gente estudou teoricamente.”

(Entrevista com Prof. Pedro)

Neste capítulo procuraremos levantar, através dos relatos dos professores de Sociologia, como estes, por meio do uso e análise reflexiva de audiovisuais em sala de aula, buscam resolver problemas de disciplina e de apreensão do conteúdo estudado de forma que o ensino se torne agradável e mais crítico.

DA ANÁLISE REFLEXIVA DE FILMES BASEADA NA SOCIOLOGIA

A tese de que os meios de comunicação – cinema, computador, televisão, etc. - podem libertar ou destruir consciências, provocando perigo para as mentes

humanas²⁹ ou trazendo lhes esclarecimentos, já é muito apresentada e discutida por educadores³⁰ e teóricos, dos meios de comunicação, da indústria cultural e da área da educação.

Esses posicionamentos antagônicos, ora “apocalípticos” ora “integrados”³¹, encontram expressões nas falas dos professores que refletem tendências de uma ou de outra forma, por exemplo quando os entrevistados afirmam que, com relação aos programas emitidos pela televisão, deve-se ter uma postura mais cuidadosa e crítica e com relação aos filmes, estes possuiriam uma capacidade maior para apoiar a transmissão do conteúdo estudado, e portanto a crítica ao filme poderia ser realizada de forma diferenciada da TV.

Podemos dizer que pelo fato dos entrevistados considerarem, tanto os programas televisivos como os filmes feitos para o cinema, “bons” para serem usados em suas aulas, na escola, estes posicionamentos, aparentemente radicais, tendem a encontrar uma postura de um certo equilíbrio³² entre ambos, ou seja,

²⁹ Tese encontrada nas obras dos autores da Escola de Frankfurt em especial de Theodor W. ADORNO.

³⁰ SANCHO, Juana. “A tecnologia: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência”. In Para uma tecnologia educacional. Pág. 43. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. Como nos mostra o seguinte trecho: “Um percurso pela história e pela prática da educação possibilita a localização dos envolvidos no ensino escolar em um contínuo cujos extremos representam duas posturas claras diante da possibilidade de considerar o conhecimento tecnológico nos processos de ensino. Em um extremo, seriam situados os que denominarei de tecnófobos, ou seja, aqueles para quem o uso de qualquer tecnologia... representa um perigo para aqueles valores que eles têm. No extremo oposto, seriam situados os tecnófilos, ou seja, aqueles que encontram em cada nova contribuição tecnológica... a resposta para os problemas do ensino e da aprendizagem escolar”.

³¹ Esses conceitos são apresentados por ECO, Umberto em APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS. Editora Perspectiva, coleção debates, nº 19, 5ª edição, São Paulo, 1993.

³² ROCCO, Maria Thereza Fraga. “Que pode a escola diante do fascínio da TV?” in Mídias aplicadas à educação: uma leitura crítica. Org. Ymaier Helena Truffi e Luiz Antonio Carvalho Franco. Pág. 61-62, Série IDÉIAS, 9, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, São Paulo, 1990. Podemos perceber esta busca no seguinte trecho: “Ao analisarmos TV, ou qualquer outro meio de comunicação de massa, é essencial que nós educadores principalmente, tenhamos consciência plena de nossos limites e “culpas” para não só transferirmos ao veículo em questão; mas é também necessário que adotemos uma postura equilibrada: nem excessivamente “integrada”, nem

ninguém é mais só “apocalíptico” ou só “integrado”. Tanto na escolha quanto na análise, estas duas posturas já são incorporadas no pensamento do professor. O filme ou programa de TV ora é escolhido por transmitir, influenciar e induzir uma “falsa consciência”, ora por contribuir na apreensão do conteúdo de “forma perceptiva” – como nos fala um dos professores entrevistados-, através da percepção e da emoção. Não há uma contraposição na fala dos professores entrevistados, que acreditam tanto na existência e na eficácia de alguns programas que seriam formadores de opiniões e “direcionadores” das consciências de seus espectadores, quanto no poder de outros produtos da mídia de auxiliar o aluno no processo de ensino-aprendizagem do conteúdo das disciplinas, revelando o real. Embora estas noções não sejam apresentadas de uma forma clara, nomeadas, identificadas e explícitas, podemos encontrá-las presentes em seu dia-a-dia, atuantes em sua prática no cotidiano escolar.

Observamos nas entrevistas que os professores apresentaram dois pontos de vista básicos: ao mesmo tempo que a imagem deve ser alvo de uma análise e reflexão, devido ao fato de que ela, principalmente a imagem televisiva, tem o poder de influenciar e dominar o indivíduo, ela também tem a capacidade de auxiliar o indivíduo a entrar em contato com o conhecimento de forma lúdica, agradável e prazerosa.

Os filmes e/ou programas de TV aparecem como um recurso didático que visa auxiliar o trabalho do professor na investigação e compreensão da realidade social, pois, como ficou claro no primeiro capítulo, a imagem permite esta compreensão de forma “perceptiva”, não só racional, e possibilita discussões e

excessivamente “apocalíptica”. Só assim nos será possível conduzir críticas justas ao meio, bem como apreender os muitos aspectos positivos inerentes, no caso, à TV e que tanto nos podem ajudar no processo educativo.”

reflexões sobre o tema do conteúdo abordado, como nos dizem alguns professores, é um “estopim para discussões”, e assim, aparentemente possibilita que a aula e a escola sejam um lugar mais democrático.

“Qual sua opinião sobre o papel da educação, da escola, e até mesmo do professor diante da mídia, dos meios de comunicação, e os produtos que eles fazem? Você acha que tem algum papel? A gente tem algum papel enquanto professor? A educação tem algum papel? Olha, eu acho sim, que a educação, eu vou pensar assim, os meios de comunicação como um produto social, uma realidade, uma dimensão social, é uma coisa a ser analisada do ponto de vista político, do ponto de vista não estético. É uma coisa a ser analisada, tem uma função sim, mas não especificamente os meios de comunicação, mas também os meios de comunicação.”

(Entrevista com Prof. José)

O entrevistado ressalta como mais importante realizar uma análise da dimensão política do filme, deixando a parte estética para outro professor, o de artes, determinando assim uma separação entre o político e o estético, forma e conteúdo do filme ou produto cultural analisado. Talvez isso se explique pelo fato dele ser professor de Sociologia, o que daria um maior respaldo, segurança e qualidade à sua análise, se ela for feita apenas pelo aspecto político, campo de estudo das Ciências Sociais.

Dentro deste ponto de vista, a maioria dos professores entrevistados, acham bom a utilização de imagens para facilitar e melhorar o ato da aprendizagem dos alunos, possibilitando um momento de reflexão e análise em aula. Apontam, também, para a necessidade de uma crítica ao conteúdo emitido tanto pelos meios de comunicação, de modo geral, como aos conteúdos dos filmes ou vídeos escolhidos por eles, de forma específica, para suas aulas. A crítica ao conteúdo

desses meios, quando estes lhes parecerem perigosos, é realizada por eles próprios, pois sentem-se suficientemente capazes disto. Procuram introduzir em suas aulas o recurso de vídeo e filmes, alertando seus alunos para um certo cuidado, uma certa atenção, que se deva ter com relação à imagem e ao contato com ela, ao mesmo tempo que demonstram sua crença nos benefícios que as “imagens da mídia” possam trazer quando aplicadas ao ensino.

Para alertar o indivíduo contra os “malefícios” da imagem, “formadora de opinião”, protegendo-o do controle exercido pela mídia, sobretudo pela TV junto a seus espectadores, os professores propõem, em contrapartida, uma “análise crítica” feita na escola durante a aula de Sociologia, ou seja, a libertação ocorre através de uma possível desmistificação da imagem que a escola e a Sociologia permitem e possibilitam.

“Todos os filmes, que você escolhe para passar, estão diretamente ligados com o tema que você está abordando em aula? Ou com o currículo? Você seleciona previamente os filmes ou você, por exemplo, aborda um assunto do momento, ou seja, estão discutindo sobre aborto, então, você resolve passar um filme sobre isto? Ou então, agora vai ter eleições, então, vamos passar alguns filmes relativo a esta temática. Como é que você faz para escolher os filmes? Precisa estar muito ligado com a temática ou com assuntos do momento?”

A temática. Eu procuro a temática, no caso, ela ser voltada para se pensar a realidade, então da maneira como eu trabalho Sociologia e esta é uma proposta assim, com bastante sentido. Não é você ficar... A proposta é assim, utilizar o pensamento sociológico das Ciências Sociais de uma maneira geral para estar pensando a realidade, então eu penso que ao estar discutindo o conceito de Cultura, eu não estou fazendo uma teoria desligada, eu estou pensando a realidade a partir de um conceito, a gente não pensa sem conceito, seja ele daquilo que a gente considera natural, nossa fala é permeada de conceitos, conceitos de senso comum, etc.,

então, e o filme vai ser encaixado nisso daí. Agora, eu não lembro de ter de repente pego um filme, no caso, eu vou pegando assuntos que estão rolando para ir encaixando na temática.”

(Entrevista com Prof. José)

Podemos salientar que os professores colocam como relevante e fundamental o fato de que a disciplina Sociologia possui uma capacidade intrínseca da crítica aos meios e aos malefícios que a mídia e seus produtos podem e pretendem causar.

Por parte dos professores existe um objetivo principal e até um desejo - ao introduzir filmes e programas de TV em sala, embora sejam poucos - de criticar a imagem, apontando falhas ou pontos de ludibriação presentes, pois acreditam que o programa tem a capacidade de muitas vezes enganar, direcionar a um determinado pensamento, induzir idéias e opiniões no telespectador. Ou seja, o professor procura, ao se utilizar de imagens, fazer uma “análise crítica”, levar os alunos a uma direção crítica, “ensinar um discurso crítico”, baseado na Sociologia ou naquilo que ele aprendeu em seu curso universitário.

Uma “análise crítica” que, por um lado, significa alertar para o perigo da dominação e enclucamento de ideologias que os produtos da cultura, no caso aqui filmes e principalmente programas de TV, trazem consigo; por outro lado, esta significa direcionar o aluno, levantando e ressaltando pontos de reflexão e conceitos importantes que o filme escolhido trouxe consigo em seu discurso ao abordar um determinado tema. Momento em que, muitas vezes, de certa forma se manifesta o objetivo de transmitir conteúdos já prontos, aprendidos e repetidos em suas aulas, objetivo onde o mais importante é “ensinar o aluno a ser crítico”,

direcioná-lo. Dentro disso o que cabe aos alunos é apenas assimilar e reproduzir conteúdos, como se todo saber já estivesse pronto para a reprodução e assimilação, e como se a única, mais correta e a melhor forma de ensiná-los fosse aquela que está sendo utilizada. E assim, apreendendo e gravando o discurso do professor, imitando-o e reproduzindo-o, aceitando-o como verdade, o aluno estaria agindo da forma mais correta e aprendendo que aquela forma é única e quando não, a melhor a ser usada para se aprender e refletir sobre o conteúdo e os temas abordados.

Fica evidente no relato abaixo que o fato dos alunos serem “bombardeados” pelas imagens dos meios de comunicação em seu cotidiano de maneira pouco controlada, de forma “totalitária”, à qual estão mais expostos a esta imposição por serem, “fraquinhos”, com pouca capacidade reflexiva, justificaria a necessidade de uma abordagem crítica desses programas, realizada pelo professor de Sociologia que, como diz a entrevistada, possui o respaldo do curso de Sociologia da faculdade e, além disso, também uma bagagem de dez anos de trabalho no magistério. A Sociologia, enquanto ciência, apresenta os subsídios necessários para que essa análise ocorra de forma a libertá-los dessa opressão, dessa falta de democracia, desse “totalitarismo” imposto pelos meios a seus espectadores. O professor se demonstrando, aparentemente, democrático, “eu passei da fase de ficar dizendo: eu sou dona da verdade”, ainda age de forma autoritária, ao pensar que sua análise e postura são as mais corretas, verdadeiras e esclarecedoras, que ajudariam os alunos “fraquinhos”, alguns interessados, outros “apáticos”, a se tornarem mais críticos, prontos para a elaboração de críticas aos meios e a seus produtos.

“Qual na sua opinião é o papel da educação, da escola, do professor diante da mídia, dos meios de comunicação, dos produtos culturais dela? Você acha que deve introduzir na escola? Introduzir como?”

“Tratar esse tema, meio de comunicação!?”

Acho que sim, inclusive porque eles são bombardeados pelos meios de comunicação, e se você não der uma visão crítica, hoje em dia, eu passei da fase de ficar dizendo: eu sou a dona da verdade; eu tive disso, embora não seja muito bom para um sociólogo, mas eu até passei por isso, achando que eu tinha que doutrinar porque eles eram muito fraquinhos. Isso faz muito tempo. O que eu faço hoje é tentar dar subsídios para que eles pensem sozinhos. E tem que pensar sobre essas coisas, porque você é bombardeado, e é uma coisa extremamente antidemocrática. Você está recebendo aquilo, e se você não tem o mínimo de crítica... é uma coisa extremamente totalitária, que lembra o totalitarismo. Então isso é muito sério. Você tem que tentar dar alguns subsídios, alguns elementos para que eles consigam discernir certas coisas.”

“Você trata especificamente assim, por exemplo: hoje vamos falar de TV?”

As coisas variam muito de classe para classe, de escola para escola. Nessa escola, as classes que eu tenho dá para fazer a coisa fluir normalmente, e um pouco, vamos e venhamos, dos dez anos que eu tenho de magistério dá perfeitamente para aquilo que eles trazem. A partir daí, você fazer uma análise, é um papo até meio construtivista, que está meio na moda, mas eu faço isso naturalmente, mas não acho que seja uma coisa fácil de se fazer. É que eu estou muito acostumada e porque essas classes que eu estou hoje, elas são legais, eles querem saber. Tem classe apática, que não está a fim, que está ali para passar de ano. Quando você dá 36 aulas semanais tem sempre aquela classe que não quer saber de nada, principalmente esse 1º colegial, ele é muito interessado, eles estão naquela fase hormonal, eles vem e perguntam as coisas. Um menino veio perguntar de drogas esses dias. Porque a droga viciava, mas isso foi paralelo, enquanto o pessoal fazia alguma coisa ele veio perguntar: Ah! Por que o jogo vicia? Então você vê que eles tem algumas angústias e essa é a hora da gente entrar. “

(Entrevista com Profª. Maria)

Ao professor cabe fazer uma “análise crítica”, ele deve dar o direcionamento, sendo totalmente capaz de ensinar a “análise crítica” a seus alunos, o professor é responsável por ela, pois o curso de Sociologia lhe deu o embasamento e a capacitação necessária para este “ensinar” como se deve fazer uma “análise crítica”, “ensinar” a entender o filme.

“Seus alunos tem vídeo, ou você não sabe?”

Não, tem alguns que tem, mas aí você tem que fazer: quem tem vídeo, para gravar o programa, para depois assistir. Porque uma coisa assim, que eu tenho notado assim, não ficar na opinião, uma briga que às vezes eu tenho com o aluno. Uma coisa é você dar a sua opinião, mas é preciso sair da opinião também, porque se não você fica só no "achismo", eu acho isso, sou a favor, sou contra, e alguns alunos, a partir desse ano, os alunos falam: - Professor, vamos conversar um pouco. Vamos. Aula de Sociologia para mim, para determinada escola, só ficam conversando sobre aborto, sobre isso, sobre aquilo, eu falei, legal, mas acho que seria mais fácil para mim fazer isso, vocês vão ficar muito mais... e eles estavam acostumados também a este tipo de experiência que é aula de Sociologia, aula de Filosofia, você dar sua opinião. Aí, você escreve qualquer coisa, aí, na realidade você reproduz, você acaba reproduzindo a mesma coisa, você não altera a sua percepção, você não altera a sua compreensão, então, eu acho que tem que ter essa... tem que haver um acréscimo, uma mudança se não houver não adianta nada, você simplesmente ficou matando tempo ali, e aí a aula, o filme que você vê, você fica como curiosidade, ou o texto que você lê. Ah! Que curioso, mas e aí? Para que serve isso? Que importância tem isso? Que importância tem você compreender, por exemplo um conceito de Cultura do ponto de vista antropológico, por exemplo? O que isso tem a ver? O que isso vai alterar na minha vida? Então, acho que nesse trabalho, eu tinha que explicar para eles isso daí, a importância disso daí, não que eles não tenham espaço para conversar, dar opinião, só que agora vamos sair da opinião, você vai escrever um texto, se você vai falar para uma outra pessoa, e aí? Então é uma dificuldade, você dizer, você

descrever uma situação, então precisa aprender, porque se eles não fazem isso, eu acho que também não estaria auxiliando eles a lerem a realidade. Por exemplo, os meios de comunicação, ler um filme, eu acho que...”

“Eles estariam lendo do mesmo jeito?”

É. Eu acho que é uma questão, é trágico isso, se a gente fosse cair naquele relativismo, você vai ter a sua leitura, não, eu vou falar, escrever se eles quiserem dar a opinião, ser contra ou a favor, eles dão, mas eles precisam ter um espaço na avaliação para eles concluírem, dar opinião deles.”

“Como é que você passa os filmes nas aulas, durante a exibição você comenta alguma coisa? Ou você senta, assiste o filme e depois você comenta, ou anteriormente você faz uma prévia?”

Por exemplo, eu falo: vou passar um filme: “Brincando nos Campos do Senhor”. Falo mais ou menos o que é a história. A história é de uma tribo indígena na Amazônia, que eles nunca tinham tido contato com os brancos e, aí depois, vão ter contato com alguns pastores, que vão lá. Eu faço uma sinopse, mais ou menos para eles saberem o que eles vão assistir, que tipo de filme para não chegar lá, então, dou mais ou menos uma preparada, não que eu dirija já, isso não, então é isso, aí durante o filme...”

“Você fala alguma coisa assim: Preste atenção aquilo! Comenta alguma coisa ou só assiste mesmo?”

Não. Comento algumas coisas. Seria interessante vocês prestarem atenção, mas eu procuro não dirigir muito, só algumas coisas. Às vezes você acaba falando, como tópicos.”

(Entrevista com Prof. José)

Encontramos o pensamento de que o discurso do professor, um “discurso aparentemente sociológico generalizado”³³ é o mais correto e o dos alunos deveria

³³ Dizemos “discurso sociológico generalizado” pois, a Sociologia abrange uma gama enorme de linhas teóricas e paradigmas, correntes teóricas diferentes que sofrem influências históricas, ideológicas e políticas diversas que possuem enfoques diferentes sob uma mesma denominação científica. Embora a Sociologia, é entendida por muitos de forma contraditória, ora expressando e representando o que existe de revolucionário, ora algo que ajuda a apoiar, manter o poder estabelecido, o pensamento conservador, ajudando no controle social, mantenedora da ordem estabelecida, como nos escreve SARANDY, Flávio Marcos Silva no texto “Reflexões acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio”. Os professores entrevistados, neste trabalho, entendem o

ser amoldado a este, ou seja o discurso do professor é sempre o “mais verdadeiro”, quando não, a “única verdade”. Pressuposto encontrado, de acordo com Almeida³⁴, em todas as Ciências, e em consequência, em todas as Ciências Humanas, no caso aqui, nas Ciências Sociais, através do discurso do professor de Sociologia, pois é respaldado por todo um conhecimento acumulado e testado durante anos. Tomando como referencial todas as Ciências Humanas, podemos, compartilhando a crítica de Almeida, reconhecer neste discurso “(...) a crença como única e verdadeira na visão do conhecimento da História tal qual ele aprendeu em sua formação acadêmica. Isto acontece em quase todos os outros campos de formação universitária, nas ciências exatas, biológicas e humanas. Desta maneira, cada “especialista” desconfia de todos os outros e fecha-se às possibilidades de novos conhecimentos. Nesta área de “linguagens alternativas” é muito maior a insegurança e o resultante sentimento de superioridade dos pesquisadores, pois é inerente aos objetos do mercado da cultura exibirem-se como ficção ou entretenimento, ao mesmo tempo em que produzem conhecimento verdadeiro e ideologia. Aqui há um outro detalhe: de posse de uma “verdade” que lhes é legitimada pelas diferentes teorias que estudaram, os pesquisadores perdem a possibilidade de estudar o verdadeiro e o transitório, portanto real, e deixam de ver o que realmente acontece nos textos literários, nas imagens de revistas, cinema, televisão. Forçam o que chamam de fatos a acomodarem-se desconfortavelmente em suas teorias explicativas e, como cientistas “exatos”, seus fatos passam a explicar a teoria “aplicada” e não mais a realidade que, como todos nós que nela vivemos, é suja, contaminada, confusa e não límpida e clara como objetos de laboratório. (...) afirmam o real como contraditório, mas é evidente que afirmar que

discurso sociológico como único, amoldado de forma a não ter variantes, diferenças ou contradições, e portanto indiscutível, como se a Sociologia possuísse apenas uma forma de análise e abordagem crítica.

algo é contraditório, ou explicar a contradição com uma formulação dialética, é buscar uma espécie de consolação ideológica pela magia de um conceito.”³⁵

Qualquer análise feita, pelo professor, de um filme, é uma análise ideológica determinada pelo tempo histórico, classe social, cultura, psicologia, enfim, toda história pessoal dele. É uma análise feita no presente e influenciada por todas as relações sociais, tradições, cultura, forças políticas, históricas, psicológicas, etc. desse momento presente. A análise sempre é uma análise do e no presente³⁶ e repleta de determinantes³⁷.

O professor, ao elaborar e organizar sua aula escolhendo aquela que ele acha a melhor maneira de apresentar e explicar o conteúdo – conceitos, informações e idéias – a seus alunos, geralmente, busca estabelecer relações, fazendo comparações, ou apontando para diferenças, semelhanças, com outras coisas, supõe questões, etc. E elabora todo esse instante, momento em que o professor fala a seus alunos, onde até seu silêncio significa algo. “Cabe dizer que nestes momentos, como em quase todos os outros momentos em que falamos, estamos a *narrar* algum fato, a *contar* alguma coisa, e *dizer* a nossa versão sobre algum pedaço do mundo. (...) Se temos ouvintes, nós os tornamos parte da história que contamos,

³⁴ Cfr. ALMEIDA, Milton José. Linguagens Alternativas do Ensino de História. Comentários sobre as apresentações e resumos do “III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História”, Campinas, 1997.

³⁵ ALMEIDA, Milton José. Linguagens Alternativas do Ensino de História. Pág. 5. Comentários sobre as apresentações e resumos do “III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História”, Campinas, 1997.

³⁶ OLIVEIRA Jr., Wenceslão Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág. 2. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

³⁷ ALMEIDA, Milton José de. “Linguagens Alternativas do Ensino de História.” Pág. 1. “(...)Todos também percebemos a força com que o contexto cultural e social – em nosso caso apresentações orais em um encontro de pesquisadores em ensino e resumos escritos para o mesmo encontro – já, de antemão, fornece o universo de palavras e sintaxe possível e quase obrigatório para as expressões individuais.”

buscamos fazer deles cúmplices de nossa argumentação. (...) Quando contamos algo não nos utilizamos apenas da fala, das palavras pura e simplesmente encadeadas em um sentido. Estamos agindo. (...) estamos a nos relacionar com tudo o que está à nossa volta. Esta relação, este agir, nos toma por completo. *Todo nosso corpo vibra ao tornar verbal* pensamentos e emoções, risos e estranhezas. A vibração que percorre nosso corpo é também corrente entre os ouvintes, ou melhor, aqueles que com maior ou menor atenção participam daquela situação, daquele momento em que uma idéia está sendo exposta. Falantes e ouvintes formam um contexto totalizante, em que as palavras e os silêncios vão compondo um discurso *sempre no presente*. Um presente contendo... Um presente que é *denso*, pois que acumula os presentes que foram se somando ao longo da conversa. Ele aprisiona o todo, contém todos os significados apreendidos e abandonados durante este tempo em que falantes e ouvintes se constituíram como homens em busca... de si mesmos, das origens do mundo, do diploma universitário. Não importa a busca, importa o agrupamento... e a *oralidade*. (...) mundo em que se constitui quando estamos vivendo situações em que o presente é totalizador, em que temos que estar atentos o tempo todo naquilo que está ocorrendo para que consigamos, ao final, deter algo do ocorrido. Os sentidos e significados vão se dando não propriamente por acúmulo, mas por *sobreposição*, estando na última fala, no último gesto presenciado a “chave” de significação dos momentos anteriores. Enquanto estamos imersos em uma situação oral os sentidos permanecem instáveis, passíveis de serem alterados por uma fala posterior podemos voltar aos momentos que antecederam a esta última fala/ a este último gesto, buscar sentidos e significados outros, a partir de nossas lembranças e esquecimentos. No entanto, estas rememorações estarão submetidas à “sensação” que ficou ao sairmos, que ficou ao nos desvincularmos daquela situação e entrarmos em outra. Esta “sensação” final (que pode ser de compreensão, dor, estranhamento, felicidade, etc.) engolfa tudo o que foi presenciado, dando sentido

a muito do que ocorreu antes. Sentidos estes que não precisam ser compostos por coerência mas o podem ser por tensão e conflito.”³⁸

Todo produto cultural, assim como qualquer realidade, é passível de diferentes interpretações e análises, dependendo fundamentalmente dos princípios, critérios e contexto em que estão sendo realizadas, mas a ocultação ou um maior ou menor esclarecimento deste real, aprimorando o saber para a obtenção do conhecimento, varia de acordo com o momento, a possibilidade de diálogo com ou sem coação, as argumentações apresentadas, um maior conhecimento da linguagem (no caso aqui linguagem fílmica), sendo assim, mais ou menos possível de ser alcançado. Compartilhando assim as idéias de Goergen, “Qualquer realidade é sempre passível de diferentes leituras a depender dos critérios que subjazem a estas interpretações. Importa saber se estes critérios são equivalentes entre si ou não e de que perspectiva o são. Se forem equivalentes, qualquer leitura é igualmente legítima e chegamos ao relativismo. Se não forem equivalentes, alguns devem ser mais legítimos que outros. (...)”³⁹

Saber que seu discurso é um ponto de vista e deixar isto claro é fundamental mas não suficiente no processo educativo que se deseja esclarecedor e crítico. Deve-se tomar cuidado para não se cair num relativismo sem sentido, numa comunicação sem entendimento, num processo de aprendizagem que não cria nada novo. Talvez possamos dizer que existam alguns discursos mais esclarecedores do que outros, mais legítimos, ou até mesmo princípios universais, algo comum a todos, aquilo do que não se pode abrir mão ou se negar. Mas é

³⁸ OLIVEIRA Jr., Wencesláo Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág. 2-3. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

necessário deixar claro, pontuar e contextualizar todos os discursos envolvidos numa discussão-reflexão.

O que determinaria um discurso legítimo, plausível, aceito por todos e que garantisse a pluralidade, a diversidade de opinião e conceitos, a comunicação entre todos os participantes no contexto determinado, uma reflexão sem oprimir, ordenar, dominar, impor, adestrar ou sufocar argumentos e experiências de todos indivíduos e de cada um em particular?

Talvez a existência de ações controladas e efeitos esperados dentro da instituição escolar (ou qualquer outra de uma sociedade⁴⁰) não garantam isso mas a possibilidade de um trabalho diversificado e sua constante formulação e reformulação colaboram para que o ambiente escolar possa ser um lugar onde a opressão, a conformação, e a indução sejam sempre questionadas e controladas diferentemente de outros meios (ambientes). E assim, o ambiente escolar, onde se conjunam teoria e prática determinadas, poderia ser um lugar com possibilidades do encontro de discursos e leituras do mundo diversificadas, que possibilite e permita o debate de idéias e opiniões, um diálogo baseado em argumentos a serem questionados ou defendidos.

³⁹ GOERGEN, Pedro. "EDUCAÇÃO MORAL: ADESTRAMENTO OU REFLEXÃO COMUNICATIVA?" *in* Educação & Sociedade, ano XXII, PÁG. 161, nº 76, Outubro/2001, Campinas, SP, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes).

⁴⁰ Segundo GOERGEN, Pedro. "EDUCAÇÃO MORAL: ADESTRAMENTO OU REFLEXÃO COMUNICATIVA?" *in* Educação & Sociedade, ano XXII, PÁG. 172, nº 76, Outubro/2001, Campinas, SP, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes), "se, de um lado, somos obrigados a reconhecer que particularmente a mídia exerce crescente influência educativa sobre as pessoas, de outro, não podemos facilmente admitir que ela se equipara à educação formal. Há diferenças importantes que não devem ser esquecidas. Em primeiro lugar, devemos lembrar que a educação escolar é um processo no qual os gestos educativos são sistematicamente organizados e permanentemente tematizados na sua dimensão metodológica e de conteúdo na busca de legitimação."

“A educação pode falhar, mas ela é portadora de uma responsabilidade formativa que nem sempre preocupa as outras instituições sociais como, por exemplo, a mídia. Nesse sentido, a escola submete-se, ou melhor, integra o espaço público de discussão do qual participam as diferentes instâncias sociais, tais como a família, o governo, a Igreja, os sindicatos, além, evidentemente, dos próprios profissionais da educação, teóricos e práticos. Insisto em dizer que esta integração da educação no espaço público, onde se tematiza e estabelece o projeto pedagógico, que é moral como um todo, é um dos traços essenciais de sua identidade. Por isso, transformar a escola numa atividade meramente instrumental, fazendo dela uma agência de adaptação das novas gerações ao modelo social vigente é por a perder uma de suas principais dimensões que é o indagar crítico a cerca dos sentidos da vida individual e coletiva no contexto contemporâneo. É nesta perspectiva de uma educação que abrange o refletir crítico, no âmbito do espaço público, que se justifica a defesa persistente e intransigente da educação pública.”⁴¹

Nessa primeira parte mostramos como e em quais circunstâncias o professor trata a imagem como algo a ser criticado e analisado através do olhar da Sociologia. Veremos agora, como este mesmo professor a vê como algo a ser utilizado no processo de ensino, desconsiderando a imagem como obra pensada, elaborada e produzida como expressão da cultura.

⁴¹ GOERGEN, Pedro. “EDUCAÇÃO MORAL: ADESTRAMENTO OU REFLEXÃO COMUNICATIVA?” *in* Educação & Sociedade, ano XXII, PÁG. 162, nº 76, Outubro/2001, Campinas, SP, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes).

DA PRESENÇA DE FILMES NA ESCOLA PARA ALÉM DA ABORDAGEM INSTRUMENTAL, COM FINS UTILITÁRIOS E PRAGMÁTICOS

A introdução e a utilização da mídia no ambiente escolar não representa nenhuma novidade, mas, mesmo assim, os professores ainda encontram uma certa dificuldade e buscam uma metodologia, capaz de solucionar seus problemas de disciplina e de transmissão de conhecimento, encarando, ainda hoje, a presença de filmes na escola como uma “nova” forma, um meio “alternativo” de métodos didáticos e pedagógicos para auxiliar a aprendizagem do aluno e o trabalho do professor em sala de aula.

Os professores entrevistados buscam no audiovisual uma forma para solucionar, principalmente, o problema de falta de interesse do aluno, expresso pela atitude de mau comportamento, alunos falantes e distraídos, e “(...) demonstram (...) o desconforto com o tradicional “livro didático” e a “aula expositiva”, e encaram, quase numa mistura de mágica e didática, as “linguagens alternativas” como solução para seus problemas (...)”⁴².

“O que você acha que a gente pode alcançar usando esses recursos audiovisuais? O que a imagem tem, que usar jornal não tem?”

Eu acho que é a coisa de que hoje a sociedade está toda voltada ao vídeo, o vídeo não precisa ler, quer dizer, você tem a legenda, mas a imagem fala mais do que as palavras, então esse é o nosso grande... problema, acaba sendo, para nós professores que usamos giz e a lousa, a imagem fala muito mais do que você ficar falando dez mil vezes a mesma coisa, então acho que ele funciona com essa força, a imagem extrapola e escraviza porque ele acaba só querendo imagem e ele não tem saco para pegar um livro e ler.”

⁴² ALMEIDA, Milton José de. “Linguagens Alternativas do Ensino de História”, Pág. 3, Comentários sobre as apresentações e resumos do “III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História”, Campinas, 1997.

(Entrevista com Prof^a. Ana)

A imagem aparece neste trecho como uma substituta ideal para as palavras, a “falação” do professor, e para a leitura, desvalorizadas pelos alunos que já não mais voltam sua atenção para estas formas mais tradicionais e “antigas” que auxiliam na transmissão de conteúdos. As idéias de que: a imagem alimenta a preguiça e aumenta o desinteresse para a leitura, portanto escraviza; as imagens em movimento são mais interessantes do que o professor em sua aula expositiva, portanto a imagem explica melhor do que as palavras; demonstram que a imagem, apesar do tom crítico explícito, é tratada como algo fundamental, importante, a salvação de muitos problemas na escola, um mito. "O mito da imagem é forte: vale mais do que a palavra, informa de modo mais claro, é interessante e moderna, e mais do que isso: é verdadeira."⁴³ Esse mito da imagem, subjacente à fala dos professores, tem a função de justificar o desinteresse do aluno com relação às aulas e apontar o uso de filmes e/ou vídeo como uma possível solução para esse problema.

Os professores acreditam que é válido e importante o uso de filmes em sala, pois este permite que o aluno “aprenda se divertindo”, propondo não só o uso de filmes documentários como também o de filmes de ficção, contanto que tenham uma relação direta com o conteúdo ou tema estudado.

Podemos ressaltar outros parâmetros utilizados para a escolha dos filmes além do conteúdo abordado como, por exemplo: as sugestões indicadas nos livros didáticos e/ou nos PCNs; os filmes propostos com uma breve análise e resumo

feita por profissionais de instituições ligadas à educação e ao ensino; os filmes famosos elogiados pela crítica da área cinematográfica; os filmes considerados polêmicos conhecidos dentro do “circuito universitário”; os filmes assistido em aula na faculdade, já que os professores, quando entrevistados, em sua maioria, ainda estudavam ou realizavam algum curso em alguma universidade, mesmo quando estes cursos não estavam ligados à área da comunicação, cinema ou abordagem de filmes em sala.

Com relação ainda à escolha do filme para a aula, existem fatores determinantes que marcam a atuação do professor e devem ser ressaltados aqui, como: os professores selecionam as obras em vídeo, principalmente, por razões “subjetivas” e circunstanciais, demonstradas através de suas afinidades e empatia com o(s) tema(s) ou com o(s) filme(s) escolhidos, das facilidades em obtê-los, ou visando agilizar seu trabalho e sua atuação dentro da sala, ou ainda por sua história, enfim, aparentemente através de um método muito particular. Com a preocupação de transmitir algo a alguém, o professor escolhe seu filme de uma forma limitada, já que a escolha é feita dentro de um leque de possibilidades restritas, oferecidas e encontradas na própria escola, ou em locadoras, ou através de indicações dos livros e instituições educacionais que o auxiliam na hora da escolha, sugerindo temas, textos e audiovisuais e que oferecem resumos dos filmes e orientações para analisá-los em aula.

A pesquisa mostrou que a escolha dos filmes está ligada e determinada, por indicações de livros e outras sugestões, à formação sociológica e à preferência pessoal do professor, embora, direcionada por um conteúdo que ele não fez ou

⁴³ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 126. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

escolheu, a seleção dos vídeos tem muito da influência do meio, da vida do professor e de uma opção pessoal. Apesar disso, como nos diz Bruzzo, a “discussão dos filmes não se pode situar como preferência pessoal, que determina gostar ou não do filme. Se é verdade que o fato de uma obra ser do agrado pessoal estimula o professor a explorá-la, não é menos verdade que nem todos terão a mesma opinião e, portanto, espera-se que a análise de um filme vá além dessa abordagem afetiva. Até porque essa é a única forma de fornecer instrumental de apreciação das obras aos alunos. Caso contrário cada um fica com as suas impressões e não descobre novas formas de ver o mesmo filme, sem que isto signifique vir a gostar dele, ou modificar uma opinião negativa sobre o mesmo.”⁴⁴

Para o professor, no entanto, o mais importante é, principalmente, a relação que ele faz entre o tema do filme escolhido e o currículo, ou seja o “tema do filme” deve estar diretamente ligado ao tema do conteúdo da disciplina abordado no momento em sala. O filme deve abordar o tema de acordo com os seus propósitos ou gosto. O uso de filmes não é uma obrigação, mas uma indicação, um “algo a mais”, para diversificar a aula e a forma de transmitir o conteúdo do currículo.

A escolha do filme para ser trazido em sala deve ser mais cuidadosa e elaborada, afinal ela vai influenciar diretamente na análise e discussão posterior do mesmo. Filmes que tragam um conflito interno em sua trama, sejam de certa forma provocadores, questionadores da normalidade, filmes em que a sociedade e as classes sociais sejam representadas como personagens⁴⁵ possibilitam uma análise e reflexão mais rica e com mais possibilidades.

⁴⁴ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor um espectador. Págs. 151-152. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

⁴⁵ JAMESON, Fredric. AS MARCAS DO VISÍVEL. Pág. 39. Editora Graal. Rio de Janeiro. 1995. Como nos mostra no trecho a seguir: (...) para que a verdadeira consciência de classe seja possível,

Entre os professores foram lembrados e citados, no momento da entrevista, como filmes mais utilizados em seu trabalho nos últimos anos e/ou que gostariam de utilizar, os seguintes:

“Medidas Extremas” (“Extreme Measures”, EUA-1996) de Michael Apted, “A Marvada Carne” (“A Marvada Carne”, Brasil-1985) de André Klotzel, “Contato” (“Contact”, EUA-1997) de Robert Zemeckis, “Germinal” (“Germinal”, França-1963) de Yves Allegret, “Tempos Modernos” (“Modern Times”, EUA-1936) de Charles Chaplin, “Ilha das Flores” (“Ilha das Flores”, Brasil-1989) de Jorge Furtado, Vídeo sobre Holocausto, “Kids” (“Kids”, EUA-1995) de Larry Clark, “O Nome da Rosa” (“Le Nom de la Rose”, Itália-França-Alemanha-1986) de Jean-Jacques Annaud, “The Wall” (“The Wall”, EUA-1982) de Alan Parker e Gerald Scarfe (animação), “Em Nome do Pai” (“In the name of the Father”, Irlanda/Grã-Bretanha-1993) de Jim Sheridan, “A Classe Operária vai ao Paraíso” (“La Classe Operaria Va in Paradiso”, Itália-1972) de Elio Petri, “A Noite dos Desesperados” (“They Shoot Horses, Don’t They?”, EUA-1969) de Sydney Pollack, “Faça a Coisa Certa” (“Do the Right Thing”, EUA-1989) de Spike Lee, “Brincando nos Campos do Senhor” (“At Play in the Fields of the Lord”, EUA-1991) de Hector Babenco, “A Missão” (“The Mission”, EUA-1986) de Roland Joffé, “O Enigma de Kaspar Hauser” (“Jeder für sich und Gott gegen alle”, Alemanha-1974) de Werner Herzog, “Pixote” (“Pixote: a lei do mais fraco”, Brasil-1980) de Hector Babenco, “O Homem que virou Suco” (“O Homem que virou Suco”, Brasil-1980) de João Batista de Andrade, “2001, uma odisséia no espaço” (“2001: A Space Odyssey”, EUA-1968) de

precisamos começar a perceber a verdade abstrata da classe pelo meio tangível da vida cotidiana, sob formas expressivas e empíricas; e afirmar que a estrutura de classe tornou-se representável significa que demos um passo além da mera compreensão abstrata e estamos no terreno que engloba a imaginação individual, as histórias que contamos como coletividade, a figuração narrativa – que é o domínio da cultura, e não mais da sociologia abstrata ou da análise econômica. Para se tornarem representáveis – isto é, visíveis, acessíveis à imaginação – as classes precisam ser capazes de se transformar em personagens (...).”

Stanley Kubrick , “O Discreto Charme da Burguesia” (“Le Charme Discret de la Bourgeoisie”, França-1972) de Luis Buñuel, “A Festa de Babetete” (“Babette’s Gaestebud”, Dinamarca-1980) de Gabriel Axel, “O Passageiro do Futuro” (“The Lawnmover Man”, EUA-1992) de Brett Leonard, “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (“Deus e o Diabo na Terra do Sol”, Brasil-1964) de Glauber Rocha, “Blade Runner- O Caçador de Andróides” (“Blade Runner”, EUA-1982) de Ridley Scott, “Curta os Gaúchos” (“Ilha das Flores”, Brasil-1989, “O Dia em que Dorival encarou a guarda”, Brasil-1986, etc.) de Jorge Furtado, “Um dia, um gato” (“Az Prijde Kocour”, Tchecoslováquia-1963), de Vojtech Jasný, Vídeo da Anistia Internacional sobre Direitos Humanos, Vídeo sobre uma pesquisa etnográfica feita no Xingu, Vídeo “Muito Além de Cidadão Kane”, Vídeo sobre Chico Mendes (da TV Cultura).

Vemos que, apesar de razões diversas no momento da escolha, os filmes utilizados pelos professores possuem uma forte ligação com a temática sociológica, sendo principalmente utilizados visando auxiliá-los na transmissão do conteúdo da disciplina.

Embora tenham citado vários filmes, os professores, em suas experiências (vivências) no cotidiano escolar, em termos práticos, usam poucos durante o ano ou não utilizam com uma certa constância, como já foi dito no capítulo anterior, não por falta de condições estruturais - como TV, vídeo, sala, etc. - que o próprio estabelecimento de ensino oferece, mesmo precariamente⁴⁶, mas pelo fato de que não só os professores, como a própria escola, ou a coordenação pedagógica da

⁴⁶ As escolas em sua maioria possuíam TV, vídeo, sala de vídeo, algumas possuíam videoteca, mas, não em condições ideais, por exemplo: salas mal cuidadas ou inutilizadas por um determinado período servindo de depósitos, cadeiras desconfortáveis, videotecas com pouca variedade de filmes, TV de 20' numa sala para 50 pessoas embora a maioria das escolas possuíam TV 29', aulas com duração de 50 minutos para filmes entre 15 e mais de 120 minutos.

escola, não possuem uma proposta metodológica ou pedagógica que os auxilie na utilização e análise do vídeo em sala. Muitas vezes, a direção da escola serve apenas como censora⁴⁷, não dando nenhum apoio e até mesmo inviabilizando, proibindo ou dificultando o trabalho, fazendo com que os professores, ao usarem filmes, o façam como acharem mais conveniente e como for possível no momento, realizando um trabalho sem muitas regras, quase sempre inventando um método próprio baseado, principalmente, em sua experiência de vida - que alcançaram no trabalho, na escola, no curso que fizeram na faculdade, em seu dia-a-dia.

Discursos apologistas que vêm no uso de filmes, vídeos, TV, computador, enfim, nos audiovisuais, uma forma de solucionar os problemas educacionais, com relação, à aprendizagem, transmissão do conhecimento, disciplina dos alunos, sempre existiram⁴⁸. Podemos dizer que a política de inserção do audiovisual no processo de ensino serve a outros propósitos, não representando uma efetiva preocupação com relação a uma pedagogia que auxilie realmente no processo de

⁴⁷ Uma das entrevistadas, Prof^a. Débora, citou que a diretora, da escola em que trabalha, a proibiu de passar o filme "Kids" para seus alunos. Ou ainda, a Prof^a. Marta disse sobre outra diretora que havia repreendido uma das professoras de sua escola, pois, considerava que ela "usava filmes demais", e isto caracterizava que ela estava "enrolando" e "matando" aula. Em nenhuma das entrevistas, os professores, disseram que tinham apoio da direção ou da coordenação pedagógica da escola, visando auxiliá-los, seja sugerindo textos de apoio, ou cursos, seja indicando possibilidades de abordagem, ou facilitando o uso, ou possibilitando melhores condições de horários, momentos culturais específicos em que a imagem venha a possuir papel importante. Outra professora também, Prof^a. Maria, cita que, a coordenação pedagógica de sua escola, não a auxiliava.

⁴⁸ NOVA, Cristiane. NOVAS LENTES PARA A HISTÓRIA: uma viagem pelo universo da construção da História e pelos discursos audio-imagéticos. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999. Percebemos que (...) são inúmeros os estabelecimentos de ensino (em todos os níveis) que, de alguma forma, introduziram as novas tecnologias de informação e comunicação em sua prática pedagógica – televisores, videocassetes, antenas parabólicas, computadores. Parte dessas iniciativas é oriunda de medidas governamentais e outra dos setores da educação privada, atendendo a demandas cada vez mais crescentes de pais e alunos. Mas é preciso se acentuar que se essas ações respondem a uma tendência geral da sociedade, cada vez mais maquinizada, elas também são resultados de pressões mercadológicas (diretas e indiretas) dos produtores industriais desse ramo. Para além dos motivos sócio-econômicos, culturais ou ideológicos, essa penetração das NTIC na educação corresponde ainda a

ensino-aprendizagem do aluno, ou que permita uma maior apreensão do conhecimento por parte deste. Não existe uma proposta pedagógica clara nem por parte dos professores nem por parte da escola e sua coordenação pedagógica. O uso de filmes na escola aparentemente é sem vínculo com o conhecimento ou a educação de uma forma geral, algo descompromissado e sem sentido claro. A única ligação com o saber é a relação com o tema abordado, sendo o filme apenas mais uma atividade que complementa este saber.

“Você acha que o filme tem sempre que estar integrado com alguma coisa?”

Na verdade, eu acho que o aluno, e mesmo os próprios professores, nós, não sacamos do próprio movimento, dessa própria dinâmica, dessa própria historicidade, daquilo que está sendo produzido no filme, não só da questão da técnica, que eu estou falando, mas da especificidade, dos objetivos, das garantias para se entender que ele não é ilustração, mas que ele pode servir como estopim para reverberar discussões. Eu mesmo, não via o cinema ou o filme como ilustração, mas também tinha poucos elementos para ir além.”

“O que você acha que faltava?”

Faltava entender: qual era a do cinema! Qual era dessa imagem!”

“Você não achava que era só entretenimento, uma coisa para se divertir?”

Não, não achava que era só um entretenimento, achava que era necessário você interrogar essas imagens, mas como? Por que? Quando?”

“Onde você acha que está a falta? O professor deve ser um entendido? Deve ter um preparo para esse tipo de coisa?”

Eu acho que tem, que a sociedade usa determinados meios, nós usamos determinados meios, e aí, pelo próprio movimento, esvaziamento da extensão dessas técnicas, desses meios, a gente vai usando, mas dificilmente no vivido, no comum dos mortais, nós todos, a gente começa a interrogar: - Mas espera aí. Isso tem a ver, não tem a ver. Por que tem a

demandas internas dos próprios sistemas educacionais, cujas antigas estratégias de ação já não conseguem mais dar conta das necessidades pedagógicas.

ver? Como é possível ler isso com essas imagens? Como é que é possível? A gente dá, entre aspas como dado natural, porque a gente já vai sendo educado numa sociedade de imagens, não é isso? Mas, não é comum a gente produzir uma dimensão de estranhamento, dizer, não, olha, espera aí. É um meio, mas para ser interrogado. A gente tem que sacar, quais são as interrogações, sacar. E por que a gente não está sacando? Eu acho, muito mais também, porque vem dessa coisa, porque funciona, por exemplo: essa questão do uso de vídeo na televisão. Disse bobagem. Por que do uso do audiovisual na escola? Por onde passa o pensamento do professor ou da escola, etc e tal, de permitir que... porque a escola é um reduto bem fechadão, né, ela filtra determinadas coisas, o que se passar, o que pode entrar dentro dela e o que não pode. Só que entra, mesmo que ela não queira, mesmo que a administração não queira, entra né, e aí, quer dizer, quando se usa isto, o professor usa, a escola usa, olha, todo mundo tem em casa TV. Então vamos, muitas vezes você tem 50 neguinhos em sala de aula, vai te dar um fresco, pelo menos eles estão assistindo, o processo não vai importar tanto. Se vai detonar aí uma discussão... se o professor vai dar conta ou não vai... vai possibilitar mais ou menos, segurar essa onda, se não vai, por que que não vai? Como que não vai? Não tem muito isso. Tinha uma professora de Ciências que era muito assim, olha, vou passar meus documentários de Biologia porque eles vão ficar quietos, principalmente, agora à noite que eu tenho cinco aulas e que vai me dar um fresco do caramba. Eu já dei dez aulas. Dez aulas é exagero de minha parte. Eu já dei trocentas aulas de manhã e agora dou à tarde, e agora vem a noite. Então, essa coisa ficava meio, não é que seja um conceito, não é, seria um absurdo eu falar que é um conceito dos professores. Mas, aí vem, do tipo assim, por que a televisão entra? Por que a imagem entra na escola? Porque ela não pode mais segurar as comportas de que uma educação está sendo produzida por imagens para além dela. Por que o computador entra na escola? Não é porque é um projeto da escola, pelo menos a escola pública seria esvaziá-la disso, como não pode... não segura as comportas, aí entra. Mas aí existe esses ene usos, mudam de usos, se transforma sem muitas interrogações, sem muito questionamento, pelo menos eu tenho visto assim. Não que

não há trabalhos que não vão para uma outra linha, porque a gente tem que situar mesmo a escola como espaço, evidentemente que não transforma, se defronta ali, se engalfinha ali, uma arena e que tem uma ação e resistência de todos os lados. Mas eu acho que falta isso, sacar que não é porque a escola não conseguiu segurar as comportas, que esses meios entraram, porque a escola também faz parte do processo social, da sociedade mais ampla, não é uma ilha, que ela não segura, que os alunos não são filtrados quando entram ali, ela não filtra. Sabe por que eu estou falando isso? Porque como esses meios vão entrando ali dentro da escola, não é em função dos projetos que ocorrem no seu interior, que eu acho que seria legal se fosse assim, se os professores, a direção, todos estivessem em pé de que, olha é por aí, porque nós queremos, ou porque é importante por isso e por isso, mas não é assim. Sabe por que eu estou pensando nessa coisa? Nesse desvínculo entre um projeto de uso e o uso que se faz. Quando eu penso nos programas, das mudanças que ocorreram no interior da escola, nos programas de alfabetização, não sei se você acompanhou isso?"

(Entrevista com Prof. Antônio)

Em que pesem todas as "boas intenções"⁴⁹, é necessário se ir além disso, ter consciência do que se está fazendo, ter noção do alcance de seu trabalho e das possibilidades de mudança dele próprio e daquilo que é possível com e através dele pois, "a exibição de vídeo como atividade complementar, como estratégia de animação ou como substituta de aulas, acaba reforçando o caráter tradicional da educação, baseado na transmissão de conhecimentos para que os alunos o assimilem de forma passiva"⁵⁰ e assim, a utilização de filmes e programas de TV serviriam apenas para "animar" as aulas, dar um novo brilho a uma educação que

⁴⁹ Os professores procuram fazer seu trabalho de forma a ser muito agradável para ele e para os alunos, com o objetivo de transmitir o conteúdo de sua disciplina que acham mais importante e que este seja assimilado pelo aluno de forma agradável e prazerosa.

assim revela-se vazia e sem sentido. Nestes casos “os meios são entendidos apenas como dispositivos ou instrumentos utilizados com uma finalidade meramente “instrutiva”. O papel determinante é sempre depositado nos meios materiais e o papel do educador consiste em selecionar os estímulos a serem utilizados com os alunos, tornando-o mais eficiente”⁵¹, o professor, assim, realiza o papel de mero técnico, selecionador e aplicador de atividades e os meios detem o papel principal de acalmar os alunos, atraindo a sua atenção para a abordagem do tema a ser estudado e compreendido.

O uso dos meios de comunicação não resolveu até hoje os problemas da educação nem com relação à disciplina dos alunos nem com relação à transmissão, de forma eficaz, dos conteúdos das disciplinas e, portanto, não trouxe os êxitos esperados, fazendo com que os professores continuem em busca, e acreditando na existência, de uma “fórmula mágica”, de uma metodologia e práticas que tragam respostas rápidas e soluções eficazes para seus problemas em sala, principalmente com relação à motivação e pacificação dos alunos e à transmissão de um conhecimento que não foi produzido por eles, mas organizado oficialmente e pouco questionado.

O trabalho do professor é ao mesmo tempo “prático” e intelectual, e portanto fundamental é a sua relação com o conhecimento e com as pessoas envolvidas com ele. O que caracteriza o professor é que ele vai lidar com o conhecimento com o objetivo de transmiti-lo a alguém, seu(s) aluno(s). Segundo Oliveira Jr., os professores lidam com o conhecimento na maioria das vezes de

⁵⁰ NOVA, Cristiane. NOVAS LENTES PARA A HISTÓRIA: uma viagem pelo universo da construção da História e pelos discursos audio-imagéticos. Pág. 81. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

forma superficial, pois não o produzem, apenas lidam com ele em seu trabalho, mas muitas vezes o aceitam e se submetem, embora, algumas vezes, se revoltam e tentem mudar alguma coisa. “Não o penetramos tão a fundo a ponto de questioná-lo, apenas os organizamos por séries, como se houvessem ligações necessárias (lógicas, históricas, psicológicas) entre eles. (...) Normalmente entendemos estes conhecimentos como instrumentos a serem utilizados em nossas vidas cotidianas. É com este referencial que buscamos interessar nossos alunos pelo aprendizado dos conteúdos(...)”⁵², marcando uma relação totalmente utilitária e pragmática entre o professor e o conhecimento.

Os professores entrevistados usam o filme como um instrumento didático auxiliar que complementa e promove uma dinâmica maior no processo de ensino dentro da sala de aula. Considerar o filme como mero instrumento é fazer uma abordagem reducionista, limitando todas as potencialidades que um filme pode trazer. Mesmo se reconhecendo que o filme tenha a capacidade de resgatar a emoção, e auxiliar no processo de aprendizagem do aluno, revelando uma nova forma de transmitir o conteúdo, isto não garante que este aprendizado ocorrerá como foi imaginado e calculado pelo professor, repetindo assim uma aula com os mesmos problemas e dificuldades daquela que se utiliza só de recursos escritos e do discurso oral do professor.

Para viabilizar seu trabalho, com relação à transmissão do conteúdo ao aluno, o professor produz à vezes de maneira criativa, improvisada, pessoal, e muitas vezes não, a maneira ou a forma de ensinar, ou seja a didática ou a

⁵¹ NOVA, Cristiane. NOVAS LENTES PARA A HISTÓRIA: uma viagem pelo universo da construção da História e pelos discursos audio-imagéticos. Pág. 81. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

metodologia de ensinar, sendo ora tradicional ora inventivo. De acordo com Oliveira Jr existem “duas formas básicas e concorrentes de entender este conhecimento⁵³ característico dos professores. Uma delas considera a didática como um *instrumental* e está diretamente vinculada ao ensino das *técnicas de ensino* características de cada modelo de educação conhecido e considerado importante. É dentro desta perspectiva que se encaixa o aprendizado do uso de equipamentos e formas de apresentar um conteúdo aos alunos. Aprender a realizar seminários, trabalhos de campo, aulas expositivas e participativas, e muitas outras coisas mais, está dentro desta disciplina voltada para os *meios* de se alcançar uma aprendizagem satisfatória.”⁵⁴ “A outra forma é (...) aquela que considera a própria forma de ensinar como parte do conhecimento ensinado, como integrante dele, definindo suas características e imprimindo nele suas marcas, ou seja, em que se pensa a *linguagem* de um conteúdo como sendo o próprio conteúdo. Ou melhor, nesta disciplina busca-se refletir sobre *com que* se vai apresentar tal idéia, conceito, informação, ou fato, “de forma a dar-lhe vida, em vez de celebrar sua morte”. Se faremos isto com palavras, números, tabelas, fotografias, músicas, pinturas, filmes livros...”⁵⁵, ou qualquer tipo de audiovisual...

⁵² OLIVEIRA Jr., Wencesláo Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág.1. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

⁵³ OLIVEIRA Jr., Wencesláo Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996. Neste este autor refere-se à didática e à metodologia de ensinar como conhecimentos produzidos pelo professor em seu trabalho.

⁵⁴ OLIVEIRA Jr., Wencesláo Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág. 1-2. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

⁵⁵ OLIVEIRA Jr., Wencesláo Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág. 2. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

Assim como os filmes, a fotografia, a poesia, “pintura, arquitetura, mímica, literatura, ciência, e tantas outras construções humanas, são linguagens *com as quais* os homens buscam explicar as coisas, ou melhor, buscam *nomear* as coisas. Quando falo nomear, estou querendo dizer “tornar existente, sensível, compreensível... *significante*”. (...) os homens buscam nomear as coisas “com as” linguagens e não “através” delas. (...) As linguagens não são meios para se atingir as coisas, mas constituintes delas. As linguagens nas quais nos expressamos (para nós mesmos e para os outros, ou seja, para pensar ou expor) é que nos presentificam as coisas, é que tiram estas coisas – fatos, seres, idéias, objetos, etc. – de um mundo “exterior” a nós e nos permite entrar em contato com ele. As linguagens, portanto, é que *nos dão as coisas*.”⁵⁶ As linguagens são “*maneiras que o homem vai elaborando para se aproximar mais daquilo que busca conhecer*”⁵⁷, portanto, “o entendimento das linguagens criadas pelos homens é importante para qualquer ser humano em particular (...) e fundamental para aqueles homens que se dispõem a transmitir conhecimentos aos demais”⁵⁸, ou seja, os professores e educadores.

“Na escolha dos filmes você leva em consideração o currículo ou só o tema ou assunto do momento?”

Quando você falou currículo eu entendi o currículo do diretor, a História, o roteiro do filme.”

“Não. É o programa curricular da tua escola.

Não necessariamente. Há filmes que vão além, tem filmes que eu quero que eles vão além, extrapolem, se eu conseguir passar um filme sobre a questão, por exemplo, você pega “O homem que virou suco” que fala da questão do desemprego,

⁵⁶ OLIVEIRA Jr., Wenceslão Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág. 4. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

⁵⁷ OLIVEIRA Jr., Wenceslão Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág.4. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

⁵⁸ OLIVEIRA Jr., Wenceslão Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág.4. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

ele vai discutir outro problema político, quando o cidadão lá tenta matar o político, a discussão política passa por aí, o filme tem que ter um conjunto, claro que está faltando uma pergunta, eu vou me adiantar a você, que é o seguinte, como é que eu utilizo o filme didaticamente? O filme tem que extrapolar, e necessariamente não sou eu, quero que ele extrapole o filme porque, quando termina ou antes é como eu estou trabalhando com meu aluno, o que ele vai ver ou não vai ver é a primeira vez, não é, está induzido, não está induzido, está dirigido ou não, é isso o que eu quero dizer, mas o filme tem essa potencialidade, por isso que é uma arte rica, ela te toca em várias sensações, só falta aroma porque o banquete, “Discreto Charme da Burguesia” quando eu passei dois anos atrás, tem um jantar e, eu passei a noite e, a primeira reação deles foi fome porque aquele é um tremendo jantar, “A Festa de Babette” também, é muita comida, eu passei à noite uma vez também e a primeira reação, no conjunto, parece no cinema: estou com fome, não era isso o que eu queria, mas foi demonstrar como, quer dizer, ele extrapola.”

“O que um filme traz que você acha que é interessante?”

Para ser bem objetivo é o seguinte: o cinema é tão incrível que pode tratar uma situação real, ele pode ir para o mundo da ficção e, ele pode retratar a dramaturgia que pode ser do realismo ou aquilo que não é científico, não real, que é fantasia, o filme me dá isso, eu tenho esse recurso com ele, o imaginário do meu aluno pode ir, eu peço para poder passar um filme da Clarice Lispector que é pura fantasia, não é real, mas é o sentimento do ser real e aquilo que ela está traduzindo num poema dela pode se concretizar por uma imagem que o aluno teve, e de repente é um sentimento, o filme traz isso para a sala de aula, ele te traz a dramaturgia de forma real ou não científica, a fantasia.”

“O que você acha importante ressaltar num filme, quando você está passando um filme, o que você ressalta dentro da aula?”

Isso tem muito a ver com a maneira como se trabalha, didaticamente falando, há instrumentos de filme, quero deixar claro que eu não uso com constância, mas quando eu uso, há momentos em que eu uso, e que eu digo a eles: nós vamos assistir um filme que vai abrir a discussão, é um assistir livre, eles vão assistir um filme que vai abrir alguma

coisa que nós vamos discutir, quando termina, como eu trabalho com eles, como eu dirijo com eles é o seguinte: me interessa a mensagem que o filme trouxe, o tema, qual é o assunto, aquilo que ele se reportou, outra coisa é como ele expressou isso no sentido da cor, do diálogo, da música, do papel dos personagens, da fotografia, isso também retrata muito e, há momentos que é o contrário eu já digo para eles o que eles vão assistir e de que maneira eles vão assistir, eu não digo para eles que vai ter essa foto, essa cena, essa música, esse diálogo, essa situação, este clima, mas quando a gente conversa sobre o objeto, sobre o filme em si tem o lado didático do recurso educacional, da instrução do que você pegou o filme e tem o aspecto técnico, você tem que pegar essas duas coisas porque, como eu digo para eles, você pode falar sobre uma situação dependendo como você põe a câmera, eu posso pôr a câmera do lado do bandido ou do lado do mocinho, posso pôr a câmera para as suas pessoas, eu posso fazer colorido, eu posso mudar a roupa das pessoas.”

“Você usa algum método específico? Você conhece algum livro ou texto que lhe auxilie a fazer análise de filme?”

Eu tento primeiro saber do filme, pegar uma sinopse do filme, o que ele retratou, quem fez, em que situação fez, eu acho que uma coisa é importante, independente de você, é você localizá-lo historicamente, tem que dizer: foi feito porque o cara emprestou dinheiro que pegou dali, a Segunda coisa, em que época histórica ele foi feito, porque ele foi feito, eu nunca passei o “Lamarca” e nunca assisti, vai passar, um exemplo, nós estamos pegando uma programação de televisão, que é a Globo, tem que falar para eles porque passou, agora quando você pega um outro filme clássico, por exemplo, alguns professores passaram “Titanic”, eu acho que cinematograficamente é belo para assistir, mas foi uma grande sessão de cinema, que eu não sou contra, queria muitos cinemas paradiso no mundo todo, mas eu não sei se teve validade, foi um bom entretenimento, eu acho que você tem que definir com muita clareza quando é entretenimento, que não deixa de ser cultura e conhecimento como também é entretenimento, mas o olhar é operacional, mas eu não sou um crítico de cinema.”

“Você já usou algum filme tipo: assistam tal coisa na TV ou então, assistam tal filme e a gente vai fazer um trabalho na classe?”

Já.

Funcionou?

Funcionou. Há uns quatro anos teve uma série na TV, não sei se era SBT, que falou sobre a questão dos negros, era uma saga negra, então, dentro de um dos temas que estava trabalhando, necessariamente não era sobre negritude, sobre racismo, mas eu pedi para eles assistirem com certa atenção porque a gente iria utilizar e pedi para eles que assistissem, que verbalizassem, como eu acho que é um problema emergente na sociedade brasileira a questão do preconceito racial. Então eles assistem, mas não são todos que assistem. Olha, vai passar isso, vale a pena assistir, quando você pergunta é um ou outro que assistiu e tem gente que não assiste, grava e depois assiste, mas é muito mais uma questão de prontidão, cumprir tarefa que propriamente uma coisa mais lúdica, mais interativa entre professor e aluno, agora quando tem uma coisa especificamente ao tema eu peço para assistir.”

“Você prefere trabalhar temas mais familiares com seus alunos, ou seja, com o que eles estão mais acostumados a ver?”

Isso eu não levo em consideração.

Nem se é alguma novidade? Você se preocupa com essa questão...por exemplo, esse filme é muito difícil para eles eu não vou passar. Tenta passar um que tenha mais ritmo, que vai atrair mais?

Enquanto construção, o cinema enquanto objetivo construído, enquanto produto, ele te dá vários olhares. Vou pegar um outro exemplo concreto, quando eu passei “2001, uma odisséia no espaço” há uns cinco anos, nunca mais passei e eu acho que devia passar, mas dentro do contexto da situação que eu estou vivendo, talvez não cabe ou por entretenimento ou não porque sempre leva a uma discussão, o pessoal diz: não, esse filme é muito difícil, eles ficaram mais atônicos pela possibilidade daquilo acontecer do que propriamente com a coisa que era difícil e eu acho que de vez em quando você pode até colocar uma coisa mais complicada. Buñuel, então pode ser complicado, mas alguma coisa vai sair dali, da verbalização simples, da constatação simples, uma vez eu passei como entretenimento aquele filme “Um dia de gato”, o gato olhava com olhares diferentes, o lilás era amor, vermelho era conflito, o que eu achei tão óbvio eles não entenderam nada, um ou outro depois começou a falar, uns

nem imaginavam que era o gato, ou era defeito do filme, a maioria falou que era defeito do filme e depois...”

“Você acha que o aluno deve ter um preparo antecipado antes de ver o filme?”

Há momentos em que eu preparo o aluno e aí eu tenho um tipo de comportamento didático, eu tenho para com ele e ele tem para comigo e para com o objeto, tem época que eu não preparo: nós vamos assistir um filme que vai falar sobre isso, que vai preparar a gente, acabou, não falo do que vai tratar, claro que tem a ver, eles sabem qual é o tema, mas ele não sabe que tipo de filme é, por exemplo, eu posso passar um filme com ritmo, música que fale de uma coisa muito cruel, não tem essa coisa do realismo, aquela coisa do realismo socialista para eu falar de conflito, é aquela coisa do conflito pesado, eu posso falar do conflito usando um recurso. Só me dá um parêntese, eu acho que novela no Brasil, se fosse feita com mais cuidado, que é muito mais entretenimento do que propriamente elevar, dependendo de um autor de novela, você vê que sempre termina com alguma coisa, mas eu nunca me esqueço de uma que era..., a terra que o cara queria defender chamava Brasil e eu achei aquilo uma das coisas mais incríveis e não deixou de ser lúdica, homens e mulheres lindas, aquela coisa água com açúcar, mas que levou a pensar alguma coisa, não precisa necessariamente ser igual para igual, é igual o problema da interdisciplinariedade, eu só faço relações entre disciplinas se o tema é igual, se o texto é igual, você pode pegar um tema e ter vários olhares.”

“Lembrando o último ano ou até esse começo de ano o que deu para você fazer, você usou filme, esse ano você usou algum filme?”

Usei este filme que é o “Ilha das Flores”, esse usei muito, eu não passei várias vezes, mas eu trabalhei muito a discussão dele, usei “A classe operária vai ao paraíso” esse ano e algumas salas eu passei “O homem que virou suco”.”

“Quantos filmes você costuma usar por ano?”

Eu não tenho... Faz parte, quando eu faço um programa do ano, que eu faço por semestre, colocar os filmes para o planejamento, mas nem sempre eu cumpro, não porque eu não quero, mas é porque quando não dá e há uma coisa séria que é o seguinte, as aulas tem 55 minutos, eu tinha duas aulas e esse ano eu só tenho uma porque mudou a estrutura curricular do ensino médio. Eu acho que é uma perda, os

alunos sabem que é uma perda, todo mundo sabe que é uma perda, mas agora é só uma aula, então se eu vou passar um filme de duas horas eu vou comer a aula e meia, uma aula de alguém mais uma aula e meia de alguém e há uma certa resistência dos professores. Uma outra coisa, eu não consegui ainda na escola, não sei se é predisposição das pessoas, dos colegas ou não, mas eu falo, professor, eu vou usar esse filme Física, Biologia, Português, Inglês, olha vale a pena, quer pegar alguma coisa, quer ir assistir, então o cara prefere me dar a sala dele porque ele talvez se livre, mas não vai assistir o filme que seria maravilhoso se isso acontecesse.”

(Entrevista com Prof. Pedro)

Parecendo estar agindo de uma maneira transformadora, os professores ainda agem da mesma forma, como se estivessem usando um livro. Assim como fala Almeida “(...) evidentemente, como todos os pesquisadores em ciências humanas aprenderam a analisar somente textos, como se a História verdadeira fosse sempre a História expressa em escrita, a dificuldade em trabalhar com imagens é justificada, e eles, apesar de conhecerem a História da Fotografia (e também do cinema), desconhecem a História da linguagem cinematográfica, talvez o mais efetivo e universal programa burguês de educação visual e política de apresentação da realidade para toda a população, independente de sua localização geográfica social e econômica.”⁵⁹ O cinema, a linguagem cinematográfica traz em sua estrutura uma ideologia/utopia formadora e mantenedora do ideário burguês.

E assim, se prendem ao roteiro, lêem o filme prestando atenção nas falas dos personagens e se emocionam com as imagens que ilustram e mostram “como verdadeiramente é”. Na maioria das vezes os filmes não passam de meros

⁵⁹ ALMEIDA, Milton José. Linguagens Alternativas do Ensino de História. Pág. 5. Comentários sobre as apresentações e resumos do “III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História”, Campinas, 1997.

instrumentos para se transmitir conteúdos escolares ou para mostrar como realmente aconteceu. Como, por exemplo, filmes que mostram como viviam os indígenas - "Brincando nos campos do senhor", "A Missão" - até filmes que mostram o comportamento de menores - "Kids", "Pixote" citados pelos professores. Muitas vezes a imagem é tida como algo que representa fielmente o real, e portanto é considerada uma verdade, algo que vai tornar concreto o assunto que está sendo estudado, e é com essa força que ela se impõe.

Se utilizar de filmes de ficção de forma instrumental assim como de filmes didáticos, como sendo meros transmissores de um tema abordado, significa vê-los de uma forma "neutra", sem influências, transmissores de uma verdade, que apenas retrata de uma outra forma o conteúdo a ser estudado, visando induzir emoções. Ou seja, o que o filme mostra é considerado uma verdade a ser observada e sentida. A forma de narrar própria do filme, que possui uma linguagem, uma história, que foi produzido dentro de um contexto determinado, retratando as relações de um tempo, não é questionada e sim aceita. O que se considera é apenas a história que o filme conta e as cenas que mostra como sendo algo real, neutro, independentemente de qualquer situação, momento da produção, etc.

Além disso esquecem-se de que o próprio filme possui um discurso próprio a ser considerado e ressaltado, e não se dão conta de que qualquer interpretação ou análise é sempre feita de um ponto de vista e que esse ponto de vista deve ser esclarecido e exposto e a todo momento, contextualizado para que se deixe bem claro que não é a única forma de se falar ou contar uma história, nem a única opinião ou ponto de vista possível nas relações naquele momento. "O filme, assim como as outras formas de contar histórias, *é sempre uma interpretação*, dá sempre um ponto de vista, com inclusões e omissões particulares. Talvez seria melhor dizer que ele é uma (outra!?) versão sobre algum fato ou assunto. Esta deve ser a

primeira conversa que o professor deve ter com seus alunos, identificando no filme a opinião pessoal de alguém sobre algum fato ou assunto (esta também deveria ser, ao meu ver, a posição que o professor deve tomar frente ao próprio programa de conteúdos)”⁶⁰.

A forma em que é contada a história não é considerada e nem questionada, os professores geralmente analisam apenas o conteúdo do filme, ou por não entenderem que forma e conteúdo estão relacionados, ou por acharem mais importante o conteúdo do que a forma, ou ainda por sentirem que não estão preparados para analisar a forma, a estética, o discurso cinematográfico. Como nos escreve Bernardet, “(...) não basta focalizarmos os diálogos para compreendermos a complexidade dos problemas propostos pelo filme e, sobretudo, a maneira muito particular de articular a sequência dos problemas bem como o sentido, a significação embutida nesta articulação. A complexidade da trama encontra-se na articulação do discurso político com o discurso cinematográfico. Um não existe sem o outro. Para criticar uma maneira tradicional de se fazer política o filme utiliza uma linguagem não tradicional. Como vimos, a construção do espaço tem aí um papel fundamental.”⁶¹

Toda produção humana só foi e é possível graças à invenção e utilização de novas técnicas e tecnologias que geraram novas linguagens utilizadas pelos homens. Mudanças de ordem material, técnica e tecnológica, não determinam mudanças no modo de conhecer e perceber o mundo, mas o uso que se faz delas, as idéias, as ações humanas e o contexto no qual estão inseridas, determinam

⁶⁰ OLIVEIRA Jr., Wencesláo Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág.8. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

transformações na percepção, no conhecimento e na consciência humana. Portanto, essas linguagens estão dentro de um contexto social, político, econômico e histórico próprio transformado pelo homem, por isso que pensamos e consideramos as linguagens, e no caso aqui, a linguagem cinematográfica, como objeto da cultura e não meros instrumentos. Com isso, como nos diz Oliveira Jr., “Apesar de serem, digamos, “artefatos abertos”, as diferentes linguagens não se prestam a tudo e qualquer coisa, além de carregarem consigo as marcas históricas de sua criação e dos “aprimoramentos” que foram sendo acrescentados à ela na busca de melhor pensar e dizer com esta forma de nomear o mundo ou parte dele.”⁶²

O filme, sendo usado apenas como mais um complemento do tema abordado, acompanhando explicações orais do professor, e os textos escritos, muitas vezes determina uma atuação limitada e limitante. Pois, esta abordagem complementar, que ora ilustra esse conteúdo, ora traz emoções e possibilidades de percepções diferentes, ao se ler as legendas, ao se ouvir as falas dos personagens e ao se ver as imagem que chamam atenção, faz com que o professor se acomode a um tipo de abordagem, não superando suas possibilidades de atuação em seu trabalho, tornando-se repetitivo, muitas vezes avesso a mudanças, sentindo-se satisfeito, e quando não satisfeito, repleto de dificuldades, difíceis de superar.

Muitas vezes, quando o professor vê o filme que usa como um documento a ser analisado e pesquisado em aula, porque ele trata do tema ou conta uma história que o ajude a pensar sobre ele, sua abordagem corre o risco de ser limitada, principalmente se o que for considerado relevante é o que o filme mostra, visto

⁶¹ BERNARDET, Jean-Claude e RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História do Brasil. Pág. 67, Coleção Repensando a História, Editora Contexto, São Paulo, 1994. Comentário sobre o filme “Terra em Transe” de Glauber Rocha.

apenas como verdade, para exemplificar, ou mentira, para ser contraposta, sendo assim pouco analisado, pouco questionado, sem levantar outras hipóteses.

O filme é visto como um estopim para se pensar outras coisas e para se refletir sobre o tema, é tratado como algo que traz idéias, verdades inquestionáveis, quando compartilhadas pelo professor, e mentiras a serem repensadas, quando contradiz a opinião do professor e que, por isso, devem ser duramente criticadas. Mas o filme nem sempre é visto como algo que já faz uma reflexão trazendo pressupostos e idéias todas passíveis de concordâncias ou discordâncias, nem sempre como um elemento que gera e estrutura uma nova forma de pensar o tema estudado, ou uma nova forma de pensar na escola, que podem ser ou não questionadas.

Pelo fato do professor estar sem estrutura para pensar e elaborar uma análise mais “criativa” ou com mais possibilidades de reflexão, “menos amadora” como nos diz, abaixo, uma das professoras entrevistadas, seu pensamento passa a ser substituído pelo filme escolhido, – como, por exemplo, nos casos em que se utiliza de filmes didáticos ou simplesmente ilustrativos do tema – ou então por uma análise já pronta, que outro professor já teria feito, ou baseada nos resumos dos filmes e sugestões de abordagem encontradas em livros, cursos ou materiais didáticos que auxiliam os professores, ou ainda, por uma análise que ele acha ser suficiente, pois é aparentemente respaldada pela Sociologia, ocorrendo assim “(...) a substituição do pensamento do professor pelas novidades do fazer pedagógico e

⁶² OLIVEIRA Jr., Wencesláo Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág.5. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

técnico, como se qualquer técnica de ensino pudesse ser “aplicada” a qualquer conteúdo.”⁶³

“Você sente falta de algum treinamento específico ou de alguma coisa que poderia estar lhe auxiliando?”

Gostaria muito de...

Para usar esse tipo de recurso?

Eu adoraria, porque a coisa fica meio amadora, percebe no meu discurso como fica amador. Eu tento, mas eu tô dura. Não vou no cinema. O que eu tenho são umas fitas lá em casa que eu gravo algumas coisas da TV. O que é precário. Se eu tivesse a disponibilidade de fazer um curso, uma coisa sobre isso, seria maravilhoso.”

“Você acha que qualquer professor pode estar usando esse, não precisaria ser um especialista em filmes para estar usando?”

Acho que não.

Mas, estaria faltando esse tipo de...

Acho que falta.”

(Entrevista com Prof^a. Maria)

“Você conhece algum livro ou texto que você considera importante que poderia estar te auxiliando no uso de imagem em sala?”

Não conheço nada. Eu lembro de uma conversa que eu tive com uma aluna que faz mestrado, ela estava falando sobre o uso de vídeo histórico nas aulas de História, ela estava falando que ela achava complicado isso porque você não, você precisaria saber muita coisa sobre filme para poder estar passando filme como recurso didático em História porque você não sabe a fidelidade, quer dizer, a pesquisa do autor pra fazer aquele filme e de repente você passa aquilo, como o filme tem um poder de, ele te traz as coisas como verdade, acaba te trazendo as coisas como verdade da época e ela disse que esse tipo de preocupação os professores deveriam ter eu achei interessante, foi a primeira vez que eu ouvi uma crítica ao uso de filmes em sala de aula. “

“Você acha que o professor deveria ter um preparo pra usar?”

⁶³ ALMEIDA, Milton José. Linguagens Alternativas do Ensino de História. Pág. 3. Comentários sobre as apresentações e resumos do “III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História”, Campinas, 1997.

Eu acho que deveria ter sim porque eu percebo que por ex.: eu ainda tenho essa preocupação de estar falando sobre o filme um pouco antes, estar dizendo: prestem atenção nisso! Essa preocupação que essa minha colega falou eu nunca tive, confesso que eu nunca tive e acho que nem teria como fazer isso também, ficar pesquisando sobre o filme, sobre como foi feito o filme isso é meio complicado.”

“Como seria esse preparo, poderia ser só um...”

Eu acho que poderia fazer parte do preparo dos professores, alguma oficina pedagógica para estar discutindo isso, mas eu vejo professores que simplesmente passam o filme e pronto e às vezes passam o filme para poder matar tempo, alguma coisa assim e aí eu acho que o uso é errado.”

“Você acha que falta uma troca de experiência de como estar usando ou alguma coisa específica como da sua amiga de estar sabendo como foi feito o filme?”

Eu acho que existe uma deficiência tanto na formação acadêmica do professor na Universidade enquanto se formando para ser professor e não ter orientação no sentido de uso de recurso audiovisual, a gente na Unicamp eu não me lembro de ter tido algo nesse sentido, acho que a preparação do professor é falha nesse sentido, depois os órgãos, governo de Estado, eu acho que não demonstra preocupação nesse sentido também, simplesmente tem lá a sala de vídeo, mesmo o uso da TV Escola, aquilo é sub-utilizado eu não me lembro de ter visto alguém falando que usou aquilo.”

(Entrevista com Prof^a. Marta)

Como se pode constatar, alguns professores que se interessam ou buscam o auxílio deste recurso, fazendo assim uso de filmes em sala, demonstram uma certa “insegurança” e dificuldades, já apresentadas no capítulo anterior – principalmente insegurança quanto ao uso e quanto ao alcance deste recurso - que muitas vezes atrapalham suas ações e consciência sobre o que fazem, podendo assim desviar de seus objetivos iniciais. Outros professores, no entanto, sentem-se certos, seguros demais, de que seus métodos são eficazes para uma “abordagem

crítica” respaldada pela Sociologia, e por tudo que aprenderam em seu curso universitário quando “ainda eram alunos”, demonstrando um pensamento totalmente estereotipado, fundamentado no status da universidade cursada.

“Existe uma forma sociológica de se ver e analisar filmes?”

Eu acho que para quem se formou em Sociologia, automaticamente você tem uma forma sociológica de ver as coisas todas, isso é intrínseco.”

“Em que o uso e a análise da imagem em sala de aula pode favorecer e contribuir no ensino de Ciências Sociais? Você já acabou falando um pouco antes, mas...”

Favorece porque é uma coisa que eles gostam e que eles visualizam, e que eles elaboram melhor, e aí a crítica fica um pouco por minha conta, a crítica em cima das imagens todas e a análise fica por conta do professor.”

“Em que as Ciências Sociais podem contribuir para análise de filmes? Você acha que depois de sair da sala de aula eles vão acabar sendo mais críticos em relação a outros programas no seu dia-a-dia?”

Eu acho que sim, dá para ajudar.

Embora você esteja tratando uma aula com tema específico, como você falou é específico, não era uma coisa geral, você escolheu...

Se você tiver condições e competência para você dar o instrumental de análise para eles. Você tem que ter o jeito crítico, isso é uma coisa, não que você nasce com isso, é uma coisa que a gente ensina. Eu me lembro que quando entrei na Unicamp eu era extremamente babaca, vim de um 3º público, uma coisa autoritária, época de regime militar, eu precisei aprender a ter esse instrumental. Eu recebi esse instrumental de análise. É lógico que foi um curso de quatro anos, aqui é um curso de um ano, com uma aula semanal, mas se a gente conseguir fazer isso... eu acho que sim. É claro para você o que eu quis dizer?

É. Se você acha que vai conseguir, você consegue passar um lado crítico na ora de estar passando um filme e aquilo ele vai conseguir extrapolar para o dia a dia dele, vai sair da aula.

Eu acho que dá, eu não sei se eu consigo. Se eu sou competente para fazer isso eu não sei te dizer exatamente, mas que isso é possível de acontecer, é.

Se é possível ou até mesmo tenha acontecido?

A gente percebe alguns alunos que tem uma facilidade maior para essa criticidade toda, agora aqueles mais quietinhos, mais tímidos...”

(Entrevista com Prof^a. Maria)

Esta “sub-utilização” do vídeo em sala de aula pode ser explicada devido também à existência de uma “desqualificação”, ou “despreparo”, à falta de conhecimento dos professores com relação a filmes, cinema, história do cinema, detalhes sobre o filme, linguagem do cinema, etc. Os professores usam o filme em sua maioria como uma ilustração de temas abordados, um algo a mais, pois não possuem conhecimento maior em relação à história do cinema, história do filme, sua produção, em quais circunstâncias foi feito e divulgado, etc. (informações maiores, mais específicas e detalhadas sobre o filme) e, mesmo quando possuem, procuram direcionar, não aceitando outras interpretações ou informações que os contradizem. “(...) Apesar do interesse que se possa ter pelo cinema, a terminologia específica e o desconhecimento das particularidades da linguagem cinematográfica podem afastar um professor de atividades com filmes. (...) Não há necessidade de ser especialista em cinema, mas é inegável que a familiaridade com a linguagem fílmica permitirá maior aproximação ao filme.”⁶⁴ Quais seriam as informações necessárias, que deixassem o professor seguro e capaz de realizar o exame e análise das “imagens em movimento”?

“Apesar de ser ele tão difícil de ser apreendido, o cinema está aí, reforçado e potencializado pelas imagens digitalizadas da televisão e dos computadores. É preciso saber olhá-las. Entender os elementos que formam o seu discurso e a sua poesia, sua sedução e sua manipulação. De maneira geral os

alunos são tão bons ou melhores que nós para observar os filmes. Eles têm seus olhos treinados desde cedo nesta civilização imagética que nos circunda hoje. Nós, professores e cientistas, mergulhados na civilização da escrita e do raciocínio reflexivo temos muita dificuldade de enxergar nestas produções audiovisuais formas de conhecimento por si mesmas. É por isto que buscamos trazê-las e enquadrá-las dentro de nossos programas sustentados por pretextos de vários tipos: impressos em livros, escritos na lousa, escritos nos trabalhos e provas, escritos... É ao fazer isto que talvez estejamos cometendo nosso maior crime e perdendo nossa maior oportunidade de tornar a escola um lugar real de aprendizado para este mundo que está aí. Se resistirmos a tratar os filmes como textos a serem lidos e compreendidos parte por parte, e tentarmos entendê-los como “textos” a serem vistos e sentidos como um todo, podemos tirar deles pontes para várias coisas que buscamos a um certo tempo na escola: interdisciplinaridade, não compartimentação em disciplinas estanques, discussão da realidade, trabalho com a realidade do aluno, etc.”⁶⁵

Como foi ressaltado acima, nota-se nas entrevistas uma insegurança dos professores quando se deparam com “objetos de estudo” e análise como as imagens, que não são textos escritos. Insegurança quanto ao modo de abordar e usar o filme, de como analisá-los ou o que buscar nas imagens em movimento a partir do tema abordado ou conteúdo a ser apresentado em sala.

Os professores, deixaram entrever, algumas razões dessa insegurança, ao falarem sobre a falta de um curso específico que os pudesse auxiliar na abordagem

⁶⁴ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 153. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

dos filmes, situação que os obriga a utilizar uma forma pronta de análise. Demonstrando assim uma falta de metodologia no processo de ensino que auxilie e dê respaldo às suas ações, direcionando sua análise ao tema, ficam limitados às frases impactantes do roteiro e às cenas – imagens que impressionam -, sem se darem conta de que o filme também é um discurso feito em imagens e sons, muitas vezes repleto de personagens que nem sempre falam e que representam o social.

Embora, muitas vezes seja muito mais do que uma história bem contada “*Todo filme é uma narrativa*, e como tal conta uma história através da projeção de imagens e sons específicos, únicos, uma vez que foram captados na realidade, onde cada coisa (objetos, pessoas, animais, etc.) é único entre todos.”⁶⁶

Nem sempre consideram que o filme possui um discurso próprio, e muitas vezes o consideram como uma verdade, principalmente quando utilizado como uma ilustração do tema abordado, sobretudo quando se trata de documentários, deixando-se levar por uma linguagem aparentemente realista, naturalista, “foi assim que aconteceu”.

“Você aborda o filme sozinho ou com algum outro recurso? Você usa texto?”

Por exemplo, esse filme que eu passei, “Brincando nos Campos do Senhor”, eu usei uma entrevista com Airton Krenak, mas não que necessariamente, eu vou passar um filme e depois vai ter um texto específico. Em geral, a gente, por exemplo, eu passei o filme, e o que a gente fez: um comentário sobre o filme, uma reconstituição do que

⁶⁵ OLIVEIRA Jr., Wenceslão Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág.9. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996.

⁶⁶ OLIVEIRA Jr., Wenceslão Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág. 8. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro, 1996.

aconteceu na história, a leitura que eles fizeram do filme, algumas dúvidas que eu poderia estar tirando, uma compreensão, a gente teve uma conversa sobre o filme, e aí eles vão escrever alguma coisa sobre isso, sobre o que eles viram. Mas eu dou uma certa orientada sobre algumas coisas que seriam interessantes, por exemplo...

Antes ou depois do filme?

Depois. Por exemplo, conflito que houve num encontro entre uma determinada tribo indígena e os pastores, eles foram lá para civilizá-los, domesticá-los. Então aí eu já oriento algumas questões para eles tentarem escrever um pouco sobre isso daí."

(Entrevista com Prof. José)

Qualquer discurso é sempre feito no presente e repleto de influências e interferências, seja o discurso da análise feita pelo professor, seja o próprio discurso fílmico. A imagem é produzida para alguém, é construída como um diálogo com algum interlocutor e por isso é um discurso, um ponto de vista repleto de interferências e influências⁶⁷, portanto, trazendo um conteúdo social e histórico único, possuidor de uma significação própria e uma ideologia inerente.

⁶⁷ De acordo com AUMONT, Jacques. In A IMAGEM. "A imagem só existe para ser vista, por um espectador historicamente definido (isto é, que dispõe de certos dispositivos de imagens), e até as imagens mais automáticas, as das câmaras de vigilância, por exemplo, são produzidas de maneira deliberada, calculada, para certos efeitos sociais. Tomamos como pressuposto que a realidade não pode ser apreendida em si mesmo, por tanto é construída, fabricada cultural e socialmente, e nos é apresentada por meio de suas representações. Tanto a fotografia, quanto o cinema e a televisão nos trazem imagens que representam a realidade. Estas imagens não são um espelho fiel do real e sim, um olhar fabricado do mundo e das coisas do mundo. É um espaço construído e recortado, repleto de intenções em sua produção, reprodução e distribuição. Este olhar é construído em cima de estereótipos marcados por um caráter político, ou seja, pelas relações de poder, por maneiras e modos de pensar, pelo próprio pensamento e gosto de sua época. Compartilhando as idéias de F. C. de Tacca, em seu texto "A fotografia : da virtualidade à materialidade visual", diremos que o olhar fabricado traz consigo conceitos relativos ao mundo influenciados por toda uma carga cultural, sócio-econômica, histórica e pessoal de quem, através deste olhar, configura a imagem, de quem a recebe e a percebe, e do próprio "objeto", motivo principal da imagem. As imagens produzidas pelo cinema são pontos de vista, um jogo de interpretações da realidade que podem

Mas, o que é determinante para que um filme seja considerado sociológico, antropológico, etnográfico, histórico, político?⁶⁸ Mas o que é determinante para um filme ser usado em aula e considerado bom para a escola?

“O que um filme tem, o que ele traz, que você acha que é interessante? O que é interessante no filme para aula de sociologia, para se usar na escola, o que ele tem?”

Acho que eu já falei mais ou menos pra você, eu trabalho com outro plano, não plano é... plano da percepção, plano afetivo mesmo, uma coisa afetiva e percepção. Eu trabalho com essas duas dimensões, a base dele em si é a percepção, a imagem, imagem e percepção, também, e eu acho que essa é uma

servir aos mais variados interesses, como ajudar a reforçar e manter idéias e opiniões que existem no cotidiano, como gerar novas interpretações que transformem esta realidade.

⁶⁸ De acordo com os autores a seguir, podemos ressaltar como tipos de filmes históricos, formas de filmes e de análises, os seguintes: 1- Para NOVA, Cristiane. NOVAS LENTES PARA A HISTÓRIA: uma viagem pelo universo da construção da História e pelos discursos audio-imagéticos. Pág. 204-205. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.: “(...) os discursos áudio-imagéticos didáticos tendem a ser estruturados segundo modelos discursivos característicos da escrita e de acordo com concepções tradicionais da História e da educação e por isso, a curto prazo, acabam atuando no sentido de reforçar esses pressupostos na cultura da educação formal. Isso faz ainda com que essas produções sejam medíocres do ponto de vista formal e estético e não sejam apreciadas pelo público discente.” Além disso, de acordo com a autora, os “discursos áudio-imagéticos históricos não-didáticos encontram-se, em geral, muito melhor estruturados formal e esteticamente, a exceção de parte dos documentários que ainda se mantêm presos a um estilo documental tradicional, profundamente veiculado à ciência positivista. No entanto, não raro apresentam concepções tradicionais e empobrecedoras da História e da educação, o que demonstra uma desarticulação dos setores de produção dos audiovisuais com os universos da pesquisa e da teoria da História e da pedagogia. Apesar disso, esses discursos, em especial os filmes, apresentam novas formas de conceber e tratar o passado humano, importantes para serem não apenas refletidas, mas também incorporadas e ressignificadas pela pesquisa, pela “escrita” e pelo ensino da História. Essa é, no meu entender, uma das tarefas da História nesse novo milênio. Uma tarefa que, com a incorporação do potencial já presente nas novas tecnologias audiovisuais digitais, tende a abrir a História para horizonte nunca antes imaginados.” 2- De acordo com BERNARDET, Jean-Claude e RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História do Brasil. Pág. 70, Coleção Repensando a História, Editora Contexto, São Paulo, 1994. “(...) Desta maneira poderíamos perguntar se a ruptura com os cânones do naturalismo é garantia total para a ruptura com a ideologia dominante. Parece-nos que, no caso do filme histórico, a simples desconstrução da linguagem cinematográfica, proposta pela indústria do espetáculo, não é condição suficiente, pois, como vimos, a versão histórica dominante foi mantida praticamente intacta.” 3- Ainda para BERNARDET e RAMOS, Pág. 70, em “relação ao chamado gênero documentário, procuramos mostrar o quanto estes filmes são frutos de uma CONSTRUÇÃO. Por isso, a ideia muito vulgarizada acerca do gênero documentário (perfeita reconstituição do real ou discurso objetivo acerca deste mesmo real) foi objeto de discussão em vários momentos. Diante deste quadro, a separação rígida que se busca estabelecer entre ficção e documentário não tem sustentação. Em suma, na utilização de filmes documentários com temática histórica em atividades didáticas é preciso estar atento para as significações produzidas no interior desta particular modalidade de discurso cinematográfico.”

questão importante, você vivenciar certas coisas, experiências. Por exemplo, o que a obra de arte pode trazer para você, mexer em você. Então ela pode desvelar algumas coisas que você não, apenas no nível conceitual não era suficiente. Então eu acho que pode contribuir nesse sentido.”

(Entrevista com Prof. José)

“Quais seriam os requisitos para um filme ser considerado bom para a escola? Ou bom para a aula de Sociologia?”

Eu gosto de um filme quando ele consegue mostrar situações cotidianas sobre o tema que eu estou falando. Eu achei que “A Classe Operária” fazia isso, e faz, mas é muito longo, ficou pesado, escuro demais também.”

(Entrevista com Prof^a. Marta)

“Quais seriam os requisitos para um filme ser considerado bom para a escola? Na sua aula?”

Para ser utilizado como recurso didático, é nesse sentido? Uma das coisas fundamentais é a linguagem para o estudante e a linguagem cinematográfica, que é uma linguagem que é a plasticidade, a construção dos personagens, a caracterização da época, o roteiro. A Segunda coisa é a linguagem no sentido da oralidade, quer dizer, o diálogo do filme. Eu vou dar um exemplo, eu tenho muito problema quando o filme não é dublado, eu perco tudo, essa é uma dificuldade porque na televisão de 29 polegadas, numa sala de 30, tudo bem, mas uma Tv de 29, numa sala de 50 já perde porque é distante, é pequeno, a qualidade de um filme para uma sala de aula. É isso, que ele consiga trazer para o jovem que está assistindo de uma maneira mais literária, emoção, retratação da época, situações de clareza, quer dizer, que o aluno ouça, entenda. Algumas pessoas acham que o ritmo é fundamental porque o adolescente precisa ter muito ritmo não pode ser um filme denso, por exemplo, eu passei o ... do Kurosawa e eles adoraram, muita gente não gostou, mas passando o tempo eles descobriram que era um grande filme para mostrar a questão da solidariedade, você pode ir embora desse lugar e esse lugar pronto para quem vier, independente de ter conhecido, isso é o personagem inglês, é um filme maravilhoso, é branco e preto, é legendado, é lento, é

introspectivo, o momento daquela neve caindo, só caindo, eu tentei conversar e cada aluno meu foi para um lugar porque é um momento que é só você e o personagem mediado pelo diretor.”

(Entrevista com Prof. Pedro)

Para os professores, os filmes considerados “bons” para serem usados na escola teriam várias funções, pois estariam: retratando épocas e situações, exemplificando e esclarecendo os temas; trazendo possibilidades de experimentar situações que não se viveu; principalmente, fazendo o aluno se emocionar, e assim, se sensibilizar para o assunto abordado.

Deve-se tomar cuidado para que, ao usar filmes, a “preocupação de tornar o ambiente escolar um lugar mais prazeroso não supere a preocupação de torna-lo um lugar mais reflexivo”⁶⁹, ou para que o entretenimento não seja predominante sobre a idéia de se ter uma educação voltada ao pensamento, mais democrática, empenhada na construção da independência intelectual do aluno.

Afinal, a escola é o lugar da comunicação entre os homens ou o lugar da transmissão de conhecimentos limitados e expressos nos conteúdos das disciplinas que foram determinados pelos PCNs?

Pois como nos diz Lourenço, “As imagens, quando muito, tocam, sensibilizam o ser humano em relação aos problemas que afligem a humanidade. Mas é o debate político e filosófico, a intensa troca de idéias e opiniões que caracterizam uma sociedade democrática e, portanto, um ensino

⁶⁹ LOURENÇO, Silene de A. G.. “Comunicação e (educação para o) mercado” in Revista thésis. Pág. 31. Revista dos alunos da Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. Ano 2, nº 4, São Paulo, Maio/2001.

democratizante.”⁷⁰ A aula é o lugar do diálogo, da comunicação entre os seres envolvidos nela.

“Assistir a um filme é se envolver com o que foi visto na tela, é criar vínculos afetivos com um ou vários personagens, tornando meus as suas dores, angústias, alegrias...”⁷¹ mas também procurar não se limitar quando a discussão e a análise seguir outras direções que não apenas reflexões sobre aspectos específicos da disciplina.

“Usar um filme de modo mais adequado é explorá-lo como obra de reflexão sobre a vida, o fazer humano, angústias, crises, a transcendência... É preciso reconhecer no filme não o assunto que ele registra, a narrativa que desenvolve, a descrição histórica que procura recortar, mas o olhar que seu autor lança sobre o mundo. Este é o nível de conhecimento que o filme permite, a discussão que ele traz para a escola, não contemplada por qualquer disciplina, embora parte indissociável de todas elas. Neste sentido, todas as disciplinas deveriam explorar o filme segundo princípios comuns e não seguindo os procedimentos específicos de análise da realidade próprios para cada uma delas.”⁷²

Trazer um filme para a escola necessita envolvimento, agilidade, ter consciência de que se vai lidar com o inesperado e o conflito, não se pode esperar uma aula controlada, cheia de regras preestabelecidas, certinha. Quando se está

⁷⁰ LOURENÇO, Silene de A. G.. “Comunicação e (educação para o) mercado” in Revista thésis. Pág. 31. Revista dos alunos da Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. Ano 2, nº 4, São Paulo, Maio/2001.

⁷¹ OLIVEIRA Jr., Wencesláo Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág. 9-10. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro, 1996.

acostumado a trabalhar com palavras e textos, ao se planejar e introduzir imagens nas aulas nem sempre ocorre aquilo que se espera, aquilo que foi determinado, além disso, uma aula que busque “extrapolar o tema estudado” significa a possibilidade da realização da pluralidade, onde o direcionamento do professor está inserido num contexto democrático de tolerância e respeito à individualidade, em que seu discurso tem a mesma validade de qualquer outro de seus alunos, e portanto o professor deve respeitá-lo.

“O importante é lembrar que para um filme caber na escola é preciso prepararmo-nos para que ele extrapole os muros dela, para conversar-mos sobre aquilo que ele diz a mais do que estava no programa.”⁷³

Podemos dizer que nem o professor, nem a escola (coordenação pedagógica), nem os PCNs, tem muito bem ao certo os alcances e limites do audiovisual e por isso muitas vezes o tomam apenas como algo complementar.

O fato do filme aparecer como um ilustrador de acontecimentos, exemplificando até conceitos, um instrumento que traz verdades, que faz o espectador entender-se enquanto testemunha ocular de um fato, fazendo ele sentir-se até conhecedor do que ocorreu, reitera uma concepção de escola retransmissora de valores e verdades, de um saber universalizante, reafirmando seu papel tradicional, no qual o filme se torna mais um instrumento agradável, que mexe com a sensibilidade dos alunos ao entrar na escola. Nesta relação o professor abre mão de deixar a sua marca, particular, o seu sinal em seu trabalho, deixando-se

⁷² BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 80. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

levar, muitas vezes, por caminhos pouco pessoais, mas legitimados e aceitos por todos, sem questionamentos ou dúvidas, caminhos mais previsíveis e controlados. “(...) Não é possível educar sem ensinar. Porém, a instrução exclusivamente não educa; não prepara para a sabedoria. Como vimos, o termo sabedoria contempla em si saber e também sabor. Deve-se sentir o sabor do conhecimento. Mas é preciso que, em educação, se tenha o desejo de ir sempre além. O conhecimento e a sabedoria podem ser complementares quando o professor se torna mestre. O mestre faz mais do que colocar os estudantes em contato com o conhecimento acumulado. O mestre transmite o saber, mas inscreve na transmissão sua própria marca pessoal; seu sinal. Mostra caminhos e revela segredos, com suor e com sangue descobertos.”⁷⁴

DA ESCOLA ENQUANTO LUGAR DO DIÁLOGO

Quando vistas fora da escola, as imagens são consideradas entretenimento, pois a escola é vista como o lugar próprio para a análise e reflexão e, no mundo fora dela, em casa por exemplo, essa na maioria das vezes não existiria. “(...) é interessante notar que, apesar dos alunos (também os professores) estarem cotidianamente aprendendo a viver e a pensar pelas chamadas linguagens “alternativas”, principalmente, televisão, cinema, música, aprendizagem essa que ocupa a maior parte do dia, essas linguagens são caracterizadas como entretenimento, diversão e as vêm como levianas, “culturais”, desprovidas de

⁷³ OLIVEIRA Jr., Wenceslão Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Pág. 12. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro, 1996.

⁷⁴ BOTO, Carlota. “ÉTICA E EDUCAÇÃO CLÁSSICA: VIRTUDE E FELICIDADE NO JUSTO MEIO” *in* Revista Educação & Sociedade, pág. 138-139, ano XXII, nº 76, Outubro/2001, Campinas, SP, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes).

conteúdo (...)”⁷⁵. Em casa não haveria a atenção devida e nem a análise crítica necessária. As imagens fora da escola são encaradas como entretenimento e diversão⁷⁶ e, ao serem introduzidas na escola, devem quase que necessariamente ter uma relação com o conteúdo abordado e, preferencialmente, serem criticadas e/ou analisadas, embora existam professores que as usam de forma despreocupada, para “matar o tempo”.

A escola é o lugar que transmite um saber universalizante de forma sistematizada e controlada, que prepara as pessoas para a vida em sociedade de forma padronizada, aceitando a subjetividade e a individualização do aluno – desde que estas estejam dentro da norma vigente e sejam controladas, não apresentado nada de inesperado.

A educação não pode ser entendida apenas como um processo de ensino que adapta e conforma o indivíduo a uma sociedade ou cultura a partir de algumas de suas habilidades, potencialidades e qualidades pessoais, as quais, seriam “linearmente” conduzidas, dirigidas, através das séries e dos conteúdos programados como pré-requisitos, e desenvolvidas no contexto escolar. “(...) Aprender não é uma aceitação ou internalização incondicional, mas um trabalho

⁷⁵ ALMEIDA, Milton José. Linguagens Alternativas do Ensino de História. Pág. 1. Comentários sobre as apresentações e resumos do “III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História”, Campinas, 1997.

⁷⁶ Porém, de acordo com OLIVEIRA JR., Wencesláo Machado de, em A CIDADE (TELE) PERCEBIDA, pág. 58, há uma diferença fundamental entre a televisão e o cinema, pois o espectador de cinema “escolhe” aquilo que vê, “se “aconchega” na cadeira da sala escura em busca – de estórias, lugares, tempos – ou em fuga – de sua estória, lugar, tempo... Senta-se e se dispõe a ver o que a projeção oferece. Ele optou, e pagou, para se embeber, se esquecer, nas imagens. Ir ao cinema significa uma parada ou desvio na rotina do dia-a-dia.” Já o telespectador da televisão, olha distraidamente, se interessa por uma ou outra coisa ao olhar, assistir TV é uma atitude eventual, acidental, dispersiva e distraída (Arlindo Machado, “O vídeo e sua linguagem in Revista da USP – Dossiê Palavra/Imagem, São Paulo,1993, pág. 15). “A televisão faz parte do cotidiano, e estar com ela ligada não significa estar assistindo algum programa, mas sim estar à espera de que alguma

formativo, não conformação, mas conformação.”⁷⁷ O processo de ensino sofre influências e interferências diversas de uma grande variedade de contingências e portanto gera conseqüências completamente imprevistas e inesperadas. É este o caso da presença de filmes na escola, objeto da cultura que não foi elaborado especificamente visando o ensino dentro da instituição escolar⁷⁸, que pode gerar o inesperado, a surpresa, boa ou não, dificultando o trabalho ou “extrapolando os muros da escola”.

Isso revela que apenas aparentemente as pessoas convivem, no ambiente escolar com normas e valores estáticos e estáveis, com objetivos neutros determinados e imutáveis, repleta de imposições, que dão uma aparência de ordem, de transparência e de certezas com relação às conseqüências da formação do indivíduo. É neste ambiente que também pode surgir o inesperado, o particular. Neste contexto, a escola pode aprender a trabalhar com a individualidade, exercitando a tolerância, a pluralidade, amenizando conflitos pessoais e sociais, em direção a um consenso.⁷⁹ Os objetos da cultura entram na escola pela “porta da frente” pois pode-se determinar o que vai se fazer na escola, nas aulas, seja através dos PCNs, do planejamento anual da disciplina, seja através da ordem existente dentro da escola, mas o que realmente acontece e as conseqüências do que se faz

imagem o atraia até ela. Certamente algo espetacular, fora do normal”(OLIVEIRA Jr., Wenceslão Machado de. Idem, pág. 58).

⁷⁷ GOERGEN. Pedro. “EDUCAÇÃO MORAL: ADESTRAMENTO OU REFLEXÃO COMUNICATIVA?” *in* Educação & Sociedade, ano XXII, PÁG. 166, nº 76, Outubro/2001, Campinas, SP, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes).

⁷⁸ Os vídeos utilizados não foram feitos para a escola, são estórias, produtos culturais que geralmente se originam da indústria cultural e visam o comércio, o lucro, pela venda a seus telespectadores, consumidores determinados. Sua utilização na escola nem sempre leva isso em consideração, colocando como relevante apenas o conteúdo, deixando de lado as condições de produção, mercado, transmissão e consumo.

⁷⁹ Para as idéias que geraram este parágrafo Cfr. GOERGEN. Pedro. “EDUCAÇÃO MORAL: ADESTRAMENTO OU REFLEXÃO COMUNICATIVA?” *in* Educação & Sociedade, ano XXII, PÁG. 167, nº 76, Outubro/2001, Campinas, SP, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes).

muitas vezes não é esperado e até mesmo foge ao controle do professor, do diretor, da ordem estabelecida.

Os filmes poderiam ajudar a transformar essa educação, pois como nos escreve Bruzzo, "a chegada do filme de ficção à escola, pelo contrário, remexe com a idéia de padronização, porque, quem o utiliza com esse fim, cedo ou tarde, vai se defrontar com dificuldades. Todavia o professor que procura exatamente a diversidade, terá no cinema um apoio estimulante."⁸⁰ E embora os professores apenas procurem métodos e dicas de atuação que facilitem seu trabalho, os filmes trazem situações novas cujas condutas nem sempre são previstas e esperadas por estes, como foi dito anteriormente. Mesmo com todo controle e restrições que a instituição escolar impõe, sendo esta considerada "por natureza,(...) o espaço da transmissão de conhecimentos, não da criação" ⁸¹, onde o "professor não é visto como um potencial produtor de saber, entretanto o que acontece em sala de aula varia segundo a capacidade de inovação de cada docente" ⁸², este mesmo professor tem possibilidades de atuação que marcam e superam, ou não, esta educação tradicional. Pois é como ele "se relaciona com o conhecimento, como se situa na elaboração de uma prática pedagógica própria, que leve em conta a especificidade de seus alunos e da realidade que o cerca"⁸³ que vai marcar seu trabalho e abrir possibilidades para uma educação "diferente".

⁸⁰ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 135. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

⁸¹ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 124. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

⁸² BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 124. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

⁸³ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 125. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

A introdução de filmes na escola poderia representar uma concepção de educação não tradicional, o que é de fundamental importância para a transformação da escola e do ensino de um modo geral. Um dos caminhos que Bruzzo nos indica seria que “os professores deveriam se preocupar em criar condições para que o aluno pudesse se aproximar do cinema de um modo mais amplo, entrando em contato com filmes que ele não tem a oportunidade de ver normalmente e de conhecer um pouco da diversidade da produção fílmica mundial, ultrapassando a concepção conteudística do ensino para entender a escola como o lugar que deve favorecer ao aluno o acesso à cultura em suas diferentes manifestações. Para isso, entretanto não basta que o professor conheça e goste de cinema, é preciso que ele seja mais do que um consumidor”.⁸⁴ Esta preocupação esteve presente, durante a entrevista de um dos professores, conforme relato abaixo:

“Quais seriam os requisitos para um filme ser considerado um bom filme para a escola, ou até mesmo bom para as aulas de sociologia?”

O que eu procuro nos filmes eu já te disse mais ou menos. Um filme que leve eles a pensarem no sentido de sentir, que mexa com o sentimento deles, que mexa com a percepção deles. É isso que eu procuro. Agora, não necessariamente, se você puder ter um espaço, por exemplo, no CEFAM tinha a videoteca, tinha filmes que não eram assim... tinha vários filmes que, comédia, assim uma comédia também pode ser utilizada pra você, para mexer com a percepção. Não vejo problema também de você ter na escola um espaço para você assistir um “Batman”, assistir “Titanic”, sei lá, não há nenhum problema nisso. Agora eu acho o seguinte, que uma das tarefas da gente, eu acho que assim, por exemplo, pensando do ponto de vista do professor de artes, é você

⁸⁴ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 136. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

estimular a eles verem um outro tipo de filme, uma outra estrutura de imagem que não seja a que é veiculada pelos meios de comunicação de massa, então dar oportunidade para eles verem outros tipos de filmes, não que você deva proibir, mas você, eu acho que você deveria estimular um outro tipo de imagem de cinema.

Filmes que não estão no...

No mercado, que não são... filmes que estão fora do mercado. Para criar um certo gosto. Mexer com o gosto deles pelo cinema.”

(Entrevista com Prof. José)

Além disso, o acesso e o contato com outra linguagem que não a que estão acostumados diariamente nas aulas, a linguagem oral e escrita, abre novas possibilidades ao aluno e ao professor e ao ensino de uma forma geral. Ao se utilizar desta linguagem, o professor está trazendo a seus alunos, mais do que mera ilustração, uma nova forma de conhecer e de construir o conhecimento, repleta de significações, pontos de vistas, discursos, tornando o processo de ensino com maiores condições de despertar interesse, curiosidade, “desejo de saber, organizar e confrontar idéias”⁸⁵. Dessa forma, não só amplia a bagagem cultural do aluno, mas também, possibilita que ele construa e reconstrua o conhecimento, dando significados às coisas do mundo, exercitando sua participação e a compreensão do outro.

Sabemos que os institutos educacionais no Brasil, como por exemplo as escolas tradicionais e religiosas e até mesmo escolas públicas, há tempos já utilizavam audiovisuais, principalmente filmes documentais, em suas aulas,

⁸⁵ NOVA, Cristiane. NOVAS LENTES PARA A HISTÓRIA: uma viagem pelo universo da construção da História e pelos discursos audio-imagéticos. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

visando o aprendizado de seus alunos⁸⁶, mas é o controle mais ou menos rígido da análise e o tipo de filme utilizado que vão dar legitimidade e possibilitar uma transformação na aula e no ensino. Para os professores ainda o formato do filme tem sua importância balizada num maior ou menor poder de atrair a atenção dos alunos. O que determinaria a transformação ou o continuísmo da forma padronizada da escola não seria este poder de atração, mas, sobretudo, o direcionamento que o professor daria em sua análise.

Uma educação e ensino baseados na transmissão de conhecimentos pré-determinados e de comportamentos valorizados e pré-estabelecidos podem sofrer transformações com o uso de filmes numa educação onde a ênfase fosse dada na argumentação, reflexão e na comunicação entre as pessoas que dela participam. No filme, o indivíduo poderia encontrar mais uma forma de “entender-se no mundo”⁸⁷, de conhecer e estar consciente de sua posição no mundo e na sociedade em que vive, dos problemas e das contradições dessa sociedade, de como ela se apresenta, se organiza e funciona e, a partir daí, de exercitar e fortalecer suas opiniões e posições, se entendendo enquanto ser social com capacidade para continuá-la e/ou transformá-la.⁸⁸

⁸⁶ Cfr., a esse respeito, BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Capítulo Seis: “A espera do espectador”. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995.

⁸⁷ Como nos escreve OLIVEIRA Jr., Wenceslão Machado de. “FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente.” Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, Outubro de 1996. “É por demais importante decodificar uma linguagem para se movimentar melhor com os produtos por ela produzidos, nos tornando seres mais próximos dos mundos por ela criados. Só entendendo melhor o que é audiovisual, principalmente a sua produções fílmicas, é que poderemos usá-lo de maneira mais tranqüila e satisfatória. Talvez, para nós professores, só haja uma coisa mais importante que isto: conseguir fazer com que nossos alunos possam aprender esta linguagem ao mesmo tempo em que eles se utilizam dela como uma maneira de entender-se no mundo. Por enquanto este é um dos nossos desafios.”

⁸⁸ A respeito da importância de tomar a escola como o lugar de uma “reflexão comunicativa” visando a formação do indivíduo, capaz de ter suas opiniões e tomar suas próprias decisões na direção de uma transformação social mais consciente Cfr. GOERGEN. Pedro. “EDUCAÇÃO MORAL:

Como nada garante um bom trabalho é preciso que o professor fique sempre atento à sua prática, sem medo de errar ou inovar. Deixar transparecer de que ponto está falando ou analisando, contextualizar a todo momento a suas posições, os conceitos e temas abordados, ter claro o objetivo que deseja alcançar, ter um método mais claro tanto na escolha do filme quanto na forma de abordá-lo, não se limitar em mostrar e buscar uma metodologia que lhe pareça mais correta e neutra, refletir sobre ela e suas possibilidades e alcances, geralmente aquela baseada em sua formação, e ter em mente que o que “dá certo” para uma classe pode não dar para outra (sua análise é temporal e momentânea e portanto deve sempre ser revista e repensada, pois o ofício de professor é intelectual e “produtivo”, senão corre o risco de ser repetitivo e ultrapassado) são algumas das premissas e tentativas de um professor que não tem medo de trazer para sua aula algo que pode incomodar, provocar transformações, inseguranças e incertezas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de uma abordagem reflexiva sobre o uso dos audiovisuais, filmes e programas de TV nas aulas de Sociologia do ensino médio, a partir do impacto destes no processo de ensino aprendizagem trouxe à tona, apesar da aparente tentativa de inovação, presente na inclusão de filmes nas aulas, o reconhecimento de que a educação e o ensino trazem consigo o peso do tradicional, do continuísmo e da manutenção da ordem social hegemônica vigente. Não é o filme na escola que provoca mudanças, mas o uso que se faz dele, como é encarado, demonstrados através da postura do professor frente à escolha, análise e relacionamento com seus alunos e com a instituição escolar como um todo.

Através da análise dos relatos dos professores sobre seus trabalhos com audiovisuais, constatamos suas dificuldades e incertezas na escolha, reflexão e análise dos filmes utilizados. Dificuldades encontradas, principalmente, ao lidarem com a linguagem do audiovisual dentro da escola e, também, por não terem noção do alcance, dos limites e das possibilidades desta forma de expressão dentro da sala de aula em seu trabalho. Além disso, foi possível perceber um grande distanciamento da instituição escolar com relação aos discursos audiovisuais, suas possibilidades e limites.

Observou-se que os professores reconhecem a importância do uso de filmes em suas aulas, pois acreditam que estes tragam a possibilidade de um ensino que, não só racional ou empírico, permite que o aluno aprenda o conteúdo de outras formas, através do prazer, da dor, ou..., estimulando sua imaginação, afetividade e sua percepção (que é subjetiva e particular), “experienciando”, vivendo e, com isso, tendo possibilidades de fazer uma reflexão sobre o que viveu e gerar discussões posteriores em sala.

A análise, no entanto, ainda tem por base um discurso estruturado na abordagem linear da escrita, no direcionamento da observação e da percepção do aluno, impondo-lhe uma lógica pré-estabelecida, na crença de que o discurso do professor nem sempre é neutro mas é o mais apropriado, correto e verdadeiro, pois é baseado na Sociologia e portanto pode substituir qualquer outro.

O filme ou programa de TV encarados como um ‘fato’ da sociedade que o produziu, é pensado como um instrumento que ilustra conceitos e idéias, retrata e comprova um “ponto de vista” desta sociedade, e traz consigo uma verdade que ao ser compartilhada pelo professor torna-se inquestionável, e quando não, é totalmente criticada, pensada como uma “falsa consciência” a ser esclarecida. Este trabalho no entanto pensa o filme (vídeo, cinema e programas de TV) como uma narrativa própria, fonte de informações e conhecimento, produto de uma cultura que a reflete e a refrata não de forma direta, ordenada, como cópia fiel do real, mas sim, capaz de gerar a partir dos indícios e vestígios que traz, reflexões acerca do social, do individual e de questões existenciais sobre o ser humano. Uma narrativa que possui uma forma ideológica inerente e determinada histórica e socialmente, mas que pode através de sua análise revelar e tornar consciente, para o sujeito, o mundo em que está inserido e a posição que integra. Portanto, o espectador não é visto como uma testemunha ocular, alguém que confirma e comprova o que ocorreu em “frente a seus olhos” mas um indivíduo que, ao interagir com o que vê, percebe, sente, revive momentos e sensações, faz um retrospecto, memoriza, dá, elabora e reelabora significados, dando sentido ao que é visto, pensando e repensando, gerando reflexões.

Os professores ao usarem filmes em suas aulas deve ter claro que o filme não é prova de algo que aconteceu e nem revelador de verdades inquestionáveis. Talvez apenas a ligação com a temática sociológica não seja suficiente para que um

filme se torne um objeto da cultura relevante para a investigação e análise em aula. A consciência da concepção de Sociologia que utiliza, possíveis conhecimentos acerca da linguagem cinematográfica, reflexões constantes sobre sua abordagem, posicionamentos em que o fundamental não seja o direcionamento opressivo, ajudará o professor a fazer uma análise mais criativa, espontânea, com uma marca própria, que se volta para si mesmo, buscando um entendimento sobre o mundo e sobre si mesmo, sem desconsiderar o seu modo de perceber (sua percepção) e as ideologias que subjazem a todos os discursos e linguagens, nem os valores socialmente pré-determinados. “Toda interpretação deve incluir uma interpretação de sua própria existência, deve examinar suas próprias condições de possibilidade.”⁸⁹ Todo pensamento deve voltar-se para si mesmo para ao se posicionar, entender-se.

Acreditamos que a utilização dos recursos audiovisuais na escola pode trazer uma reestruturação nas formas de ensino pois implicará na introdução de um “elemento estranho à escola, perturbador da normalidade e, portanto, não satisfatoriamente adaptável às técnicas de ensino convencionais. Este é o papel que o cinema acaba representando em sala de aula (...)”⁹⁰ além de trazer a possibilidade de se “dar uma aula diferente” e de fazer da escola um lugar que possa extrapolar o repasse do “conhecimento acumulado” tornando-se um lugar privilegiado para se conhecer e pensar o mundo”⁹¹.

⁸⁹ JAMESON, Fredric. PÓS-MODERNISMO: a lógica cultural do capitalismo tardio.

⁹⁰ BRUZZO, Cristina. O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador. Pág. 125. Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1995..

⁹¹ OLIVEIRA Jr., Wenceslão Machado de.- FILMES E PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente. Pág. 9-10. Texto que deu origem a uma palestra apresentada a futuros professores das Faculdades Integradas “Maria Imaculada”, Mogi-Mirim, 1996.

A abordagem feita sobre as experiências desses professores apontou para a necessidade, ao se utilizarem das linguagens audiovisuais em suas aulas, de uma reflexão e abordagem mais criativa, sensível, argumentativa, baseada no diálogo, não se limitando ao uso de filmes como mero recurso auxiliar didático. Mas, o contato com esse discurso áudio-imagético, que traz outros modos de perceber e conhecer de outras formas, agradáveis ou não, apontou também para a necessidade de uma abordagem aberta, a todo momento repensada, preparada para o novo e para o aparecimento de diferentes idéias e opiniões, para que o filme e a reflexão realizada sobre ele extrapolem os limites da escola, sem restrições quando ultrapassarem as expectativas e o conteúdo da disciplina, não determinando ou limitando o pensamento dos alunos, mas estruturando suas subjetividades de forma responsável e reflexiva, tornando o espaço escolar um lugar para o conhecimento, e para o exercício da interdisciplinaridade, da pluralidade e da “reflexão comunicativa”⁹².

⁹² Sobre este conceito cfr. GOERGEN. Pedro. “EDUCAÇÃO MORAL: ADESTRAMENTO OU REFLEXÃO COMUNICATIVA?” *in* Educação & Sociedade, ano XXII, nº 76, Outubro/2001, Campinas, SP, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W.: "A indústria cultural" in **Comunicação e Indústria Cultural** - Companhia Editora Nacional, São Paulo, SP, 1971.
- ADORNO, Theodor W.: "Televisão, consciência e indústria cultural" in **Comunicação e Indústria Cultural** - Companhia Editora Nacional, São Paulo, SP, 1971.
- ALMEIDA, Milton José de. **CINEMA E TELEVISÃO: Histórias em imagens e som na moderna sociedade oral**. Org. Cristina Bruzzo e Antônio Rebouças Falcão - Coleção Lições com Cinema nº5 - 2ª edição - Fundação para o Desenvolvimento da Educação - São Paulo - 1993.
- ALMEIDA, Milton José de. **IMAGENS E SONS: a nova cultura oral**. - Coleção Questões da Nossa Época - Volume 32. Editora CORTEZ. - São Paulo - 1994.
- ALMEIDA, Milton José de. "Uma Representação Cinematográfica Da Violência" - Estudo a partir do filme *A Marca da Maldade*, dirigido por Orson Welles - Lab. Est. Audiovisuais - OLHO - Faculdade de Educação - UNICAMP - Campinas, S.P.
- ALMEIDA, Milton José de. "Linguagens alternativas do ensino de História" - comentários sobre as apresentações e resumos do III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História - Campinas, 1997.
- ALMEIDA, Milton José de. **CINEMA - ARTE DA MEMÓRIA E DA SOCIEDADE**. Versão preliminar elaborada para o curso de pós-graduação Cultura, Educação e Imagem da Faculdade de Educação - UNICAMP - campinas, S.P., 1º Semestre de 1998.

- ALMEIDA JR., João Baptista de. **IMAGEM E CONHECIMENTO: análise das concepções representacionista e fenomenológica e suas implicações na educação** - Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Campinas, SP - 1997.
- ALVES, Alda Judith. "O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação" - Cadernos de Pesquisa - São Paulo (77): 53-61, maio 1991.
- ATRATOR-ESTRANHO. "Imprensa sensacionalista e pós-modernidade" - Revista do grupo "Nova Teoria da Comunicação", Ano 1, nº 1, USP, São Paulo, S.P., março, 1993.
- AUMONT, Jacques. **A IMAGEM** - Coleção Ofício de Arte e Forma - 2ª Edição. PAPIRUS Editora - Campinas, SP - 1995.
- BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **OS NOVOS MODOS DE COMPREENDER: a geração do audiovisual e do computador**. Edições Paulinas, São Paulo, 1989.
- BACCEGA, Maria Aparecida. "Conhecimento, informação e tecnologia" in Revista Comunicação e Educação, Ano IV, Nº 11, págs. 7-16, janeiro/abril, São Paulo, 1998.
- BACCEGA, Maria Aparecida org.: "Televisão como Mito e Ritual", Revista Comunicação e Educação, Ano I, Nº 1, págs. 47-55, SET., São Paulo, S.P., 1994.
- BENJAMIN, Walter. "A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica" **in Obras Escolhidas I** - Editora Brasiliense - São Paulo - 1985.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema?** - Coleção primeiros passos, Editora Brasiliense, São Paulo, S.P..
- BERNARDET, Jean-Claude e RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e História do Brasil**. Coleção Repensando a História, Editora Contexto, São Paulo, S.P., 1994.
- BOTO, Carlota. "Ética e educação clássica: Virtude e felicidade no justo meio" **in** Revista Educação & Sociedade, ano XXII, nº 76, Outubro/2001, Campinas, SP, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes).

- BRUZZO, Cristina. **O CINEMA NA ESCOLA: o professor, um espectador.** Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - 1995.
- CALADO, Isabel. **A utilização educativa das imagens.** Série Mundo dos Seres - Editora Porto, Porto, Portugal, 1994.
- CALLIGARIS, Contardo - "*Kids*" **in Crônicas do individualismo cotidiano.** Editora Ática, São Paulo, S.P., 1996.
- CALVINO, Ítalo. "Visibilidade" **in SEIS PROPOSTAS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO.**
- CÉSAR, Maria Rita de Assis - "*Kids*: Fragmentos de uma morte anunciada (?)" **in A invenção da "Adolescência" no discurso psicopedagógico.** Dissertação de mestrado da Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação, Campinas, S.P., 1998.
- CHAUÍ, Marilena - "Janela da alma, espelho do mundo" **in O OLHAR,** Editora Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1995.
- ECO, Umberto. **APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS.** Editora Perspectiva. Coleção debates, nº 19, 5ª edição. São Paulo, 1993.
- ECO, Umberto. **VIAGEM NA IRREALIDADE COTIDIANA.** Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, R.J., 1983.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e Loucura e outros ensaios.** Editora Ática. São Paulo, 1995.
- FRANCASTEL, Pierre. **A REALIDADE FIGURATIVA: elementos estruturais de sociologia da arte.** Editora Perspectiva, São Paulo, 1973.
- FRANCO, Marília da Silva. "A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais" **in CINEMA: uma introdução à produção cinematográfica.** Org. José Geraldo Couto. Coleção Lições com Cinema nº1, 2ª edição, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, São Paulo, 1993.

- FRANCO, Marília da Silva. "Prazer audiovisual" **in** Revista Comunicação e Educação, Ano I, Nº 2, págs. 49-52, janeiro/abril, São Paulo, 1995.
- GOERGEN, Pedro. "Educação moral: Adestramento ou reflexão comunicativa?" **in** Revista Educação & Sociedade, ano XXII, nº 76, Outubro/2001, Campinas, SP, Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes).
- GUIA Neto, Walfrido Silvino dos Mares. "Educação para a cidadania" **in** Revista Comunicação e Educação, Ano I, Nº 3, págs. 81-87, maio/ago., São Paulo, S.P., 1995.
- HAUSER, Arnold. "A ERA DO FILME" **in HISTÓRIA SOCIAL DA LITERATURA E DA ARTE**. Tomo II, oitava parte, Editora Mestre Jou, São Paulo, SP.
- HOBBSAWN, Eric. **ERA DOS EXTREMOS: O breve século XX 1914-1991**. Editora Companhia das Letras, São Paulo, S.P., 1998.
- JAMESON, Fredric. **AS MARCAS DO VISÍVEL**. Editora Graal, Rio de Janeiro, R.J., 1995.
- JAMESON, Fredric. **PÓS-MODERNISMO: A lógica cultural do capitalismo tardio**. Editora Ática, São Paulo-S.P., 1996.
- LOURENÇO, Silene de A. G. "Comunicação e (educação para o) mercado" **in** Revista Thésis, Revista dos alunos de pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, Ano 2, nº 4, São Paulo, Maio de 2001.
- MCLUHAN, Marshal. **OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO como extensões do homem (understanding media)**. Editora Cultrix, São Paulo, S.P., 1964.
- MARTINS, Carlos Benedito. **O que é Sociologia**. Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, São Paulo, S.P., 1996.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. "Cidade virtual: novos cenários da comunicação" **in** Revista Comunicação e Educação, Ano IV, Nº 11, págs. 53-67, janeiro/abril, São Paulo, 1998.

- MATTELART, A.: "Cap. 5 - As Séries da Teleducação Americana: Uma Rua de Mão única" **in Multinacionais e Sistemas de Comunicação**. Livr. De Ciências Humanas, 1976.
- MORÁN, José Manuel. "O vídeo na sala de aula" **in** Revista Comunicação e Educação, Ano I, Nº 2, págs. 27-35, janeiro/abril, São Paulo, 1995.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no séc. XX: o espírito do tempo**. Forense Editora, Rio de Janeiro, R.J., 1967.
- NOVA, Cristiane. **NOVAS LENTES PARA A HISTÓRIA: uma viagem pelo universo da construção da História e pelos discursos audio-imagéticos**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **A CIDADE (TELE)PERCEBIDA: em busca da atual imagem do urbano**. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação - Campinas, S.P., 1994.
- OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **"FILMES & PROFESSORES: momentos de uma oralidade muito presente."** Texto que deu origem a uma palestra para futuros professores nas Faculdades Integradas "Maria Imaculada", Mogi-Mirim e Mogi-Guaçu, S.P., Outubro de 1996. Também encontrado em Revista **PRO-POSIÇÕES**, Vol.10, nº 28, março de 1999, Faculdade de Educação, UNICAMP.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. "O olhar do estrangeiro" **in O OLHAR**, Editora Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1995.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. "Ver o invisível- a ética das imagens" **in ÉTICA**, Editora Companhia das Letras, São Paulo, SP.

- PEREIRA DE QUEIROZ, M^a Isaura. "Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível' **in Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. Org. de von Simson, Olga - São Paulo - Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- PIGNATARI, Décio. "O paleolhar da televisão" **in O OLHAR**, Editora Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1995.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. "Que pode a escola diante do fascínio da TV?" **in Multimeios aplicados à educação: uma leitura crítica**. Org. Ymair Helena Truffi e Luiz Antônio Carvalho Franco - Série IDÉIAS, 9 - Fundação para o Desenvolvimento da Educação, São Paulo, 1990.
- ROCHA, Antônio Penalves. **O filme: um recurso didático no ensino da História?** Org. Cristina Bruzzo e Antônio Rebouças Falcão - Coleção Lições com Cinema n^o2, 2^a edição, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, São Paulo, 1993.
- ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. "Os Meios de Comunicação de Massa nas Aulas de História" **in** Revista Comunicação e Educação, Ano I, N^o 3, págs. 81-87, maio/ago., São Paulo, S.P., 1995.
- SALIBA, Elias Thomé. "A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica" **in** org. Cristina Bruzzo e Antônio Rebouças Falcão - Coleção Lições com Cinema n^o1 - Fundação para o Desenvolvimento da Educação, São Paulo, 1993.
- SANCHO, Juana. "A tecnologia: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência". **In** Para uma tecnologia educacional. Pág. 43. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- SARANDY, Flávio Marcos Silva. "Reflexões acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio" **in** site Política e Ciências Sociais, <http://www.politica.pro.br>.
- SOARES, Ismar de Oliveira. "A nova LDB e a formação de profissionais para a inter-relação Comunicação/Educação" **in** Revista Comunicação e Educação, Ano I, N^o 2, págs. 21-26, janeiro/abril, São Paulo, 1995.

- TARDY, Michel. **O PROFESSOR E AS IMAGENS**. Editora Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.
- TRIGO, M^a Helena Bueno e BRIOSCHI, Lucila Reis. "Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas." **in Ciência e Cultura**, S. Paulo - 39(7): 631-637, julho, 1987.
- TRIGO, M^a Helena Bueno e BRIOSCHI, Lucila Reis. "Interação e comunicação no processo de pesquisa" **in Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica**. Org. Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo - S. Paulo - CERU, Coleção Textos n^o 3, 2^a série, 1992.
- XAVIER, Ismail (org.). **A EXPERIÊNCIA DO CINEMA**. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1983.
- XAVIER, Ismail. **O DISCURSO CINEMATOGRAFICO: a opacidade e a transparência**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1984.
- XAVIER, Ismail, "Cinema: revelação e engano" **in O OLHAR**, Editora Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1995.
- WHITE, Robert. "Televisão como Mito e Ritual" **in Revista Comunicação e Educação**, Ano I, N^o 2, págs. 27-35, janeiro/abril, São Paulo, 1995.